



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar
Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar**

**A dimensão subjetiva da ação de mulheres catadoras em novo contexto socioprodutivo:
contribuições da teoria cultural-histórica da subjetividade**

Luciana da Silva Oliveira Lemes

Brasília

2024

**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar
Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar**

**A dimensão subjetiva da ação de mulheres catadoras em novo contexto socioproductivo:
contribuições da teoria cultural-histórica da subjetividade**

Luciana da Silva Oliveira Lemes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar do Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar, na área de concentração Desenvolvimento Humano e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maristela Rossato

Brasília

2024

Luciana da Silva Oliveira Lemes

**A dimensão subjetiva da ação de mulheres catadoras em novo contexto socioprodutivo:
contribuições da teoria cultural-histórica da subjetividade**

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Dra. Maristela Rossato
Universidade de Brasília - UnB
Orientadora**

**Prof.^a Dra. Maria da Graça Marchina Gonçalves
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP
Examinadora externa**

**Prof.^a Dra. Geandra Cláudia Silva Santos
Universidade Estadual do Ceará - UECE
Examinadora Externa**

**Prof.^a Dra. Sayonara Leal
Universidade de Brasília - UnB
Examinadora interna**

**Prof.^a Dra. Albertina Mitjans Martínez
Universidade de Brasília - UnB
Examinadora interna**

Agradecimentos

Às mulheres participantes da pesquisa, por tudo que vivi e pela confiança durante os encontros e conversas mais íntimas, uma abertura que possibilitou a produção do livro e da tese.

À Secretaria de Educação do Distrito Federal, em especial, aos colegas da EAPE, pela atenção com o processo de afastamento concedido, sem o qual não poderia desenvolver a pesquisa.

Ao PGPDE, pelo respeito e cuidado com estudantes do Programa, em especial a equipe do LabNEDH, a colega Ana Tereza, as professoras Isabelle Chariglione e Wilsa Ramos, por todo apoio e conhecimento compartilhado durante o doutorado.

À querida professora Maristela Rossato, por todo conhecimento e apoio durante a pesquisa. Pelos anos de orientação, com rigor e sensibilidade, que me possibilitaram viver duas desafiadoras experiências ao mesmo tempo, o doutorado e a maternidade.

À professora Albertina Mitjás Martínez, por todo conhecimento e carinho desde o início da minha formação como pesquisadora. Agradeço por sua leitura criteriosa e contribuições nesta tese.

À professora Sayonara Leal, pela acolhida e partilha do conhecimento de uma nova área e campo de estudos. Agradeço, ainda, a abertura de oportunidades e a cessão de uma sala exclusiva, essencial para a escrita da tese.

À professora Maria da Graça Gonçalves, pelas trocas de ideias, pela dedicação à leitura do texto e pelo apoio às sugestões desde a banca de qualificação.

À professora Geandra Santos, colega do grupo de estudos, pelo apoio cuidadoso na leitura e contribuições da pesquisa desde a banca de qualificação.

À Isa, pela alegria do encontro. Por suas fotografias e poesias, pela dedicação e envolvimento na construção do livro.

Aos colegas do grupo de estudos e trabalho, Subjetividade: teoria, epistemologia e metodologia, por todos os anos de conhecimento e possibilidade de aprofundamento na Teoria da Subjetividade.

Aos colegas do grupo de pesquisa da Sociologia, Ayô, Bárbara, Estela, Helena, Luísa, Pedro, Tamara, Yorrana, em especial, as queridas Mariana e Evelyn, com quem pude conviver mais de perto.

Aos colegas do grupo de estudos GEDESU e aos colegas do grupo de doutorado, em especial, as companheiras Elaine, Francisca, Geane, Telma e Stela, pela parceria e pelos dias, noites e madrugadas de desabafos e encorajamento durante o doutorado.

Às amigas do grupo GPEIS, Cristina, Carol e Rhaisa, por nosso eterno dente de leão e por todas as experiências acadêmicas que fizeram parte da minha trajetória.

Ao companheiro Hernany, pela amizade, reencontro na universidade e por me aproximar de tantas pessoas essenciais ao desenvolvimento da pesquisa.

Ao amigo Kauê, pela amizade de longa data, troca de ideias, incentivo durante o doutorado e apoio no conhecimento em inglês.

À minha amiga Val, por nossa amizade e pelo 'pouco de cada dia', a mais bela expressão de nosso cotidiano.

Às minhas amigas de tantos grupos e lugares especiais, com quem aprendo a ser mulher, amigas de profissão e vida que me movem. Obrigada, Ângela, Amandinha, Clau, Dani, Débora, Eliane, Flavinha, Gabi, Hélia, Íris, Jaque, Jaquinha, Latife, Marília, Niara, Tati, Vivian.

Aos meus irmãos, Bruno e Marcos, pelo amor que nos une e pelo incentivo durante o doutorado. À Letícia e ao João, anjos que iluminam meus dias e aquecem meu coração.

Aos meus pais, pela presença em minha vida. À minha mãe, em especial, por assumir inteiramente Helena em cada necessidade durante o doutorado.

Ao Sinval e à Helena, amores da minha vida, pelo 'abraço de família' que me sustentou diariamente, em cada momento do doutorado, desde que era apenas uma ideia.

Resumo

O objetivo central da pesquisa foi compreender como a inter-relação entre o social e o individual constitui a configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras. Como ponto de partida, realizou-se uma revisão da produção científica sobre a temática do social no contexto da Psicologia Social Crítica Latino-Americana e na Teoria da Subjetividade, em que se identificaram aproximações com a temática de pesquisa orientada à abertura de novos focos de exploração. Em relação ao aporte teórico, fundamentou-se na Teoria da Subjetividade, na perspectiva cultural-histórica, em particular na categoria configuração subjetiva da ação, como via compreensiva da ação configurada em nível individual e social, e da configuração subjetiva social do trabalho da catação, como via compreensiva dessa ação configurada na subjetividade social de uma instituição de catadores de materiais recicláveis, sob regime de uma cooperativa. Em congruência ao referencial teórico a pesquisa orientou-se pelos princípios da Epistemologia Qualitativa e suas expressões na Metodologia Construtivo-Interpretativa para o estudo dos casos de mulheres catadoras, seu grupo constituído por dez mulheres e uma cooperativa da qual estavam vinculadas. A construção da informação apoiou-se nos seguintes procedimentos e instrumentos de pesquisa: análise documental; observação participante; complemento de frases; dinâmicas conversacionais individuais e em grupo; construção de um livro; sessões fotográficas. A partir da realização da pesquisa as conclusões versam sobre: a) a configuração subjetiva da ação como via de representação teórica à compreensão das inter-relações entre subjetividade individual e subjetividade social; b) a ação, como configuração motivacional, em nível individual e social, evidenciando a emergência do sujeito e do agente em contextos e processos de desigualdade social; c) a catação, ação concomitantemente configurada, no âmbito da subjetividade individual e da subjetividade social, evidenciando o caráter gerador e subversivo da mulher catadora e de seu grupo, constituído por contradições perante as desigualdades sociais vividas historicamente em outros contextos. Com base nas construções apresentadas, defende-se tese de que a configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras se constitui subjetivamente, em nível individual e social, pelo modo como a configuração subjetiva da ação e uma configuração subjetiva social da instituição – o trabalho de catação – constituem-se como configuração motivacional tanto para a pessoa quanto para o grupo, possibilitando evidenciar a emergência do sujeito e do agente em contextos e processos de desigualdades sociais.

Palavras-chave: Catação. Mulheres catadoras. Subjetividade.

Abstract

The central objective of the research was to understand how the interrelation between the social and the individual shapes the subjective configuration of women recyclers' actions. As a starting point, a review of scientific literature on social theme within the context of Critical Latin American Social Psychology and Subjectivity Theory was conducted, identifying connections that opened new avenues for exploration. The theoretical approach was based on the Theory of Subjectivity, in particular, the cultural-historical perspective, in the category of subjective configuration of action, as a comprehensive way of action configured at an individual level and the social subjectivity of space, as well as the social subjective configuration of the work of waste pickers, as a comprehensive way of this action configured in the social subjectivity of an institution of collectors of recyclable materials, under the regime of a cooperative. In congruence with the theoretical framework, it was guided by the principles of Qualitative Epistemology and its expressions in the Constructive-Interpretative Methodology for the study of cases of women waste pickers, a group consisted of ten women and a cooperative to which they were linked. The information was gathered through various research procedures and instruments: document analysis, participant observation, sentence completion, individual and group conversational dynamics, the creation of a book, and photographic sessions. Conclusions drawn from the research include: a) the subjective configuration of action serves as an instrumental representation for understanding the interrelations between individual and social subjectivity; b) action, as a motivational configuration at both individual and social levels, highlighting the emergence of the subject and agent within contexts and processes of social inequality; c) waste picking, as an action simultaneously configured within individual and social subjectivity, revealing the generative and subversive nature of women recyclers and their group, characterized by contradictions against the historically experienced social inequalities in other contexts. Based on the findings, the following thesis is proposed: the subjective configuration of the actions of women waste pickers is shaped both individually and socially by the way the subjective configuration of action and the social subjective configuration of the institution act as motivational configurations for both the individual and the group, allowing for the emergence of the subject and the agent within contexts and processes of social inequalities.

Keywords: Waste picking. Women waste pickers. Subjectivity.

Lista de Siglas

APA Associação Americana de Psicologia

BVS Biblioteca Virtual em Saúde

Scielo *Scientific Electronic Library Online*

CAAE Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CIR/DF Complexo Integrado de Reciclagem do Distrito Federal

Centcoop/DF Central de Cooperativas de Trabalho de Materiais Recicláveis do Distrito Federal

COORACE Cooperativa de Reciclagem Ambiental da Cidade Estrutural

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DF Distrito Federal

FAP/DF Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal

PGPDE Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar

SLU Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal

UnB Universidade de Brasília

Lista de Quadros

Quadro 1 - Procedimentos, instrumentos da pesquisa e período de realização

Quadro 2 - Sistematização de hipóteses e indicadores/configuração subjetiva da ação do trabalho: sentidos subjetivos relacionados com a história de vida de Lúcia

Quadro 3 - Sistematização de hipóteses e indicadores/configuração subjetiva da ação do trabalho: sentidos subjetivos produzidos no curso da ação do trabalho como catadora

Quadro 4 - Sistematização de hipóteses e indicadores/configuração subjetiva da ação do trabalho: produção de sentidos subjetivos associados à subjetividade social de uma cooperativa

Quadro 5 - Sistematização de hipóteses e indicadores/configuração subjetiva do trabalho: produção de sentidos subjetivos constituintes da subjetividade social do espaço da cooperativa

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	8
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - O SOCIAL NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA LATINO-AMERICANA E NA TEORIA DA SUBJETIVIDADE.....	18
1.1 O SOCIAL NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA LATINO-AMERICANA .	20
1.3 A PRODUÇÃO ACADÊMICA POR MEIO DA CATEGORIA SUBJETIVIDADE SOCIAL.....	36
CAPÍTULO 2 - SUBJETIVIDADE SOCIAL E CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO: CONCEITOS DE UM SISTEMA TEÓRICO CONFIGURACIONAL.....	43
2.1 O VALOR DA INTERSECCIONALIDADE NA COMPREENSÃO DA SUBJETIVIDADE SOCIAL: A COMPREENSÃO INTERSECCIONAL DA CONDIÇÃO DAS MULHERES NA CATAÇÃO	52
CAPÍTULO 3 - BASE EPISTEMOLÓGICA E METODOLOGIA DE PESQUISA	57
3.1 OBJETIVOS DE PESQUISA.....	57
3.2 A EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA NA COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DA SUBJETIVIDADE.....	57
3.3 A METODOLOGIA CONSTRUTIVO-INTERPRETATIVA.....	59
3.3.1 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	62
3.3.1.1 A ESCOLHA DA INSTITUIÇÃO, DAS PARTICIPANTES E A CONSTITUIÇÃO DO CENÁRIO SOCIAL DE PESQUISA	62
3.3.1.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	65
3.3.1.3 CUIDADOS E PROCEDIMENTOS ÉTICOS	72
3.3.1.4 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA DAS INFORMAÇÕES.....	72
CAPÍTULO 4 - O PROCESSO CONSTRUTIVO-INTERPRETATIVO	74
4.1 EIXO 1 - O ESTUDO DO CASO DA CATADORA LÚCIA.....	74
4.1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO VÍNCULO DE LÚCIA COM A CATAÇÃO	74
4.1.2 CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA DA AÇÃO DO TRABALHO DE CATADORA DE LÚCIA	78
4.1.2.1 A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS RELACIONADOS COM A HISTÓRIA DE VIDA	78
4.1.2.2 A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS NO CURSO DA AÇÃO DO TRABALHO COMO CATADORA	93
4.1.2.3 A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS ASSOCIADOS À CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE SOCIAL DA COOPERATIVA	101
4.1.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS SOBRE O CASO DE LÚCIA PARA O OBJETIVO DA PESQUISA	109

4.2 EIXO 2 – O ESTUDO DO CASO DA CONSTITUIÇÃO DA COOPERATIVA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.....	111
4.2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA COOPERATIVA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.....	111
4.2. CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA SOCIAL DO TRABALHO EM COOPERATIVA E SUA CONSTITUIÇÃO NA SUBJETIVIDADE SOCIAL (DE UM COOPERATIVISMO DE SÓCIO-PRODUÇÃO CATADORA)	117
4.2.1 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS SOBRE A CONFIGURAÇÃO SUBJETIVA SOCIAL DO TRABALHO PARA O OBJETIVO DA PESQUISA	135
4.3 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA AO MODELO TEÓRICO.....	138
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
6. REFERÊNCIAS	148

Memorial

Este texto inicial tem por objetivo apresentar a justificativa pessoal que fundamenta esta tese, com um breve relato sobre minha trajetória profissional e de pesquisadora, visto que a temática de pesquisa atual se articula a interesses emergentes em um novo campo de estudos que tem se aberto em minha trajetória de vida.

Em estudos anteriores (até 2019), a ênfase consistia em investigações sobre aspectos e questões circunscritas ao processo de escolarização e a instituições escolares. Inicialmente, como docente na rede pública de ensino¹, os estudos e a especialização na área de Psicologia centraram-se nas aprendizagens de estudantes. Posteriormente, no curso de Mestrado em Educação (2014), a ênfase voltou-se para a formação docente, já tendo como base teórica a Teoria da Subjetividade desenvolvida por Fernando González Rey (Oliveira, 2016; Oliveira & Tacca, 2016a; Oliveira & Tacca, 2016b).

Após o mestrado, a atuação profissional como formadora, em cursos destinados à formação inicial e continuada de docentes que atuavam na educação escolar e como gestora pública em setores da Secretaria de Educação do Distrito Federal², meu interesse foi orientando-se à compreensão, cada vez mais aprofundada, da complexidade envolvida nas inúmeras queixas e demandas sociais relacionadas aos estudantes, profissionais e às instituições escolares, de modo especial, de populações que vivem em condições consideradas de vulnerabilidade.

Como pesquisadora, retomei os estudos sobre a Teoria da Subjetividade em 2018, referencial de base desde o mestrado, em pesquisa sobre inequidades sociais e processos equitativos educacionais de um sistema municipal de ensino (Lemes et al., 2022). Minhas questões concentraram-se na conformação daquela realidade social e suas (des)conexões com o sistema de ensino local. Essa experiência ocorreu, paralelamente, ao interesse pelo ingresso no curso de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar em 2019, com proposta de pesquisa voltada ao estudo do desenvolvimento humano, em contextos de instituições não escolares e com pessoas consideradas socialmente vulneráveis.

A aproximação da catação ocorreu pós-fechamento do Lixão da Estrutural e da possibilidade de acompanhar a vida em mudança dessas pessoas. O recorte e interesse por

¹ No ano de 2005 iniciei minha atuação na rede pública de ensino na primeira escola construída na cidade da Estrutural. Época em que conheci de perto a comunidade, a atividade das catadoras e o funcionamento do Lixão.

² Em 2017 e 2018, como gestora pública na área de educação, acompanhei o processo de fechamento do Lixão.

desenvolver uma pesquisa com mulheres se fortaleceu por diversas razões: 1) vínculo com as mulheres da cooperativa Coorace/DF; 2) estudo sobre a maternidade de mulheres na pandemia (Oliveira Lemes et al., 2023); 3) e, de modo especial, participação, em grupo de pesquisa, no Departamento de Sociologia da UnB, que tem como foco de investigação a discussão, a partir das operações críticas de catadores, como esses trabalhadores se constituem como um público afetado pelas falhas de negociações com o poder público, acerca das condições de sua transição, do Lixão para os galpões de triagem, em regime de cooperação.

A participação no referido grupo permitiu o aprofundamento no campo de pesquisa por meio da integração, em março de 2023, como pesquisadora no Projeto intitulado ‘Experiências de catadores de materiais recicláveis confrontados a dispositivos de gestão de resíduos sólidos no Distrito Federal: engajamentos ao cooperativismo e capacidade de inovação social’ (ICS/UnB/FAPDF).

Introdução

A política latino-americana tem se distanciado, cada vez mais, dos interesses próprios de seus povos em expressões específicas, com formação particular pela via colonial, de um capitalismo que se aproxima do estadunidense (Pavón-Cuéllar, 2017; Cunha & Rezende, 2018). Nessa orientação, os estudos sobre distribuição de renda, padrões alimentares, estruturas produtivas, índices de desigualdade e crescimento econômico na América Latina (Tosoni & Garcia, 2020; Lauxmann et al., 2021; Cavalcante & Boccolini, 2022) articulam-se aos desafios sociais do atual contexto político subjetivado e expresso das mais diversas formas nas ações, relações e experiências situadas do cotidiano (Buarque, 2021).

Nesse contexto atual, integram-se às discussões que envolvem o modo de produção capitalista e suas expressões em países como o Brasil, a perspectiva do desenvolvimento sustentável, orientada a uma política ampla de minimizar os problemas socioambientais identificados pela dissonância entre as questões ambientais, a prática do consumismo e de degradação ambiental (Meneguzzo et. al., 2009). Dessa compreensão, evidencia-se a problemática decorrente do excesso de resíduos gerados no país, em especial, o aumento significativo da quantidade de resíduos sólidos³ urbanos dos últimos anos (Castilhos Jr. et al., 2013; ABRELPE, 2021; Szigethy & Antenor, 2020; ABREMA, 2023).

Os resíduos, em sua relação com a cidade, compõem infraestruturas urbanas próprias ao centrar-se em vazadouros, aterros de resíduos, espaços de lixões a céu aberto e outros locais para despejo de objetos descartáveis, produzindo territórios urbanos específicos, geralmente invisibilizados e estigmatizados (Lima, 2018; 2020; 2023). A gestão dos sistemas de resíduos sólidos urbanos constitui-se uma problemática atual em virtude das inúmeras consequências do tratamento ambientalmente equivocado, em nosso país. Atualmente, no Brasil, as práticas de descarte estabelecidas, articuladas à crescente geração de resíduos sólidos urbanos, efetivam-se e contrariam as determinações da Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS, marco da gestão de resíduos no país sancionada por meio da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010 (Brasil, 2010).

As lacunas geradas pela não efetivação dessa política de resíduos beneficiam um nicho específico, criado pelo modo como nosso país tem realizado a disposição e o tratamento de resíduos sólidos urbanos. Nessa orientação, a reciclagem do lixo urbano gera vantagens

³ Resíduos sólidos são “resíduos nos estados sólidos ou semi-sólido, que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícolas, de serviços e de varrição” (ABNT-NBR, 2004, p. 1).

econômicas e torna-se um negócio considerado lucrativo para grandes empresas e instituições envolvidas na resolução, mesmo que de modo pontual e superficial, do referido problema. Essa infraestrutura residual urbana (Lima, 2020; 2023) constitui-se por características particulares que ampliam sua definição como objeto exclusivo relacionado à temática de gestão de resíduos sólidos urbanos, mas de uma análise mais profunda sobre a dimensão humana envolvida nessa questão. Segundo Lima (2023), o conceito de infraestruturas residuais “desenvolve um prisma analítico capaz de integrar sistemas formais e informais de resíduos, contornando a fronteira mobilizada como dispositivo de deslegitimação das práticas dos catadores” (Lima, 2023, p.75).

No contexto dessa infraestrutura residual, destaca-se a emergência de uma política catadora, construída por catadoras(es) de materiais recicláveis⁴ informais, avulsos, organizações e cooperativas de reciclagem dos materiais coletados, como parte da cadeia de reciclagem no país (Medeiros & Macêdo, 2006; Aquino, Castilho & Pires, 2009; Teixeira, 2010; Ferraz & Gomes, 2012; Marchi & Santana, 2022). As(os) catadoras(es) participam do gerenciamento de resíduos sólidos no Brasil há mais de quatro décadas e sua organização em cooperativas é considerada mais lucrativa, na comercialização de materiais recicláveis, do que em seu trabalho avulso (Marchi & Santana, 2022).

Essa organização coletiva pode constituir um novo modo de inserção socioproductiva para catadoras(es), especialmente após o fechamento de aterros sanitários e lixões no Brasil. Essa mudança social implica novas formas de organização urbana e desenvolvimento nos âmbitos individual e social. Trata-se de uma problemática social, abordada em pesquisas recentes que buscam compreender os processos de gestão para auxílio nas relações econômicas e financeiras das cooperativas e a atividade catadora realizada em condições adversas de trabalho, com implicações nas formas de viver das(os) catadoras(es) (Silva, 2017; Lima & Trindade, 2018; Silva & Marcomin, 2020; Severo & Guimarães, 2020; Sauka & Pinto, 2021; Borghi, 2022).

As investigações orientadas por novos temas sociais (Santos, 2013; Diniz, 2015; 2016; Jesus, 2019; Santos, 2020; Borges, Carbonera & Trindade, 2023; César, Alves & Reis, 2023) e a questão posta sobre uma possível idealização de quem é e de como vivem a ralé e a elite brasileira (Souza, 2009; 2019) se atualizam em uma representação do indivíduo-sociedade orientada a

⁴ Materiais recicláveis são materiais passíveis de se transformarem em matéria-prima para a produção de novos produtos, após passarem por transformação física ou química, como papel, plástico, metal, entre outros (Vilhena, 2018).

compreendê-la em seus processos contraditórios e de mudanças. Esses estudos conduzem a reflexões que ajudam na delimitação do problema de pesquisa, pois explicitam as condições culturais, históricas e os processos sociais de modo geral, assim como tentam se aproximar de compreensões sobre estereótipos, por meio de discussões a respeito dos modos de vida cotidianos, relatos e depoimentos pessoais sobre como as maiorias populares⁵ vivem situações tão peculiares.

A partir dessa contextualização, o interesse desta pesquisa centra-se na ação de mulheres catadoras em uma cooperativa, como um novo modo de organização social para elas. Nessa direção, considera-se, um dos desafios teóricos, a compreensão do lugar do social no funcionamento humano, assim como o lugar do indivíduo nos processos sociais (González Rey, 1995; 1998; 2003; 2004a; 2018a), especialmente no que se refere a compreender a significação e o valor dos diferentes espaços sociais, contextos de experiências diversas vividas em instituições, de ações e práticas na vida das pessoas. Esse desafio produz-se, historicamente, por representações hegemônicas que, ainda hoje, concebem a realidade social como externa às pessoas e sobre como estas participam de sua constituição. A representação desses contextos pode caracterizar-se por uma compreensão imediata das condições sociais, simplificando, inclusive, o entendimento de como os outros espaços sociais se expressam naqueles contextos específicos (Bock, Gonçalves & Furtado, 2011; Jacó-Vilela, Rocha & Mancebo, 2003).

O que parece interessante é romper com a concepção do social como um conceito universal, a despeito do reconhecimento dos processos de construção histórica, produzidos culturalmente, e da presença das pessoas em sua conformação. Esse caráter disruptivo relaciona-se tanto à mudança na compreensão da dinâmica viva dos espaços sociais quanto dos indivíduos (Bock & Gonçalves, 2009; González Rey, 2016). Com esse intuito, identifica-se que esta pesquisa pode evidenciar o caráter subversivo e singular de mulheres catadoras na relação com espaços sociais diferenciados e no curso de experiências vividas, o que pode permitir avançar na compreensão tanto de aspectos relacionados aos limites produzidos em condições sociais consideradas estruturais, quanto às suas possibilidades, por vias únicas de produção e confrontação com o instituído (González Rey, 2005).

⁵ Ressalta-se que as minorias e as maiorias não se distinguem pelo quantitativo da população. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme [...]. Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. [...] Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação (por exemplo, ter um Estado, ser reconhecido, impor seus direitos) (Deleuze, 1992, p. 214).

Essas ideias alinham-se às críticas ao objetivismo social e às impossibilidades de compreensão da realidade latino-americana e de suas maiorias populares, por meio da representação de categorias estanques, ancoradas em um conservadorismo teórico-metodológico (Furtado & González Rey, 2002; Jiménez-Domínguez, 2008; González Rey & Díaz Gómez, 2005). Em virtude desses aspectos, esta pesquisa reconhece aproximação e diálogo com a perspectiva crítica da Psicologia Social, de modo especial a Latino-Americana. Contudo, não se trata de um estudo sob o recorte de um campo específico da Psicologia Social, como Psicologia Social do trabalho, Psicologia Social do protesto, Psicologia Social comunitária, Psicologia da libertação, dentre outras, mas de dialogar e refletir sobre as contribuições de um recorte do campo social para o momento atual em que se desenvolve.

Em articulação com o debate crítico da Psicologia Social Latino-Americana e das perspectivas teóricas desenvolvidas⁶, de base cultural-histórica, compreende-se que o conceito e a representação do social avançam à medida que um novo referencial permite entender como se configuram os espaços sociais, reconhecendo os processos de subjetivação diferenciados em âmbitos cultural, histórico, econômico e político, presentes nas diferentes tramas de sistemas relacionais e de comunicações, constitutivas da subjetividade social (González Rey, 2008a; 2008b).

Por essa concepção, o social se constitui de modo concreto por relações, processos de comunicação e ações da pessoa de forma diferenciada e historicamente constituída, na organização de sua subjetividade individual. Ao permitir, de modo constitutivo, relacionar o social e o subjetivo, essa forma de pensar o social possibilita evidenciar a complexidade de instâncias e processos, tanto de determinado espaço social nas múltiplas configurações subjetivas sociais, como aquelas das pessoas que são parte desses espaços. Essa proposta permite ampliar uma definição genérica de social e da compreensão de que este não se reduz a um evento em si, ao contexto nem às práticas de relações das pessoas (González Rey, 2004a).

De modo orgânico, em uma dimensão do social constitui-se o subjetivo, no qual as produções simbólico-emocionais mobilizadas nas experiências vividas pelas pessoas nas condições da cultura se definem como subjetividade, em dois níveis: subjetividade individual e subjetividade social, permanentemente articuladas. Nessa dinâmica, emerge uma nova qualidade

⁶ Uma exposição mais ampla será apresentada no segundo capítulo, referente a uma revisão de literatura.

específica dos processos humanos em que o simbólico, representado pela cultura, integra-se ao emocional em um “processo que compreende toda experiência humana como um ‘sentir’ produzido a partir do qual se rompe radicalmente o determinismo do externo sobre o interno, que tem caracterizado a psicologia por um longo tempo” (González Rey, 2012, p.170).

Essa forma de conceber o social inaugura o caráter gerador e de produção sobre a realidade social do que é vivido, de modo a permitir gerar inteligibilidade para diferentes formas de singularização de processos sociais (González Rey & Mitjás Martínez, 2017b). Desse modo, o social como produção subjetiva, desde uma perspectiva cultural-histórica, evidencia o caráter simbólico-emocional dos fenômenos humanos e marca uma transformação na discussão do social a partir da emergência do tema da subjetividade. O conceito de subjetividade social permite compreender os processos e as instâncias que configuram subjetivamente determinados espaços sociais, ações e relações entre pessoas e grupos, assim como estes constituem-se por essa dimensão subjetiva do social (Mitjás Martínez, 2020). Para a apreensão dessa categoria, subjetividade social, há que se referir ao sistema teórico configuracional a que se vincula e fundamenta-se a Teoria da Subjetividade, em uma perspectiva cultural-histórica, de González Rey (2003; 2007a; 2010; 2011b).

A essência dessa construção teórica se refere à emoção como parte constitutiva do funcionamento humano e produção qualitativamente diferente em sua unidade com o simbólico. Em virtude do caráter cultural e histórico da subjetividade, esse sistema teórico pode viabilizar o estudo da dinâmica das experiências humanas em seu aspecto subjetivo. Assim, a natureza subjetiva de tais experiências relaciona-se às produções subjetivas que emergem no vivido pela pessoa, como expressões do que esta sente e gera nesse processo. Essas produções subjetivas, indissociadas das condições culturais e históricas, expressam processos singulares, sejam em nível social ou individual (González Rey & Mitjás Martínez, 2017b). Portanto, no curso da vida cultural e historicamente situada, o social e o individual estabelecem uma constituição recíproca e indissociada entre subjetividades individuais e subjetividades sociais.

A ação individual sempre acontece dentro de uma rede de processos subjetivos sociais de níveis diferentes, uns nos sistemas imediatos de relações da pessoa, e outros que aparecem como sistemas normativos simbólicos, socialmente instituídos, sistemas ambos que estão além das consciências das pessoas (González Rey & Mitjás Martínez, 2017b, p.88). Esse modo dinâmico de conformação do sistema subjetivo pode permitir a compreensão sobre como as ações, relações,

situações e demais experiências de vida configuram-se subjetivamente em produções que podem transcender os acontecimentos, do modo como se expressam no curso das experiências atuais.

A partir dessas considerações iniciais sobre a subjetividade individual e a subjetividade social a serem aprofundadas na tese, questiona-se: Como compreender uma ação ou experiência vivida, em condições históricas e culturalmente distintas, configurada subjetivamente, em nível individual e social? Como a catação, ação desenvolvida por mulheres em uma cooperativa, se configura na subjetividade social dessa instituição⁷ e na subjetividade individual das catadoras?

Por entender a inter-relação entre as diferentes experiências vividas pela pessoa no curso do seu desenvolvimento e os processos sociais, as ações e relações que conformam níveis diferentes da subjetividade social, o interesse consiste em investigar a catação como uma experiência⁸ situada em contextos geralmente considerados adversos ao desenvolvimento humano. O problema de pesquisa que orientou este estudo foi investigar como a ação de mulheres catadoras se configurava subjetivamente, em nível individual e social, em uma cooperativa de catadoras(es) de materiais recicláveis. Ressalta-se que a pesquisa foi desenvolvida desde o momento em que se constituiu esse novo espaço institucional para as mulheres, o que orientou o interesse e a escolha por esse campo de estudos, especialmente por: a) seu percurso histórico, a trajetória do movimento das catadoras de materiais recicláveis e os desdobramentos de impacto social, econômico e político, após o fechamento do lixão; b) constituir-se de pessoas que vivenciaram e vivenciam contextos de pobreza, violência, discriminação, dentre outros, geralmente considerados adversos ao processo de desenvolvimento (Dessen & Junior, 2005; Dessen & Maciel, 2014).

Para tanto, a escolha do local e das colaboradoras de pesquisa se consolida em um contexto social de pessoas caracterizadas como vulneráveis socialmente e que trabalham como catadoras de materiais recicláveis. Cabe ressaltar que essas mulheres viveram e vivem mudanças nas condições sociais estruturais, orientadoras de novas ações, práticas e relações, situadas em contexto de trabalho e vida. Inicialmente, as catadoras viviam sem vínculo formal de trabalho no maior Lixão

⁷ Nesta pesquisa, a palavra instituição será utilizada para se referir a cooperativa, local em que foi realizado o estudo.

⁸ “A experiência sempre acontece como processo de vida atual, ainda que sua configuração subjetiva o presente e o futuro apareçam nos sentidos subjetivos dessa configuração atual; a ideia de experiência permite transcender as dicotomias do externo e interno e da ação e a subjetividade. A experiência é a organização de qualquer expressão humana na pluralidade de processos simultâneos que a caracteriza, implicando sempre a configuração subjetiva desses processos” (González Rey, 2011a, p. 61).

da América Latina (Cruvinel et al., 2020) e, posteriormente, foram alocadas, com seu grupo, em centros de triagem de coleta seletiva⁹. Durante a pesquisa, o grupo de mulheres estava vinculado institucionalmente às Associações e Cooperativas, em um Complexo de reciclagem, triagem e comercialização de resíduos da coleta seletiva do Distrito Federal, desde janeiro de 2021.

Considera-se importante relatar que o fechamento das atividades irregulares do Aterro Controlado do Jóquei, mais conhecido como Lixão da Estrutural (1960-2018) e a posterior gestão e destinação final dos resíduos sólidos urbanos, foram um processo de expressão social no Distrito Federal constitutivo de uma nova proposta política nacional e latino-americana. Como parte desse processo, conduziram-se ações de transição para a inclusão de pessoas que atuavam naquele local como catadoras e catadores de materiais recicláveis.

Nesse contexto, à época, uma organização coletiva de catadoras e catadores de materiais recicláveis do Distrito Federal (DF) suscitou uma série de manifestações e reuniões com representantes do governo do Distrito Federal a fim de garantir suas demandas específicas. O interesse de pesquisa se relaciona, também, em analisar o processo de constituição da subjetividade social desse novo espaço social, constituído historicamente por catadoras que participavam de movimento sociais. Trata-se de um grupo singular que viveu no antigo Lixão da Estrutural, participou do seu processo de transição e fechamento, continuou a morar na cidade Estrutural e trabalhar em suas proximidades, no Complexo de reciclagem, triagem e comercialização de resíduos da coleta seletiva do DF.

Para realizar esta investigação a pesquisadora participou do cotidiano das catadoras, ao longo do período de três anos, de modo a produzir, também, um livro, de valor para o referido grupo, relacionado ao compromisso social com as participantes. Destaca-se que não se tratou de uma proposta de cunho interventivo, por entender que por mais participativa que seja, uma intervenção se realiza desde uma perspectiva de fora (Olmedo, 2008). Em consonância com a base teórica, a investigação orientou-se por pensar em práticas de base subjetiva (González Rey & Mitjans Martínez, 2020), em congruência ao viés epistemológico e metodológico, orientado pela Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa, a serem explicitadas, detalhadamente, no terceiro capítulo desta tese.

⁹ A coleta seletiva é um sistema de recolhimento de materiais recicláveis como papel, papelão, plásticos, vidros, metais e orgânicos, separados na fonte geradora (Vilhena, 2018).

Pretendeu-se, ainda, avançar nas construções teóricas sobre o estudo empírico da relação constitutiva entre a subjetividade social e a subjetividade individual, a partir de produções científicas recentes, desenvolvidas a respeito dessa inter-relação e da subjetividade como uma perspectiva crítica (Mitjans Martínez, Tacca & Puentes, 2022) e no que se refere aos desafios teóricos e às lacunas identificadas no estudo da categoria subjetividade social (Campolina, 2012; Carvalho, G. M. G., 2018; Leal, 2018; Lopes, 2024; Martins, 2015; Mitjans Martínez, 2020; Oliveira, 2018; Rossato & Mitjans Martínez, 2023; Santos, M. O., 2020).

Diante do exposto, o objetivo central desta pesquisa consiste em compreender como a inter-relação entre o social e o individual constitui a configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras. Para isso, dedicou-se a: a) analisar a configuração subjetiva da ação do trabalho, como via compreensiva da ação configurada em nível individual e da subjetividade social do espaço; b) analisar a configuração subjetiva social do trabalho da catação, como via compreensiva dessa ação, configurada na subjetividade social de uma instituição de catadores de materiais recicláveis, sob regime de uma cooperativa.

A construção da pesquisa possibilitou desenvolver um modelo teórico que versa sobre: 1) a configuração subjetiva da ação como via de representação teórica à compreensão das inter-relações entre subjetividade individual e subjetividade social; 2) a ação, como configuração motivacional, em nível individual e social, evidencia a emergência do sujeito e do agente em contextos e processos de desigualdade social; 3) a catação, ação concomitantemente configurada, no âmbito da subjetividade individual e da subjetividade social, evidencia o caráter gerador e subversivo da mulher catadora e de seu grupo, constituído por contradições perante as desigualdades sociais vividas historicamente em outros contextos.

Para fins de sistematização, esta tese estrutura-se em quatro partes organizadas da seguinte forma: 1) capítulo de revisão da literatura: O social no contexto da Psicologia Social Crítica Latino-Americana e na Teoria da Subjetividade; 2) capítulo teórico: Subjetividade Social e Configuração Subjetiva da Ação: conceitos de um sistema teórico configuracional; 3) capítulo sobre a perspectiva epistemológica e detalhamento metodológico do estudo: Base epistemológica e metodologia de pesquisa; 4) capítulo da construção interpretativa, modelo teórico e tese: O processo construtivo-interpretativo.

Capítulo 1 - O social no contexto da Psicologia Social Crítica Latino-Americana e na Teoria da Subjetividade

Este capítulo objetiva dialogar com o conceito de social, que constituirá uma dimensão epistemológica e teórica desta pesquisa, sendo base para as discussões realizadas ao longo dessa tese, de modo especial em relação à subjetividade social. Além disso, também servirá como fundamento teórico ao próximo capítulo. Analisa-se como o social é abordado nas produções da Psicologia Social, especificamente no contexto da Psicologia Social Crítica Latino-Americana.

Ressalta-se que a opção por esse recorte teórico, diante das diversas abordagens teóricas na Psicologia, se refere tanto ao seu valor para as contribuições críticas à psicologia brasileira, quanto à sua relação histórica com a Teoria da Subjetividade, de Fernando González Rey, como um relevante antecedente no desenvolvimento da mencionada teoria (González Rey & Moncayo Quevedo, 2017; Goulart, 2023). Além disso, o movimento coletivo crítico da Psicologia Social Latino-Americana pode ser caracterizado como uma das vertentes de contribuição crítica à psicologia contemporânea (González Rey & Mitjans Martínez, 2020).

De modo a alcançar o objetivo proposto e explicitar o desenvolvimento do conceito de social nas principais vertentes no campo de estudos da Psicologia Crítica Latino-americana, foi realizada uma revisão narrativa da literatura, que foi conduzida por busca da produção científica em artigos, livros e capítulos de livros, caracterizada como um tipo de revisão não sistemática da produção acadêmica, segundo alguns dos critérios definidos pelo campo (Costa et al., 2015; Mohrer et al., 2009/2015).

Ressalta-se que a escolha por esta opção de revisão se refere ao critério de que trabalhos de revisão narrativa são amplos e considerados adequados para discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, de acordo com uma perspectiva contextual ou teórica (Rother, 2007). Além disso, pode permitir maior abrangência no escopo de busca e análise das referidas produções sem precedentes de revisões de literatura no campo (Costa, 2020).

As buscas foram realizadas em duas bases de dados: CAPES, no intuito de contemplar as publicações nacionais; e *Scielo*, para ampliar o acesso às publicações da América Latina. Para esse processo de busca, foram utilizados o dicionário de indexação de terminologia em psicologia da Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia - BSV e o Tesouro de Termos em Psicologia da Associação

Americana de Psicologia - APA, como principais instrumentos utilizados na psicologia brasileira. Em relação à compilação de materiais não publicados na íntegra na internet, como livros e capítulos de livros, foi utilizada a técnica *Snowball*¹⁰ (Vinuto, 2014).

Quanto aos termos utilizados para a pesquisa, identificou-se, conforme estudo de Costa (2020), que a questão social na Psicologia não aparece diretamente como um termo sugerido pelo dicionário de indexação BVS e Tesouro APA, mas em termos gerais e/ou relacionados, tais como: interação social, representação social, estados emocionais, comportamento social, preocupações sociais, problemas sociais, alienação social, mudança social, fatores socioculturais, dentre outros.

Essa classificação indica, inicialmente, quais as abordagens e dimensões do social têm sido enfatizadas nas investigações e discussões nesse campo de estudos. Nesta pesquisa, a busca pelas produções foi realizada no período de março de 2022 a outubro de 2023. Os termos utilizados no escopo de busca foram: psicologia social e latino-americana; psicologia social e América Latina; psicologia e América Latina; social e América Latina; social e psicologia brasileira; Psicologia Social e Brasil.

O recorte de tempo definido para a revisão narrativa de literatura se refere ao período de 1990 a 2023. O critério de escolha desse marco temporal fundamenta-se no ápice do movimento da Psicologia Social Crítica na América Latina, em virtude de sua relação histórica e de expressões atuais nos avanços e desafios da Psicologia Social Latino-Americana, e na psicologia brasileira (Jacó-Vilela, Klappenbach & Ardila, 2022; Jiménez-Domínguez, 2008; Lane, 2014).

No que se refere aos artigos acessados e à perda amostral dentro desse processo, a seleção da produção científica escolhida se constituiu de quatro momentos distintos: a) leitura do título e de palavras-chave; b) leitura do resumo; c) leitura e estudo dos textos na íntegra; d) análise e aproximações das produções quanto aos seus aspectos centrais e às contribuições na definição a respeito do conceito de social como categoria teórica. Para apresentar a sistematização da análise do processo da revisão de literatura realizada, serão exibidas, a seguir, duas seções com considerações da produção acadêmica sobre o social e suas principais contribuições para a pesquisa: 1) O social na perspectiva da Psicologia Social Crítica Latino-Americana; 2) O social na Teoria da Subjetividade de perspectiva cultural-histórica.

¹⁰ Trata-se de amostragem nomeada como “bola de neve”, uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referências (Vinuto, 2014).

1.1 O social na perspectiva da Psicologia Social Crítica Latino-Americana

A construção da Psicologia Social se institucionaliza nos Estados Unidos e consolida-se, inicialmente, como Psicologia Social estadunidense. Desse fenômeno torna-se relevante conhecer como, historicamente, essa Psicologia Social assume contornos diferentes a partir de sua expressão no cenário latino-americano, do qual o brasileiro se insere, e, além disso, como o social foi compreendido em cada um desses contextos e perspectivas teóricas. Nesse processo, a reprodução de uma Psicologia Social hegemonicamente instituída foi, também, uma via para a criação de outras matrizes da Psicologia Social (Farr, 2001; González Rey, 2012).

Quanto às origens da Psicologia Social, o período pós-Segunda Guerra Mundial repercutiu depois de 1954 em diferentes vertentes, tendo iniciado por Europa, França e Canadá. Esse período constituiu o auge da Psicologia Social, orientada pela perspectiva pragmática hegemônica norte-americana. O desenvolvimento da Psicologia Social, até essa época, esteve centrado em vertentes situadas tanto no contexto norte-americano quanto no europeu. De modo distinto, em expressão incipiente na América Latina, a Psicologia Social se constituiu desde uma perspectiva de fora (Farr, 2001; Lane, 2014).

Além das questões geográficas e políticas, um dos aspectos centrais no desenvolvimento da Psicologia Social se refere à ênfase do caráter individual e social em sua abordagem, de uma leitura específica do social e do humano. As discussões em torno das perspectivas de individualização/psicologização e sociologização da Psicologia Social conformaram concepções teóricas e epistemológicas orientadas às compreensões, com maior ênfase no indivíduo ou nos contextos sociais. Desse modo, a Psicologia Social assume expressões distintas, com base nos contextos dos campos da psicologia e da sociologia (Farr, 2001; Almeida, Ferreira & Lima, 2020) e na produção de conhecimentos sociopsicológicos (Ferreira, 2010).

Obviamente, os diferentes enfoques coexistem quanto ao uso das terminologias da Psicologia Social, como Psicologia Social norte-americana, Psicologia Social europeia e Psicologia Social latino-americana, pois tratam de um conjunto de produções, perspectivas teóricas e epistemológicas circunscritas em contextos culturais e sociais historicamente distintos (Álvaro & Garrido, 2003/2017). Desse modo, a discussão apresentada com base no trabalho de revisão de

literatura realizado, centrar-se-á nos princípios e nas contribuições do desenvolvimento da Psicologia Social Crítica Latino-Americana à compreensão do social.

O movimento da Psicologia Social Crítica na América Latina constitui-se coletivamente pela implicação de representantes dos diferentes países latino-americanos¹¹, em meados das décadas 1970 e 1980. A integração entre essas diferentes personagens representou tanto a possibilidade de denunciar causas particulares e processos sociais vividos quanto de conformar, um momento político de expressão crítica e criativa, com repercussões na Psicologia Social (Jacó-Vilela, Rocha & Mancebo, 2003; Jiménez-Domínguez, 2008).

A respeito das concepções sobre o social nesse movimento crítico da Psicologia Social e das correntes teóricas e epistemológicas, a discussão se organiza em três dimensões, que se integram em uma compreensão histórica do desenvolvimento das ideias sobre o social: a) o social como categoria crítica; b) o social como categoria de inclusão; c) o social como categoria de mudança social. A categorização criada por essas dimensões pretende contemplar os aspectos principais das contribuições de uma representação do social na Psicologia Social Latino-Americana entre os anos 1990 e 2023.

a) O social como categoria crítica

Do ponto de vista de uma perspectiva que transversaliza a Psicologia Social Crítica Latino-Americana, o social, em sua dimensão crítica, representa tanto um posicionamento desde as realidades da América Latina (de dentro), quanto a abertura à produção de novas vias teóricas, epistemológicas e metodológicas.

Para cumprir essa tarefa, as críticas se desdobram essencialmente pela superação da visão abstrata do fenômeno psicológico e do objetivismo do social, de modo a romper com a falsa neutralidade imposta por uma concepção pragmática hegemônica advinda da Psicologia Social norte-americana (Jacó-Vilela et al., 2003; Jiménez-Domínguez, 2008; Bock, Gonçalves & Furtado, 2011; Ortega, 2012; Almeida, Ferreira & Lima, 2020).

¹¹ Destaque a produção e as discussões promovidas por Ana Maria Jacó-Vilela e Sílvia Lane (Brasil); Bernardo Jiménez-Domínguez (México); Fernando L. González Rey (Cuba); Maritza Montero e José Miguel Salazar (Venezuela) e Martin Baró (El Salvador).

Esse movimento crítico de resistência constituiu o contexto particular latino-americano caracterizado por desigualdades sociais e políticas, marcado pela opressão e arbitrariedade dos regimes militares em tais países (Álvaro & Garrido, 2003/2017; Ferreira, 2010; Martín-Baró, 2017). Ao reivindicar uma abordagem voltada às condições próprias de cada país latino-americano, houve a repercussão de consequências práticas para a condição social da América Latina, assim como a identificação de outros psicólogos sociais (não latinos) (Sawaia, 2007; Carvalho & Souza, 2010; Lane, 2014).

Segundo Ferreira (2010), a criticidade em relação ao conhecimento, até então produzido pela Psicologia Social, bem como às instituições, organizações e práticas da sociedade atual guardam aspectos em comum com a Psicologia Social contemporânea. A expressão internacional dessa perspectiva crítica se efetiva em publicações acadêmicas baseadas em princípios mais gerais ou de acordo com determinadas correntes psicológicas latino-americanas.

Cabe destacar que essa amplitude internacional, assim como a própria Psicologia Social Crítica Latino-Americana, não se configura como um bloco monolítico no que se refere aos alinhamentos teóricos e metodológicos. Os estudos apresentam incongruências e há diversidade de abordagens, inclusive da psicologia positiva na discussão crítica do social em território europeu, anglo-saxônico e latino-americano (Ferreira, 2010; Castro-Solano & Lupano-Perugini, 2013; Pereira & Álvaro, 2013; Pinto, Paredes & Sousa Netto, 2020).

Para Silva (2013), o desenvolvimento da Psicologia Social Latino-Americana enfrenta uma série de desafios por considerar as especificidades de cada país, a multiplicidade cultural e os interesses geopolíticos das nações. Essa discussão remete à contínua necessidade de perseguir uma perspectiva crítica que se complexifica a partir das demandas sociais atuais.

Nessa perspectiva, Montero (2004) é propositiva ao apresentar uma discussão sobre as relações entre a Psicologia Social Comunitária, a Psicologia Crítica e a Psicologia da Libertação como possibilidades de resposta latino-americana para desembaraçar suas tramas complexas. Seus demais trabalhos (Montero, 2003; 2006) se propõem ao desenvolvimento teórico e metodológico de uma psicologia comunitária e defendem que essa nova produção de conhecimento se oriente por compreender seus aspectos epistemológicos, teóricos, metodológicos, éticos e políticos.

b) O social como categoria de inclusão situada cultural e historicamente

A Psicologia Social Crítica Latino-Americana concebe sua perspectiva crítica tendo como base a superação da noção de progresso, instituída hegemonicamente, e de desideologização, distanciando-se do caráter discriminatório (Jiménez-Domínguez, 2008; Martín-Baró, 2017). Essa perspectiva almeja considerar, na compreensão do social, as condições culturais e históricas de seus povos, especialmente de maiorias populares. A partir dessas bases, define-se a dimensão de inclusão da categoria social, situada cultural e historicamente.

O resgate da história vivida por um grupo majoritariamente não considerado na compreensão de determinada realidade social, objetiva recuperar a cultura do povo latino-americano e incluir as experiências de maiorias populares como participantes do processo de construção de conhecimento. Esse processo pode permitir uma nova condição de saber dos territórios vulneráveis (Costa, 2020; Silva & Hüning, 2020), com destaque para as produções recentes a respeito dos desafios que envolvem os estudos que tratam das populações indígena e negra em nosso país (Correia & Viana, 2023; Ribeiro, 2023).

A inclusão das questões sociais do ponto de vista dos oprimidos e a ideia de considerar o conflito como parte da ação humana pressupõem o caráter ativo dos humanos como atores e construtores da política social e de sua própria realidade (Jiménez-Domínguez, 2008; Martín-Baró, 1988/2013). Esse aspecto se articula ao compromisso social de uma concepção que busca desfazer a dependência tanto de um saber messiânico, a partir de uma pretensa salvação ingênua e superficial da realidade, quanto universal e dogmático, nas respostas diretas e diretivas de problemas sociais particulares.

Desse modo, os aspectos cultural e histórico são constitutivos do conceito de social, e fundantes para a sua definição à medida que não se pretende dissociá-los da realidade e das experiências vividas pela pessoa. Além disso, é justamente a condição sociocultural que permite reconhecer os limites e as possibilidades para (re)fazer a história (Jacó-Vilela et al., 2003; Bock & Gonçalves, 2009; Guzzo & Lacerda Jr., 2011).

Ao explicitar as especificidades sobre como as realidades latino-americanas são vividas por pessoas e grupos de maiorias sociais, emerge a subjetividade como possibilidade de gerar compreensão qualitativa a uma complexidade que caracteriza nosso continente (Almeida et al., 2020; Jiménez-Domínguez, 2008). A discussão amplia-se tanto na tentativa de compreender o social vivido por emoções e construções simbólicas socialmente partilhadas quanto em considerar

a subjetividade como uma nova dimensão da realidade (Bock & Gonçalves, 2009; Furtado & González Rey, 2002; Lane & Araújo, 1999).

c) O social como categoria de mudança social

As dimensões crítica e inclusiva da perspectiva latino-americana, conforme discutidas até então, integram-se a uma dimensão de compreensão do social como categoria que deve contemplar a participação, a cidadania e a vivência comunitária, orientadas à mudança social de um povo.

Essa concepção se distancia de uma perspectiva interventiva (Olmedo, 2008) por sua preocupação de transformação social (Silva, 2019), centrada na participação comunitária (Montero, 2003; 2006), na ação social e comunitária (Burton, 2013; Martín-Baró, 2017; Dias, 2020), com destaque aos grupos e movimentos sociais.

A ideia de mudança social articula-se à compreensão de compromisso político e social na relação com os diferentes contextos dos povos latinos (Jacó-Vilela et al, 2003; Montero, 2004; Guedes, 2007; Martín-Baró, 1988/2013; Lane, 2014). Porém, consolidar uma Psicologia Social Crítica na América Latina, orientada por princípios de compromisso social, exige, inicialmente, rupturas dentro das correntes das(os) próprias(os) psicólogas(os) latinas(os), em suas bases teóricas e epistemológicas (Caniato & Tomanik, 2001; Jiménez-Domínguez, 2008).

As possibilidades de mudança social, a partir de práticas sistematizadas, são discutidas nas produções científicas de caráter empírico e teórico (Guedes, 2007; Guzzo & Lacerda Jr., 2011; Burton, 2013; Martín-Baró, 1988/2013; Dias, 2020; Rosa & Klandermans, 2022), com base, principalmente, nas propostas de Martín-Baró (2017) e Montero (2003; 2004; 2006). Em estudo recente, Costa, Mendes & Pinto (2023) apontam para a necessidade de avançar no projeto delineado por compromisso social do grupo de pesquisa perante a conjuntura atual, em uma proposta delineada por um projeto ético-político de Psicologia vinculado a outro projeto societário. Os autores reafirmam a proposta orientada a um saber comprometido com a realidade brasileira e latino-americana, assim como sua transformação social, fundamentada por um processo de lutas históricas da Psicologia a partir dos anos 1970.

A compreensão das vias de mudanças sociais também se vincula à ideia de construir novas formas de vida e convivência social, bem como à capacidade de favorecer a expressão de pessoas e grupos que, em nossa sociedade atual, não têm obtido espaço e, frequentemente, estão excluídos da ação política. Desde essa perspectiva, propõe (re)pensar o poder das relações, as resistências, o

conceito de democracia, as ações comunitárias, assim como os distintos níveis de participação política e social (Montero, 2003; 2006; Jiménez-Domínguez, 2008).

Em síntese, o movimento da Psicologia Social Crítica Latino-Americana denunciou e criou vias compreensivas ao estudo da psicologia social, em detrimento do paradigma dominante na psicologia da época, em que predominavam o método hipotético-dedutivo, uma atemporalidade científica e um modelo metodológico experimentalista (Montero, 1994). Destacam-se os seguintes aspectos explicitados como contribuições do referido movimento: 1) a psicologia como uma ciência histórica; 2) a realidade social como orientadora para os estudos psicológicos, de modo a considerar o conceito de realidade social como construção cotidiana, em sua perspectiva dialética e de caráter simbólico, o que pode permitir uma construção subjetiva da realidade; 3) a necessidade de um novo caminho metodológico às investigações; 4) o caráter ativo da pessoa; 5) a consideração das concepções e da vida cotidiana de maiorias populares nos estudos (Lane, 1994; Montero, 1994; Jacó-Vilela et al., 2003; Montero, 2003; 2006; Jiménez-Domínguez, 2008; Martín-Baró, 2017).

A partir dessa definição do social, concebe-se a indissociável relação entre indivíduo e sociedade como princípio da Psicologia Social Crítica Latina. De modo mais específico, para esta pesquisa, as contribuições, no que tange à compreensão do social, decorrem das três dimensões abordadas: a) o social como categoria crítica; b) o social como categoria de inclusão; articulado ao; c) social como categoria de mudança social, segundo as produções científicas analisadas.

Ao considerar as contribuições discutidas e a superação do problema das dicotomias entre indivíduo e sociedade surgem novos questionamentos sobre a definição do social: Como compreender as formas em que a realidade social se organiza no indivíduo e é produzida, considerando esse mundo de dinâmica própria, simbólico, mas que não se reduz à realidade social e simbólica? Como se constitui e se produz a dimensão subjetiva dos espaços sociais de experiências diversas e quais as inter-relações com o curso da vida das pessoas, em suas experiências, ações, posicionamentos e relações?

Para tentar responder a essas questões e avançar na compreensão do social, reconheço, dentre os desdobramentos das vertentes do contexto latino-americano, destaque à produção teórica e epistemológica de F. González Rey, que se propõe ao desafio de explicar a origem social do subjetivo.

1.2 O social na Teoria da Subjetividade de perspectiva cultural-histórica

A Teoria da Subjetividade, em uma perspectiva cultural-histórica, se refere à abertura de um caminho possível na compreensão da relação constitutiva entre o individual e o social, visto que a subjetividade é concebida por meio de uma construção teórica e específica de definição conceitual, distanciando-se do subjetivismo ou da subjetividade tratada em outros campos. Nessa perspectiva, a subjetividade que se define teoricamente permite compreender e especificar tanto os processos individuais quanto os processos sociais, culturais e historicamente situados (González Rey, 2002; 2003; 2004; 2005).

Reconhecida, atualmente, como uma perspectiva crítica, a Teoria da Subjetividade de base cultural-histórica, desenvolvida por Fernando González Rey, apresenta uma nova proposta de construção ontológica, que se expressa como corrente crítica, de enfoque cultural-histórico, aos problemas da Psicologia e às formas dominantes de conceber os processos humanos (Jiménez-Domínguez, 2008; Fleer; González Rey & Jones, 2020; González Rey & Mitjans Martínez, 2020; Mitjans Martínez, 2021; Goulart, 2022; Rodríguez-Arocho, 2022).

Dentre as críticas do autor¹², resalto as que estão orientadas a compreender lacunas tanto da psicologia soviética, em uma vertente cultural-histórica, quanto da Psicologia Social Crítica Latino-Americana. No que se refere aos avanços e limites do conceito de social na psicologia soviética, que viveram um tempo histórico específico, assim como condições políticas peculiares daquela época, destacam-se:

a) o enfoque individual, que orientou hegemonicamente a psicologia soviética, tendo em vista as condições sociais e políticas da época, e não contemplou problemas dos espaços sociais, institucionais e da ordem dominante (González Rey, 1995);

b) a contribuição na representação da superação da visão intrapsíquica do indivíduo, que se configura uma história e cultura determinada (González Rey, 1995);

c) as contribuições de Marx quanto à representação da dialética¹³ do tecido social, na compreensão do valor do conceito de classe social, e do social como um sistema em que se interpenetram os funcionamentos institucionais (González Rey, 1995; 2004).

¹² González Rey (2003) em sua obra tece uma série de críticas aos modelos teóricos e às compreensões hegemônicas desde o início da construção do pensamento psicológico. Especificamente sobre o social, elabora uma análise das principais teorias de inspiração social na psicologia, tais como a Teoria das Representações Sociais e o Construcionismo Social.

¹³ A respeito dessa concepção filosófica, Goldmann assinala que o materialismo dialético “parte da ideia da totalidade e afirma que as partes não podem ser compreendidas nelas próprias, fora da sua relação com o todo, do mesmo modo

A partir desses aspectos, explico dois problemas centrais, apontados, pela Teoria da Subjetividade às concepções da psicologia soviética, que subsidiaram o desenvolvimento da Teoria da Subjetividade, de caráter cultural-histórico, em relação à origem social do psicológico: a) uma compreensão que omitiu o indivíduo, retirando o valor da pessoa como pensante e produtora de subjetividade; e, b) dos processos individuais como interiorização da cultura e da sociedade, mesmo reconhecendo a gênese cultural e social do indivíduo (González Rey, 2004; 2008a; 2012).

De modo mais específico, as críticas a uma vertente cultural-histórica da psicologia soviética explicitam-se tanto em uma análise crítica cuidadosa da obra de L. S. Vigotski quanto em uma proposta de avanço, a partir da representação de conceitos de sua teoria (González Rey, 2011b). Vigotski (1983) desenvolveu uma orientação dialética e sistêmica na compreensão da organização do psíquico. Entretanto, esses aspectos não desenvolvidos pelo autor inspiraram novas ideias à Teoria da Subjetividade, em relação ao conceito de sentido. Na obra de Vigotski (2012), sentido relaciona-se à palavra e representa o desenvolvimento de uma nova unidade da vida psíquica, em que “o pensamento e a palavra são a chave para compreender a natureza da consciência humana” (Vigotski, 2012, p. 515, tradução nossa¹⁴). A respeito da categoria sentido de Vigotski e sua relação com o conceito de sentidos subjetivos na Teoria da Subjetividade, de González Rey (2011c), discute, de modo pontual, as ideias conceituais desse autor em sua obra.

Desse conceito, destaca-se a ideia de unidade psicológica, presente na obra de Vigotski (2012), que inspirou a elaboração do conceito de “unidade dos processos simbólicos e emocionais” (González Rey, 2003, p. 226). Esses sentidos subjetivos emergem como um fluxo de emoções e, portanto, são inapreensíveis em suas unidades de maneira isolada, mas de forma não consciente e imprevisível, nos modos como são vividas as experiências (González Rey, 1998; 2003; 2004; 2008b). O caráter gerador da subjetividade, na obra de F. González Rey marca uma nova proposta ontológica, representada pela produção de sentidos subjetivos, como unidade simbólico-emocional (González Rey, 2003).

Nessa perspectiva, ao desenvolver o tema da subjetividade como fenômeno de estudo, pode-se gerar uma compreensão qualitativa da complexidade dos processos que caracterizam a

que o todo fora das partes que o constituem, o que explica a permanente oscilação entre as visões de conjunto e análises de detalhes que caracterizam as obras de Hegel e Marx” (Goldmann, 1979, p. 44).

¹⁴ “el pensamiento y el habla son la clave para comprender la naturaleza de la conciencia humana” (Vigotski, 2012, p. 515).

realidade psicossocial da América Latina (Jiménez-Domínguez, 2008) ou de outra em especial. A proposta da Teoria da Subjetividade, de F. González Rey, possibilita compreender o social como uma trama geradora, por meio de uma dimensão importante dos processos humanos: uma dimensão subjetiva.

No contexto da Psicologia Social Crítica Latino-Americana e como desdobramento das discussões desse movimento, na década de 1980, foi apresentado, pela primeira vez, o conceito de subjetividade social por F. González Rey (Montero, 1994). O início da definição dessa categoria se efetivou em 1991, mesmo ano em que o autor recebeu o Prêmio Interamericano de Psicologia (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a).

A participação e o engajamento de F. González Rey no movimento da Psicologia Social Crítica Latino-Americana representaram um marco histórico em sua produção (González Rey & Díaz Gómez, 2005), tanto na criação de ideias e reflexões durante este período quanto na transição e avanço nos estudos da personalidade para a subjetividade. Referindo-se à força da participação ativa do autor nesse movimento e aos desdobramentos para a ênfase de sua discussão na Teoria da Subjetividade, Mitjás Martínez, Goulart, Tacca & Mori (2020) expressam:

A participação de González Rey nesse movimento foi decisiva para a ampliação e aprofundamento de suas elaborações sobre a articulação do individual e do social, que se delinearão na sua concepção de subjetividade [...] Enquanto seus trabalhos sobre personalidade apontam essencialmente à dimensão individual do funcionamento humano, **o conceito de subjetividade, central em sua teoria, expressa, entre outros aspectos, uma articulação original entre o individual e o social, permitindo a compreensão da mútua constituição de ambas as dimensões** (Mitjás Martínez et al., 2020, p.48, grifo nosso).

Dessa forma, no desenvolvimento da Teoria da Subjetividade, os conceitos de subjetividade e subjetividade social constituíram-se conceitos potentes na tentativa de superar a dicotomia indivíduo-sociedade, no estudo sobre como o social participa na constituição de indivíduos e grupos e do papel destes na constituição da dimensão subjetiva do social. A esse respeito, afirma González Rey (2018a):

No meu caso em particular, essas discussões me levaram ao campo da psicologia social com muita força, o que foi uma das influências importantes no meu trânsito de uma psicologia da personalidade para os estudos da subjetividade. **Tal trânsito me levou a**

considerar a personalidade e a subjetividade social como sistemas recursivos que se integram numa mesma definição ontológica apoiada na emergência de processos simbólico-emocionais que definem qualitativamente uma nova qualidade dos processos humanos: seu caráter subjetivo (González Rey, 2018a, p. 82, grifo nosso).

O processo de mudança da concepção da personalidade à subjetividade marca um momento significativo da obra de F. González Rey. Este período, antecedentes ao desenvolvimento da Teoria da Subjetividade, pode-se denominar como momento social, crítico e latino-americano, datado no período compreendido entre os anos 1985 e 1995 (González Rey & Moncayo Quevedo, 2017). Além disso, considero que essa discussão elucida parte do processo de criação e desenvolvimento de aspectos essenciais no valor heurístico da Teoria da Subjetividade.

Destaco atenção quanto ao caminho escolhido para desenvolver este estudo, por meio da análise da subjetividade e de sua compreensão para a discussão e definição da concepção do social. Infere-se que apoiar-se na Teoria da Subjetividade, de caráter cultural-histórico, como representação compreensiva na constituição entre o social e o indivíduo, significa uma via possível a esta investigação. Portanto, a partir dessa perspectiva, não se trata de considerar tudo pela via subjetiva, mas de reconhecer uma dimensão importante dos processos humanos, visto que a dimensão subjetiva da realidade se integra a outras dimensões da realidade social (González Rey, 2004a; Goulart, 2022).

A partir da leitura e análise dessas produções científicas baseadas na Teoria da Subjetividade, de F. González Rey, centrei-me nos aspectos principais sobre como o avanço e a singularidade da compreensão do social desenvolvida pelo autor foram basilares ao desenvolvimento da categoria subjetividade social, assim como a outras integradas a sua compreensão, especialmente as que avançam em relação às contribuições da Psicologia Social Crítica Latino-Americana, apontadas na seção anterior. Desse modo, sistematiza-se em duas dimensões: a) o social como uma categoria com *status* ontológico¹⁵ à subjetividade; integrado ao, b) social como produção subjetiva.

¹⁵ O conceito de ontologia refere-se à “definição teórica de fenômenos suscetíveis a serem estudados pela ciência, e não ao transcendental universal ou essência do ser tal como definido em algumas tendências da Filosofia moderna” (González Rey, 2021).

a) O social como uma categoria com *status* ontológico à subjetividade

Esta seção trata de uma dimensão referente à especificidade de um tipo de funcionamento qualitativamente diferente nos marcos da cultura, por um fenômeno humano que tanto se diferencia quanto não é redutível a outros, em uma nova definição ontológica. Distante de uma caricatura universal, o social assume *status* ontológico à subjetividade na representação das produções subjetivas dos espaços sociais pela categoria de subjetividade social, em sua interface com o sistema teórico configuracional da Teoria da Subjetividade, em uma perspectiva cultural-histórica. Essa compreensão conceitual de subjetividade possibilita representar a forma em que uma produção de saber pode especificar um conjunto de fenômenos que nos rodeiam e ganham inteligibilidade teórica para avançar tanto em um processo de conhecimento quanto de práticas sociais (González Rey, 2004a; 2012; 2020).

Conforme discutido anteriormente, o conceito de subjetividade representa um avanço no desenvolvimento dos estudos iniciais sobre personalidade, que se centravam em uma dimensão individual do funcionamento humano (González Rey & Mitjás Martínez, 2017b; Mitjás Martínez, 2020; Mitjás Martínez et al., 2020). Nas primeiras construções do autor, evidencia-se a discussão sobre os desafios quanto à especificidade do estudo da psicologia social e do aspecto referente à despersonalização da vida social (González Rey, 1993). Para ele, “as categorias subjetividade e sujeito não se esgotam no plano individual, apresentando-se como configurações sociais em outro nível de análise” (González Rey, 1993, p.2, tradução nossa¹⁶). Nessa direção, perante os desafios e dilemas teóricos, propõe-se avançar na compreensão da dimensão individual e social do funcionamento humano, com o conceito de subjetividade social.

Entendemos como subjetividade social precisamente o sistema integral de configurações subjetivas (grupais ou individuais), que se articulam nos distintos níveis da vida social, implicando de forma diferenciada em distintas instituições, grupos e formações de uma sociedade concreta. Estas formas tão dissemelhantes guardam complexas relações entre si e com o sistema de determinantes de cada sociedade concreta, aspectos que devem ser

¹⁶ “las categorías de subjetividad y sujeto no se limitan al individuo, sino que se presentan como configuraciones sociales en otro nivel de análisis” (González Rey, 1993, p.2).

integrados e explicados pela psicologia social (González Rey, 1991, citada por González Rey, 1993, p. 3, tradução nossa¹⁷).

Desde essa definição inicial de subjetividade social, o autor já marca a necessidade de considerar a articulação dialética da historicidade do sistema social e do indivíduo que se desenvolve em diferentes espaços sociais dentro desse sistema, como em distintos níveis indissociados. A concepção de integração na dinâmica e no funcionamento da subjetividade individual e social distancia-se de F. González Rey em seu princípio ontológico, em virtude da perspectiva apoiada em delimitar e/ou orientar o comportamento dos indivíduos (González Rey, 1993).

Para González Rey (2019), no que se refere ao princípio ontológico da subjetividade, especifica:

De acordo com a nossa definição ontológica de subjetividade (González Rey, 1997, 2002, 2017a, 2017b, 2018), como capaz de considerar as emoções como intrínsecas à subjetividade, foram definidos novos princípios epistemológicos que permitem opções metodológicas através das quais as emoções podem ser estudadas através do novo nível qualitativo do seu desenvolvimento. Este novo nível qualitativo de funcionamento emocional, no qual se baseia esta definição de subjetividade, resulta de um novo tipo de unidades subjetivas, que são ao mesmo tempo emocionais e simbólicas, não como uma soma, mas como duas faces do mesmo fenómeno. Estas unidades foram teoricamente cunhadas na nossa teoria como sentidos subjetivos (González Rey, 2019, p. 3, tradução nossa¹⁸).

¹⁷ “Entendemos la subjetividad social precisamente como el sistema integral de configuraciones subjetivas (grupales o individuales), que se articulan en distintos niveles de la vida social, y están implicadas de diferentes maneras en las distintas instituciones, grupos y formaciones de una sociedad específica. Estas formas tan diferentes tienen complejas relaciones entre sí y con el sistema de determinantes de cada sociedad específica, aspectos que deben ser integrados y explicados por la psicología social” (González Rey, 1991, citada por González Rey, 1993, p. 3).

¹⁸ “Following our ontological definition of subjectivity (González Rey, 1997, 2002, 2017a, 2017b, 2018) as capable of considering emotions as intrinsic to subjectivity, new epistemological principles were defined that allow for methodological options through which emotions can be studied via the new qualitative level of their development. This new qualitative level of emotional functioning, on which this definition of subjectivity is based, results from a new kind of subjective unit, ones that are at the same time emotional and symbolical, not as a sum, but as two sides of the same phenomenon. These units were theoretically coined within our theory as subjective senses.” (González Rey, 2019, p. 3).

Nessa perspectiva, os processos psíquicos especificamente humanos são compreendidos como constituintes da organização e do desenvolvimento da cultura e da vida social. A partir dessa definição, é possível delinear princípios teórico-epistemológico-metodológicos que orientem o curso da investigação sobre uma dimensão subjetiva do social de modo particular (González Rey, 1998; 2008a).

Um aspecto relevante a considerar nessa definição ontológica se refere ao caráter simbólico das produções subjetivas individuais e sociais. Conforme as contribuições do movimento da Psicologia Social Crítica Latino-Americana, os modos como se integram o simbólico, na base da constituição da realidade social, orientam-se à desnaturalização deste contexto. Porém, há que se considerar a capacidade de produção dos indivíduos e da constituição de espaços sociais pela complexa relação entre os processos simbólicos e outros processos sociais. De modo particular, para esse marco teórico, constituem-se, nas tramas sociais, processos de natureza subjetiva.

Nas condições da cultura, o caráter simbólico dos processos sociais representou um novo momento para a psicologia no estudo do funcionamento psíquico humano, especialmente com a emergência da subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica. Segundo González Rey (2012, p.170), “emergiu uma nova qualidade exclusiva dos processos humanos na qual o simbólico se integra com o emocional num processo que compreende toda experiência humana como um ‘sentir’ produzido a partir do qual se rompe radicalmente o determinismo do externo sobre o interno”.

Em sua unidade simbólico-emocional, essa definição de subjetividade especifica o indivíduo e os processos sociais como inerentes às realidades humanas. Assim, vivemos realidades subjetivas de forma inseparável das realidades de outras ordens (González Rey, 2004a). Nessa base, é possível avançar na compreensão da subjetividade.

Os sentidos subjetivos são informados por todos os domínios socioculturais simbólicos da vida social, bem como por histórias pessoais e contextos de vida atuais, tornando, desta maneira, possível gerar inteligibilidade em questões tão diversas, como gênero, raça, família, valores, e assim por diante, por meio do estudo de qualquer configuração subjetiva (González Rey, 2015b, p. 16, tradução nossa¹⁹).

¹⁹ “Subjective senses are informed by all the symbolic socio-cultural domains of social life as well as by personal histories and current life contexts, thus making it possible to generate intelligibility on such diverse matters as genre, race, family, values, and so on through the study of any subjective configuration” (González Rey, 2015b, p. 16).

De modo específico, como fundamento da definição ontológica da subjetividade dentro da perspectiva cultural-histórica, o conceito de sentidos subjetivos expressa a implicação subjetiva nas produções dos indivíduos e grupos sociais. Em uma das definições de subjetividade social, F. González Rey explicita, de modo integrado, como a produção de sentidos subjetivos e as configurações subjetivas geram inteligibilidade ao referido conceito.

A subjetividade social é a forma em que se integram sentidos subjetivos e configurações subjetivas de diferentes espaços sociais, formando um verdadeiro sistema no qual o que ocorre em cada espaço concreto, como a família, escola, grupo informal etc. está alimentado por produções subjetivas de outros espaços sociais (González Rey, 2008b, p. 234).

A partir da discussão delineada até o momento, fica claro o caráter configuracional e dinâmico desse sistema teórico, na definição da subjetividade como produção de sentidos subjetivos na experiência vivida tanto por pessoas e grupos quanto em modos e práticas, dentro de uma organização social. Portanto, a subjetividade social e a subjetividade individual “mantém relações recursivas, cujas expressões e efeitos colaterais que são simultâneos e diferentes para cada um dos sistemas, passam a ser constituintes de ambos através de sentidos subjetivos diferentes” (González Rey, 2019a, p. 14, tradução nossa²⁰).

Em relação à representação teórica da subjetividade, quanto ao seu caráter processual e à dinâmica entre subjetividade social e subjetividade individual, as emoções são constitutivas da organização da subjetividade e essenciais para a compreensão dos sentidos subjetivos, visto que

A subjetividade se produz sobre sistemas simbólicos e emoções que expressam, de forma diferenciada, o encontro de histórias singulares, de instâncias sociais e sujeitos individuais, com contextos sociais e culturais multidimensionais (González Rey, 2004a, p. 137).

A Teoria da Subjetividade pode marcar um giro social na psicologia quanto a forma com que concebe a superação das dicotomias entre o social e o individual visto que, ao reconhecer a gênese da cultura e do social no indivíduo, González Rey (1995; 2016) avança ao explicitar, ontologicamente, um fenômeno humano específico e propor um modelo teórico, de caráter configuracional, que permite compreendê-lo, e ainda, delineia uma proposta epistemológica e metodológica capaz de representar novas inteligibilidades ao processo de pesquisa.

²⁰ “Recursive relationships, whose expressions and collateral effects that are simultaneous and different for each of the systems, become constituents of both through different subjective meanings” (González Rey, 2019a, p. 14).

Da dimensão ontológica, desdobra-se um aspecto epistemológico em relação ao conceito de subjetividade social e às inter-relações com os demais conceitos da Teoria da Subjetividade de perspectiva cultural-histórica, tendo em vista que estes se constituem recursos de pensamento em aberto que podem possibilitar novas inteligibilidades ao estudo proposto. As categorias permitem representar a subjetividade e suas expressões no funcionamento social, e não como conceitos teóricos de um funcionamento humano de caráter geral. Esse elemento pode representar valor a esta pesquisa, pois permite uma abertura ao diálogo com as questões sociais atuais (González Rey, 2019a; 2019b; 2019c).

b) O social como produção subjetiva

A partir de uma discussão atual sobre os processos e as formas de organização da psique humana, o caráter gerador da subjetividade (González Rey, 2003) implica considerar a criação como processo constituidor da cultura na relação do humano com a natureza. A cultura, nessa perspectiva, representa uma realidade simbólica e se produz subjetiva e historicamente (González Rey, 2003). Essa concepção avança, no caráter explicativo e de compreensão da constituição do social, de modo a desmitificar a ideia de um tecido social único, homogêneo e passível de controle externo (González Rey, 1995; 2004). Quanto ao valor da categoria de subjetividade social, F. González Rey expressa:

O conceito de subjetividade social, desde sua definição (González Rey, 1993), teve como objetivo explicar a complexidade sistêmica do funcionamento de vários espaços sociais, tentando superar a forma fragmentada e isolada com que a psicologia tratava alguns desses espaços, sem considerar a sua integração necessária dentro de processos e formas de organização mais holísticas e que abrangessem a sociedade como um todo (González Rey, 2004a, p. 145).

Para além de compreender a dimensão subjetiva dos espaços sociais por meio das expressões da subjetividade social e da forma como as pessoas subjetivam tais contextos, a representação teórica de subjetividade social constitui, à sua compreensão, o processo de produção subjetiva dessas pessoas, referente à capacidade geradora da trama social (González Rey, 2004a). Para este estudo, por exemplo, a fim de compreender a subjetividade social no contexto de uma cooperativa, caberiam questões a respeito de como a subjetividade social se configura subjetivamente para as participantes, de modo atualizado, no curso de suas ações e práticas

cotidianas, bem como, de questões relacionadas ao modo como elas constituem a subjetividade social da cooperativa.

Ao considerar a pessoa no curso de suas experiências, destaca-se “a sua capacidade geradora de sentidos por meio do pensamento como um dos elementos centrais no desenvolvimento de sua capacidade para produzir rupturas” (González Rey, 2003, p.227). A capacidade criativa de produzir rupturas pode ser concebida como uma forma de funcionamento subjetivo e não apenas como um produto em nível individual e social. Essa compreensão permite caracterizar o conceito de subjetividade social como uma forma de representação conceitual subversiva pelas diferentes formas sociais de expressões singulares (González Rey, 2019b; 2020).

Nessa perspectiva de subversão da subjetividade, não se atribui um caráter moral. Há que se considerar o contexto das contradições presentes na vida humana e do reconhecimento da coexistência de projetos políticos e econômicos, em desenvolvimento histórico, constitutivos da cultura. Desse modo, a subjetividade pode operar tanto em processos orientados à abertura e ao desenvolvimento quanto a resistências a mudanças e/ou no favorecimento de processos de aprisionamento e destruição em nível individual e social (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

A respeito da capacidade subversiva como constitutiva da capacidade geradora (da condição subjetiva) do indivíduo, F. González Rey especifica o caráter epistemológico da investigação na relevância do estudo da subjetividade social e de suas configurações subjetivas:

Um tecido social se alimenta da diversidade criativa das pessoas, cujas ações sempre representam momentos geradores e de crescimento no interior dos espaços sociais em que as ações individuais se expressam. Muitas ações individuais representam um momento de uma configuração da subjetividade social, momento sensível de ampliar-se em outras configurações mais complexas da subjetividade social (González Rey, 2019b, p.24, tradução nossa²¹).

Assim sendo, especificar os princípios epistemológicos para o estudo da subjetividade no curso da pesquisa torna-se imprescindível, visto que a representação de determinada subjetividade social e individual, por exemplo, ganham inteligibilidade na investigação empírica.

²¹ “A social fabric is nourished by the creative diversity of people, whose actions always represent moments of generation and growth within the social spaces in which individual actions are expressed. Many individual actions represent a moment in a configuration of social subjectivity, a sensitive moment to expand into other more complex configurations of social Subjectivity” (González Rey, 2019b, p.24).

Especificamente no processo de pesquisa, se constroem interpretações possíveis, a fim de gerar inteligibilidade e visibilidade teórica, pois, desde essa perspectiva, não existe representação direta de uma experiência vivida (González Rey, 1995; 2003).

A partir dessa discussão em relação às considerações a respeito do movimento da Psicologia na América Latina (González Rey, 2009; González Rey & Mitjans Martínez, 2013) e às contribuições da Teoria da Subjetividade, especialmente na compreensão do conceito de subjetividade social, reafirma-se que essa perspectiva teórica pode se constituir como marco no giro social da psicologia no que se vincula ao modo que propõe compreender a superação da dicotomia social-individual na constituição humana. De modo abrangente, o referido sistema teórico configuracional (González Rey, 2001; 2003) pode orientar que esta pesquisa contemple a vivacidade e dinamicidade das múltiplas tramas sociais e institucionais, configuradas nas diferentes formas da pessoa sentir e produzir, no curso de experiências situadas, em específicos espaços sociais.

A subjetividade social, tal como é produzida, como um sistema configuracional, difere de outras dimensões do social, porque as produções subjetivas se expressam no curso da ação e das experiências cotidianas sobre produções simbólicas de caráter social, como: gênero, raça, classe social e *status* social. No curso das ações e em contextos sociais situados, enfatiza-se o caráter singular das produções subjetivas, geradas na tessitura de uma biografia única dos indivíduos e da organização dos espaços sociais (González Rey, 2004a).

1.3 A produção acadêmica por meio da categoria subjetividade social

A partir desse giro social e ao definir o conceito de subjetividade social como a representação teórica mais pertinente a esta pesquisa, avança-se na compreensão de uma busca às contribuições e possíveis lacunas em trabalhos de pesquisa orientadas à análise e compreensão dessa categoria. Para tanto, a base de dados direcionou-se por meio do catálogo de teses e dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Inicialmente, por meio da presença do conceito de subjetividade social no título ou nos resumos das produções, identificaram-se oitenta e oito pesquisas realizadas, publicadas no período de 2002 (ano em que a CAPES disponibilizou o catálogo de dissertações e teses) a 2024. Dentre

estas, cinquenta e uma dissertações de mestrado acadêmico, seis de mestrado profissional e vinte e seis teses.

Posteriormente, com a leitura dos resumos e objetivos de pesquisa, foi possível identificar os trabalhos que se detiveram ao estudo e à análise da subjetividade social de grupos, instituições e demais espaços. O critério incluiu o uso do conceito de subjetividade social trabalhado no contexto da Teoria da Subjetividade, desenvolvida por Fernando González Rey, em uma perspectiva cultural-histórica. A partir desses critérios, foram excluídos setenta trabalhos, e considerados, para essa revisão e discussão, nove dissertações, de mestrado acadêmico, e oito teses.

Os programas de pós-graduação das dissertações e teses analisadas concentram-se nas áreas de educação e psicologia, sendo apenas uma tese de doutorado em desenvolvimento regional e urbano (Sasaki, 2009). Portanto, a escola foi escolhida, predominantemente, como o campo de estudos e a instituição em que as referidas pesquisas objetivaram analisar e compreender a subjetividade social do espaço escolar (Albuquerque, 2005; Campolina, 2012; Sá, 2014; Silva, 2014; Martins, 2015; Carvalho, G. M. G., 2018; Leal, 2018; Oliveira, 2018; Vieira, 2019; Sampaio, 2020; Santos, S. R., 2023; Lopes, 2024). Os estudos, mesmo em espaços escolares, podem contribuir para este e demais estudos, com reflexões sobre a pesquisa da subjetividade social de outros espaços sociais.

Destacam-se algumas das pesquisas selecionadas para essa revisão de literatura em que o contexto de investigação e o estudo da subjetividade social se desenvolveram em outros espaços sociais, tais como em: a) um município brasileiro, em virtude da atividade de intervenção turística na região (Sasaki, 2009); b) uma instituição definida como de finalidade educativa empresarial (Santos, M. O., 2020); c) uma instituição de educação caracterizada como não formal, em uma biblioteca pública (Carvalho, P. S. M., 2022); d) um espaço de trabalho caracterizado como não formal de trabalho autônomo (Figueira, 2023); e) um órgão vinculado institucionalmente à administração pública federal (Lago, 2023).

Quanto às dissertações de mestrado acadêmico (Albuquerque, 2005; Sá, 2014; Silva, 2014; Vieira, 2019; Sampaio, 2020; Carvalho, P. S. M., 2022; Figueira, 2023; Lago, 2023; Santos, S. R., 2023), identificam-se estudos que se detiveram na discussão teórica a respeito do conceito de subjetividade social e relevância da categoria para a possível compreensão do objetivo central de suas investigações. Essa ênfase, na introdução e nos capítulos teóricos, prevaleceu mais do que,

propriamente, na parte metodológica, no processo de construção interpretativa, articulada às conclusões das referidas pesquisas.

A essa análise, a partir do mapeamento e panorama geral dos referidos trabalhos, das limitações metodológicas com relação ao método construtivo-interpretativo, seus desafios não resolvidos, controvérsias e discrepâncias no que se vincula ao aprofundamento da compreensão da subjetividade social e sua expressão nas pesquisas de mestrado, pode-se atribuir ao tempo restrito das investigações e ao processo inicial de formação desses pesquisadores. Porém, tais pesquisas também apresentam aspectos interessantes e anunciam questões que visam contribuir para o entendimento do tema em questão ou para sua própria pesquisa, orientadas à tentativa de contemplar a inter-relação entre subjetividade individual e subjetividade social.

No que se refere às contribuições ao valor heurístico do conceito de subjetividade social, Albuquerque (2005) aponta a participação da comunidade escolar e o posicionamento diferenciado quanto ao compromisso dos pais e responsáveis de estudantes como possível favorecedor de mudanças na subjetividade social da instituição escolar. Ainda inclui contradições presentes na subjetividade social, produzidas por concepções, ações e práticas consideradas inclusivas em detrimento das expressas como preconceito a estudantes com deficiência.

A respeito da relação entre subjetividade social da instituição escolar e concepções de docentes sobre diagnósticos e transtornos de aprendizagem, Sá (2014) busca a compreensão de elementos da subjetividade social, por meio da discussão de três estudos de caso. De modo mais detalhado em seus procedimentos metodológicos, Silva (2014) avança em relação a estudos anteriores ao abordar a subjetividade social da escola, em uma perspectiva inclusiva, por meio do estudo de seus processos de constituição. A autora busca inaugurar o exame da temática sobre espectro autista via estudo da subjetividade social da escola.

Na pesquisa de Vieira (2019), a autora se propõe a avançar no que se refere à representação social como uma configuração subjetiva social, um aspecto relevante para a compreensão teórica e as definições metodológicas no estudo da subjetividade social de um contexto específico. Em relação às reflexões posteriores ao seu estudo, Sampaio (2020) questiona sobre como a subjetividade social se configura individualmente e como se constitui nos espaços sociais.

A respeito da constituição e do caráter configuracional da subjetividade social, o estudo de Carvalho, P. S. M. (2022) centra-se nas produções e expressões da subjetividade social de uma instituição pública, uma biblioteca. A autora apresenta um aspecto inovador e interessante em

relação aos trabalhos anteriores na busca por relacionar e apresentar como as produções e expressões configuram-se na subjetividade social da referida instituição. Além disso, aponta a discussão desta como sujeito e suas possíveis vias de subjetivação no confronto com o instituído.

Ainda em relação aos desafios metodológicos, o estudo de Santos, S. R. (2023) produz o que a autora denomina de mapeamento configuracional da subjetividade social da instituição escolar, um panorama momentâneo de como a subjetividade social pode configurar-se na atuação de duas pedagogas da instituição. Para além, tenta uma delimitação em sua investigação ao objetivar compreender como a subjetividade social de uma instituição se expressa nas ações de profissionais da equipe.

O debate sobre a relação da subjetividade social de uma instituição específica do estudo com a subjetividade social de outras instituições ou de outros diferentes espaços sociais mais amplos, aparece com maior ênfase nos estudos de Figueira (2023) e Lago (2023), em que os autores destacam, a partir do estudo de experiências singulares, como diferentes aspectos relacionados à subjetividade social brasileira pode configurar-se e expressar-se em práticas, concepções e valores na subjetividade social de um determinado espaço.

Em relação às teses (Sasaki, 2009; Campolina, 2012; Martins, 2015; Carvalho, G. M. G., 2018; Leal, 2018; Oliveira, 2018; Santos, M. O., 2020; Lopes, 2024), percebe-se maior aprofundamento na discussão sobre o conceito de subjetividade social e sua relação com os objetivos dos estudos. As lacunas identificadas referem-se ao processo construtivo-interpretativo, por vezes, constituído por descrições e narrativas que se distanciam de novos níveis interpretativos na produção das hipóteses. As limitações expressas pelos autores referem-se aos desafios metodológicos enfrentados no estudo da subjetividade social de um contexto específico, assim como à complexidade das inter-relações com a subjetividade individual.

No que se refere às contribuições dos estudos ao valor heurístico do conceito de subjetividade social, Sasaki (2009), possibilita a abertura de novas inteligibilidades em relação ao estudo de como se configura a identidade de moradores na subjetividade social de um município, após a intervenção turística realizada na região. A autora inclui em sua pesquisa diversos participantes com atuações sociais diferentes e anuncia uma discussão sobre a relação da subjetividade social do município com a subjetividade social de outros espaços sociais.

Em sua pesquisa, Campolina (2012) defende a tese de que a configuração de elementos que possibilitam a inovação educativa articula o histórico e o contextual, sendo que, em ambos, a

dimensão subjetiva – social e individual, adquire um papel diferenciado e vital para o processo inovador na instituição escolar. Como via metodológica para a compreensão da subjetividade social, a autora define, diferentes atores escolares como participantes, identificando-os como significativos para o entendimento do problema. Destaca-se a diversidade de participantes e instrumentos utilizados pela autora como uma das vias de contribuição para planejar metodologicamente os recursos a serem pensados e construídos para a pesquisa. Em estudo recente, Campolina & Santos (2023) reafirmam o valor heurístico da categoria subjetividade social para compreender os processos sociais na sua dimensão subjetiva configurada no âmbito da atuação de indivíduos, grupos e instituições. Além disso, avançam em relação às construções realizadas ao explicitar em seus resultados expressões da subjetividade social de grupos e instituições partícipes das disputas pertinentes à perspectiva inclusiva da Educação Especial, no contexto da agenda regressiva em curso no Brasil (Campolina & Santos, 2023).

Martins (2015) também propõe estudar a subjetividade social por meio da participação, em sua investigação, de atores diferentes do contexto escolar, como: estudantes, professores e demais profissionais. Quanto ao estudo, destaca-se a ênfase nas relações nos processos de institucionalização das políticas públicas, no contexto da escola. Na tese de Leal (2018), um de seus objetivos foi discutir as vias por meio das quais a subjetividade se desenvolve no tecido relacional da escola. O autor apresenta, em suas conclusões, produções subjetivas das participantes do estudo (sete docentes), que se configuram como expressão da subjetividade social da instituição escolar.

As teses de Carvalho, G. M. G. (2018) e Oliveira (2018) apresentam avanços em relação à compreensão da subjetividade social no que se refere ao delineamento metodológico, de modo sistemático, com duas ênfases diferentes: no papel do indivíduo na constituição da subjetividade social e da subjetividade social na constituição dos indivíduos. Além disso, ambas as teses destacam, na proposta de suas investigações, a ação como objeto de estudo na inter-relação com a subjetividade social do contexto institucional em foco.

Para alcançar seus objetivos de estudos, Carvalho, G. M. G. (2018) realiza uma análise da ação (da direção escolar) e de expressões da subjetividade social (da escola) para, posteriormente, estabelecer relações entre características das ações da direção escolar e expressões da subjetividade social como favorecedoras da inovação. Já o modelo teórico de Oliveira (2018) orientou-se pela compreensão da constituição e de expressões da subjetividade social (da sala de aula), assim como

do estudo da configuração subjetiva da ação (de aprender). Essas teses, de modo especial, contribuem à abertura de reflexões e possíveis expressões criativas para o desenvolvimento desta pesquisa, que tem, como foco, a ação (de mulheres catadoras) e a subjetividade social (de uma cooperativa).

No que se refere à ênfase nas ações e relações, a tese de Lopes (2024) objetiva compreender as mudanças nas produções subjetivas da subjetividade social de uma escola em sua inter-relação com as ações e relações pedagógicas estabelecidas. A autora inaugura uma discussão sobre a subjetividade social do contexto escolar durante e após o período da pandemia de Covid-19, evidenciando aspectos sobre a movimentação da subjetividade social. Quanto às inovações de temáticas, Santos, M. O. (2020) abre novas inteligibilidades ao campo de pesquisa delimitado com a tese sobre subjetividade social e aprendizagem na educação empresarial. Para tal, a autora realiza o estudo da configuração subjetiva do aprender e de expressões dominantes, e dos tipos de relações estabelecidas na subjetividade social do espaço de uma prática educativa empresarial. De modo específico, articulado aos interesses de investigação desta tese, destacam-se duas principais contribuições da tese de Santos, M. O. (2020): a) o valor da categoria configuração subjetiva da ação e seu estudo relacionado às expressões da subjetividade social; e, b) o valor da produção e do caráter gerado da pessoa, por meio do estudo da configuração subjetiva da ação, como compreensão não determinante das formas pelas quais a aprendizagem se expressou no espaço investigado.

O trabalho de revisão e apreciação das dissertações e teses favoreceu a compreensão a respeito das contribuições no que se refere ao valor heurístico da subjetividade social, assim como a algumas lacunas identificadas nos trabalhos de pesquisa orientados à análise e compreensão dessa categoria. Dentre as lacunas, destaca-se a ausência de pesquisas que, metodologicamente, desenvolveram seus estudos por meio da compreensão de configurações subjetivas sociais da subjetividade social de determinado espaço, sabe-se que as análises desse trabalho de revisão de literatura articulam-se às considerações de Mitjás Martínez (2020) a respeito das razões pelas quais há um número significativamente menor de pesquisas desenvolvidas com ênfase específica na subjetividade social.

Ressalta-se, ainda, a recente revisão acerca de pesquisas que trabalharam com o conceito de subjetividade social no contexto escolar, em que Rossato & Mitjás Martínez (2023) apontam para três principais contribuições: a) a constituição da subjetividade social da escola; b) o valor do

reconhecimento da subjetividade social da escola; e, c) os desafios à promoção de mudanças na subjetividade social da escola. Essas contribuições expressam o valor do estudo da subjetividade social na escola, podendo ser ampliada, ao estudo, em diferentes instituições e espaços sociais, conforme explicitado nessa seção.

Desse modo, no próximo capítulo, a discussão, de base teórica centrar-se-á no valor heurístico do estudo da Teoria da Subjetividade, de Fernando González Rey, especialmente das categorias configuração subjetiva da ação e da subjetividade social, a fim de, compreender a relação entre a ação de mulheres catadoras e o espaço social de uma instituição, sob regime de uma cooperativa, como um novo contexto de inserção socioproductiva a essas mulheres.

Capítulo 2 - Subjetividade Social e Configuração Subjetiva da Ação: conceitos de um sistema teórico configuracional

No capítulo anterior, dedicado ao trabalho da revisão de literatura, apresenta-se parte do percurso histórico e uma contextualização atual da Teoria da Subjetividade, de Fernando González Rey (Goulart & González Rey, 2023), assim como contribuições e lacunas existentes no que se refere ao estudo da subjetividade social. O objetivo deste capítulo é aprofundar a discussão sobre a base teórica desta pesquisa e suas principais contribuições à investigação.

Conforme discutido anteriormente, na Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, a gênese do conceito de subjetividade e da compreensão atual desse modelo teórico inicia-se nos estudos do autor sobre a personalidade (González Rey & Mitjans Martínez, 1989; González Rey, 1995). Esse giro teórico e epistemológico tem contribuído, expressivamente, para novas compreensões no campo do desenvolvimento humano, especialmente ao processo de desenvolvimento subjetivo (Rossato et al., 2022), dentre outros. Portanto, considera-se que tal giro teórico e epistemológico se integra ao giro social no campo da psicologia, conforme discutido no capítulo anterior.

Nessa direção, uma nova compreensão, a partir dos giros teórico, epistemológico e social, se refere ao caráter gerador da subjetividade ao possibilitar a compreensão de produções subjetivas geradas, por pessoa ou grupo, ao viver uma experiência, sempre situada em contexto. Desse modo, amplia-se a concepção quanto à expressão direta e linear entre um fato e suas formas de expressão, na vida de uma pessoa ou um grupo, para como esse fato pode constituir-se um recurso de enfrentamento a tais condições objetivas (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

Cabe esclarecer a relação entre objetividade e subjetividade, pois a subjetividade, nessa perspectiva, é uma das qualidades da existência objetiva e não simplesmente o oposto desta, na qual as dimensões objetivas atuais constituem uma história permeada por produções de sentidos. Para essa concepção, a subjetividade é tão objetiva, quanto outros processos, visto que pode ser vivida e investigada. A respeito das representações dicotômicas entre subjetividade e objetividade, González Rey (2021) expressa:

A subjetividade não se define em oposição a objetividade, se refere ao caráter objetivo dos fenômenos humanos. A subjetividade é uma qualidade específica dos fenômenos humanos dentro da cultura, e seu funcionamento envolve instituições individuais e

sociais como agentes que tem caráter ativo, gerador e criativo (González Rey, 2021, p. 51, tradução nossa²²).

Em destaque ao valor dessa definição, o caráter gerador e imaginário da subjetividade pode orientar uma compreensão diferenciada a respeito de pessoas caracterizadas como vulneráveis, devido ao contexto e às situações particulares de ausência de direitos básicos e violências as quais estão vinculadas, a exemplo das vividas pelas participantes deste estudo. Por meio dos fundamentos desse referencial teórico, é questionável uma compreensão de vulnerabilidade que desconsidere como as mulheres catadoras, e seus grupos, são capazes de gerar recursos subjetivos²³ no curso da ação no contexto de seu trabalho como catadoras de materiais recicláveis.

Desse modo, as condições sociais denominadas de risco se tornam um contexto relevante para esta pesquisa ao permitir explicações sobre como cada mulher e o grupo, seu coletivo, subjetivam e produzem a subjetividade social da cooperativa, no modo institucional a que se vinculam. Na diversidade da produção de sentidos subjetivos que participam da ação dessas mulheres, pode-se reconhecer a relevância desse contexto institucional, pois nesse espaço social de produção subjetiva configura-se essa ação. A diversidade de produções subjetivas, em contexto e relacionadas à história, constituem dois momentos inseparáveis da capacidade geradora de configurações subjetivas (Mitjans Martínez & González Rey, 2019).

Além disso, as produções subjetivas de outras áreas da vida podem relacionar-se a uma experiência configurada subjetivamente para as mulheres ou ao seu grupo social, tendo em conta que não há fronteiras nem limites definidos nessa representação teórica configuracional. Uma configuração subjetiva diz respeito à forma como a historicidade se presentifica em um momento atual e, pelo modo e por quais vias os sentidos subjetivos dessa experiência atual são gerados (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a).

Portanto, os recursos culturais articulados à experiência vivida, por pessoa ou grupo, podem gerar formas de subjetivação singulares diante das mais diversas condições sociais. Nessa perspectiva, a ênfase do estudo não se centrará apenas na discussão sobre as condições vividas

²² “Subjectivity is not defined in opposition to objectivity; it refers to the objective character of human phenomena. Subjectivity is a specific quality of human phenomena within culture, and its functioning involves individual and social institutions as agents that have an active, generative and creative character” (González Rey, 2021, p.51).

²³ “Embora a noção de recursos subjetivos não tenha sido definida explicitamente na obra de González Rey, é possível entendê-la enquanto dimensão funcional de uma configuração subjetiva, expressa na ampliação das possibilidades de ação, reflexão e posicionamento em diferentes áreas de vida” (Goulart & Mitjans Martínez, 2023, p. 46).

pelas mulheres catadoras, mas em evidenciar como tais condições sociais podem integrar a produção das diversas formas de subjetivação que conformam suas configurações subjetivas. A respeito de uma das definições mais atuais de configuração subjetiva, González Rey (2021) pontua:

A relativa estabilidade das configurações subjetivas resulta da resistência que oferece a mudança frente aos novos processos que resultam do momento real de qualquer atividade em curso. Ao mesmo tempo essa estabilidade é relativa porque os caminhos e decisões dos indivíduos e grupos, como agentes de suas próprias ações, conduzem a novos sentidos subjetivos (González Rey, 2021, p. 57, tradução nossa²⁴).

As configurações subjetivas, em seu caráter motivacional²⁵, representam um conceito central à compreensão da subjetividade. Por consequência, o estudo das configurações subjetivas pode permitir representar o caráter gerador da produção de uma diversidade de sentidos subjetivos que está na base da motivação da ação das mulheres e de outros processos implicados no curso dessa e de outras experiências de vida. Tal compreensão revela especial significação do estudo das configurações subjetivas tanto no trabalho da catação quanto em outras esferas da vida das mulheres, de maneira a ampliar e complexificar o entendimento sobre os modos de vida dessas pessoas e do grupo para além do estereótipo de catadoras, representação hegemônica social, que reduz a compreensão da ação e vida das mulheres ao tipo de trabalho que desenvolvem.

Este estudo, que traz à tona um entendimento distinto do que tem sido produzido no campo da Psicologia Social Crítica Latino-Americana, conforme apresentado na revisão de literatura realizada no primeiro capítulo desta tese, orienta-se pela compreensão da subjetividade como teoria da motivação humana (González Rey, 2022) que possibilita apreender a motivação das mulheres como intrínseca à configuração subjetiva de sua ação, como catadoras no espaço institucional da cooperativa (González Rey, 2014), capaz de gerar novas vias de inteligibilidade sobre como alguns dos processos sociais configurados conformam os modos de vida dessas mulheres.

²⁴ “The relative stability of subjective configurations results from the resistance offered by change in the face of the new processes that result from the real moment of any ongoing activity. At the same time, this stability is relative because the paths and decisions of individuals and groups, as agents of their own actions, lead to new subjective meanings” (González Rey, 2021, p.57).

²⁵ A definição de motivos como configuração subjetiva se refere a uma nova forma de conceituar motivação dentro de uma perspectiva cultural-histórica. (González Rey, 2014).

Nessa perspectiva teórica, as produções iniciais sobre modo de vida (González Rey, 2004b) possuem sua gênese em uma definição de perspectiva sociológica, no qual ressalta uma possível inter-relação entre as condições de vida e o papel ativo da pessoa no seu modo de vida. A discussão dessa época parte da compreensão de Fernando González Rey sobre personalidade, mas apresenta aspectos e princípios interessantes às discussões atuais deste estudo, como: a) a orientação ativa e passiva da pessoa em seus modos de vida; b) o valor de distintas formas de envolvimento das pessoas em projetos sociais; c) a implicação e motivação da pessoa no desenvolvimento de suas atividades como antítese do processo de alienação e do distresse; d) os processos de subjetivação de pessoas e grupos associados a contextos de organização e funcionamento de instituições sociais; e, e) o valor do modo de vida para a compreensão da saúde humana (González Rey, 2004b).

Como definição a ser considerada neste estudo, por modo de vida (González Rey, 2004b), compreende-se

uma produção subjetiva relacionada com as ações, relações e preferências que definem em seu inter-relacionamento a forma como vivemos. Essas ações e preferências não são simples atos fixados pelo costume, mas configurações subjetivas diversas que encontram ancoragem em sistemas de comportamentos, o que define uma dimensão simbólico-emocional no comportamento muito mais complexo do que as aparências indicam (González Rey, 2004b, p. 40).

Essa compreensão de modo de vida difere-se da representação hegemonicamente predominante em uma sociedade ocidental contemporânea próxima à vivida no Brasil, centrada em ideais de bem-estar referenciadas por padrões de pessoas pertencentes a grupos e classes específicos. As linhas de investigações em subjetividade dedicam-se a estudos relacionados à saúde em diferentes dimensões da vida do indivíduo de modo a aprofundar essa discussão, exemplo de estudos evidenciados no modo de vida (González Rey, 1997; 2004b; 2011a), na saúde (Mori, 2009), saúde mental (Goulart, 2017; 2019), música (Souza, 2013), diversidade sexual (Moncayo Quevedo, 2017) e no corpo (Bernardes, 2023).

Esses estudos orientam-se pela crítica do ocultamento de uma perspectiva de saúde no âmbito social, em detrimento a sua institucionalização. Essa contribuição revela valor à compreensão neste estudo direcionada à ação das catadoras, em que se identificam sintomas e diagnósticos de doenças reduzidos a receitas prescritivas às mulheres. Essa questão e outras constitutivas dos desafios no campo da psicologia frente à conformação do capitalismo

desenvolvido na América Latina (González Rey, 2017) são alguns dos aspectos desta investigação, dado que se configuram no modo de vida dessas mulheres.

Em toda configuração subjetiva da pessoa, a subjetividade individual e social aparece nos sentidos subjetivos das configurações dos atos e processos que definem o nosso modo de vida, entre eles os sentidos subjetivos associados ao gênero, à raça, aos costumes locais e nacionais, bem como às múltiplas consequências do modelo socioeconômico hegemônico da sociedade, que aparecem através de múltiplos sentidos subjetivos configurados nos modos de vida individuais (González Rey, 2004b, p.42).

Essa compreensão se desdobrará pelo caráter configuracional, gerador, dinâmico e atual da subjetividade, conforme discutido. O foco do estudo teórico-empírico, serão as representações de configurações subjetivas tomadas como unidades subjetivas do desenvolvimento em curso, que se conformam emocionalmente, de tal modo que, “do fluxo dos subjetivos sentidos emergem novas unidades de uma ordem superior, as configurações subjetivas, que se tornam fontes de sentidos subjetivos que ganham uma relativa independência de experiências imediatas” (González Rey, 2021, p.19, tradução nossa²⁶).

Para gerar inteligibilidade a esses aspectos e às inter-relações entre subjetividade social e subjetividade individual, a via de representação para a construção deste modelo teórico será a configuração subjetiva da ação do trabalho das mulheres. As ações, compreendidas como aquelas configuradas subjetivamente, emergem como produções subjetivas individuais e sociais (González Rey, 2008b). Essa inter-relação entre o individual e o social, entre o histórico e o atual, representada pela configuração subjetiva da ação, pode permitir compreender o lugar do social das ações das mulheres e de seu grupo. No caso das participantes da pesquisa, a história de trabalho e vida no antigo lixão da Estrutural, como veremos ao longo do texto, não se presentifica, atualmente, na ação cotidiana da cooperativa como história do passado, mas pelo modo como está configurada subjetivamente nessas pessoas.

Mesmo quando as configurações subjetivas são autogeradoras de sentidos convergentes em determinada ação, novos sentidos subjetivos podem emergir como resultado dos agentes da ação, sejam eles sociais ou individuais, e ser integrados no decorrer da configuração subjetiva dominante da experiência em que a ação ocorre, ou implicar

²⁶ “From the flow of subjective senses emerge new units of a higher order, the subjective configurations, which become sources of subjective senses that gain relative independence from immediate experiences” (González Rey, 2021, p.19).

processos de mudanças nessa própria configuração subjetiva dos agentes da experiência vivida (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p. 64).

Essa definição destaca o caráter auto organizador e, também, autogerador da configuração subjetiva, assim como ilustra o valor da configuração subjetiva da ação como via compreensiva para: a) compreender a dinâmica e singularidade de processos e produções subjetivas; b) contemplar o social subjetivado e suas inter-relações com processos sociais; c) evidenciar sua capacidade geradora e a natureza específica da subjetividade (González Rey & Mitjans Martínez, 2017b); e, d) integrar a historicidade da subjetividade social e da subjetividade individual a novos sentidos subjetivos produzidos no curso da experiência humana (Muniz & Almeida, 2017). Logo, por meio dessa categoria, também é possível compreender como a personalidade²⁷ se atualiza na dinâmica com o contexto vivido.

Essa categoria renova a indissociável relação das subjetividades individuais e as subjetividades sociais na dinâmica com os espaços sociais vividos em que se expressam e produzem, na ação, sentidos subjetivos que participam de diferentes configurações subjetivas (Muniz & Almeida, 2017; González Rey, 2021). A respeito da integração das distintas configurações subjetivas individuais e sociais, González Rey & Mitjans Martínez (2017a) explicitam:

O jogo contraditório e tenso dos sentidos subjetivos e das configurações subjetivas sintetiza, em cada um dos níveis de configuração da subjetividade individual e social, múltiplas produções subjetivas que se configuram no nível macro da organização social, mas aparecem em seu caráter singular em cada um desses níveis (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p.64).

Quanto às formas mais atuais de construção do modelo teórico na compreensão da permanente articulação entre subjetividade individual e subjetividade social, Fernando González Rey especifica o valor heurístico do conceito de configuração subjetiva da ação:

²⁷ Las configuraciones subjetivas son sistemas autoorganizados de sentidos subjetivos que están presentes en el sentir y en los significados que la experiencia de vida tiene para la persona [...] En la personalidad coexisten las configuraciones subjetivas de aquellos espacios más relevantes vividos por una persona dentro de sus referentes culturales; la personalidad no es determinante del comportamiento, es el sistema en que el comportamiento toma sentido subjetivo para la persona (González Rey, 2011d, p.353).

O sujeito²⁸ representa o momento de vivência das configurações subjetivas individuais na ação, tornando-se o elo entre as subjetividades sociais e individuais. As configurações sociais e individuais conformam-se, através desse sujeito, em uma configuração subjetiva única que é simultaneamente social e individual: a configuração subjetiva da ação (González Rey, 2015a, p. 16, tradução nossa²⁹).

A partir desse novo momento de desenvolvimento da Teoria da Subjetividade, a categoria configuração subjetiva da ação constitui-se, para este estudo, em via compreensiva ao estudo da ação das mulheres como catadoras na cooperativa. O percurso de evolução da categoria configuração subjetiva, no pensamento do autor, e seu valor heurístico, consistem:

Em sua capacidade de integrar a historicidade da subjetividade social e da subjetividade individual a novos sentidos subjetivos produzidos no curso da experiência humana. Seu pensamento atual [de González Rey] abriu ainda o caminho para a elaboração da denominada configuração subjetiva da ação, à qual integra, em sua conformação, sentidos subjetivos produzidos pelo indivíduo no curso de sua ação em qualquer atividade humana (Muniz & Almeida, 2017, p. 61).

Essa compreensão também evidencia que o fluxo da produção de sentidos subjetivos não apresenta barreiras nem delimitações na dinamicidade de organização subjetiva (González Rey, 2003; 2007a). Um aspecto relevante na concepção da organização e funcionamento dessa representação do social, como produção subjetiva, se refere, igualmente, ao caráter configuracional da subjetividade social, que não se organiza por elementos, mas por configurações subjetivas. O enfoque configuracional permite entender a articulação de diferentes espaços sociais presentes em um contexto social específico, assim como a dinamicidade e complexidade da organização social em um sistema de configurações subjetivas (González Rey, 1998; 2003; 2004a).

Essa concepção reafirma a ruptura com a ideia do social como dimensão externa e dicotômica na relação com o indivíduo, conforme discutido até o momento. Desse modo, o desafio

²⁸ O conceito de sujeito nessa referência constitui-se do processo de “evolução das definições do pensamento sobre sujeito em González Rey”, diferenciando-se de contribuições atuais como “a ideia da transgressão e da ruptura com espaços normativos e a subjetividade social (dominante) nesses espaços, como aspecto central na definição do sujeito” (Almeida, 2022).

²⁹ “The subject represents the living moment of subjective individual configurations in the action, becoming the link between social and individual subjectivities. Social and individual configurations conform, through this subject, into a unique subjective configuration that is simultaneously social and individual: the subjective configuration of the action” (González Rey, 2015a, p.16).

proposto para a realização desta pesquisa se fundamenta no conceito de configuração subjetiva da ação, não restrito a um processo individual abstrato, e no conceito de subjetividade social, como um sistema que também é configurado subjetivamente, que possibilita compreender a dimensão subjetiva da realidade social constitutiva das formas singulares em que se configuram e produzem tanto os espaços sociais quanto desses para as pessoas.

A partir de uma perspectiva cultural-histórica, na intenção de explicar a dinâmica de diferentes contextos sociais e como estes constituem os fenômenos humanos, a subjetividade social representa uma das dimensões do social – a subjetiva – especialmente como as pessoas, emocional e simbolicamente, sentem/vivem e produzem subjetivamente processos sociais, como classe social, desigualdade social, pobreza, racismo, gênero, entre outros. Para esta pesquisa, é importante compreender como a subjetividade social de uma instituição, sob regime de uma cooperativa de mulheres catadoras de materiais recicláveis, integra a ação de catação dessas mulheres.

A essa compreensão articula-se a história dessas mulheres e de sua cooperativa como um novo espaço social de um contexto de inserção socioproductiva, iniciado entre os anos 2018 e 2019, após o fechamento do contexto anterior de ação dessas mulheres, no Lixão. Historicamente, trata-se do processo de constituição de uma nova instituição social com regimes de organização e funcionamento próprios. Os novos desafios sociais e conflitos de interesses culturais, em níveis micro e macro, vividos durante e após o fechamento do denominado ‘lixão da Estrutural’, apresentam distintas expressões na cooperativa e em outras instâncias sociais constituídas, também pelas mais diversas experiências das mulheres e de seus grupos. O estudo da subjetividade social possibilita compreender que “essas construções sociais aparecem configuradas de maneira diferenciada na subjetividade individual dos atores que se relacionam e se organizam nas variadas instâncias sociais de cada cultura” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p. 64).

A essa definição, cabe acrescentar que a subjetividade social se configura pela produção de “sentidos subjetivos que nos espaços sociais os indivíduos produzem nas suas ações e inter-relações; um conceito essencial para compreensão da ação e funcionamento de pessoas, grupos e instituições” (Mitjans Martínez, 2020, p. 51). Portanto, momentos de expressão no nível individual e no nível social coexistem e geram tensões próprias que constituem a inter-relação entre subjetividade individual e subjetividade social.

No processo de constituição desse novo espaço institucional, em relação às possíveis vias de expressão e transformação social, entende-se que cada mulher, ou ao seu grupo, pode emergir

como sujeito no curso atual de sua ação ao produzir vias próprias de subjetivação nas confrontações que transcendam os sistemas normativos da instituição, sob regime de uma cooperativa, nessa experiência de trabalho (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a). Nesse contexto, o processo de emergência do sujeito pode relacionar-se aos modos de subjetivação do espaço específico em que a experiência é vivida, seja por cada uma das mulheres ou por seu grupo.

Diferentemente da compreensão acerca da categoria sujeito, definida pela possibilidade da pessoa ou do grupo social transcender espaços sociais normativos dentro dos quais a experiência acontece no processo de abertura de vias próprias de subjetivação, o agente, segundo expressam González Rey & Mitjás Martínez (2017a),

Seria um indivíduo ou grupo social situado em um devir dos acontecimentos em um campo atual de suas experiências, uma pessoa ou grupo que toma decisões diárias, pensa, gosta ou desgosta do que lhe acontece, o que de fato lhe dá uma participação nesse transcurso (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a, p.73).

Para este estudo, também interessa avançar na investigação da categoria sujeito ou agente como possibilidade de compreender a expressão de um grupo social em um espaço institucional circunscrito por se tratar de uma questão ainda não investigada em pesquisas referenciadas na Teoria da Subjetividade, de González Rey (Almeida, 2022; Rossato, 2022). A partir dessa definição, uma pessoa ou um grupo social, para se expressar como agente em uma situação específica, não implicaria caminhos alternativos de subjetivação ante a subjetividade social dominante, ainda que este processo possa ser um aspecto de sua constituição. Destaca-se que as definições de agentes e sujeitos ampliam as possibilidades de compreender a subjetividade social do contexto em processo e não reduzida a uma adaptação por estes a essa subjetividade social dominante (Mitjás Martínez & González Rey, 2019).

De acordo com essa perspectiva, é possível que “sem a emergência de agentes e sujeitos num contexto de subjetividade social pode acontecer a alienação dos indivíduos em relação ao sistema normativo dominante” (Mitjás Martínez & González Rey, 2019, p. 18). Embora nosso foco principal de investigação não seja a constituição e emergência de sujeitos e agentes, entende-se que os estudos que dialogam com a compreensão da subjetividade social constituem espaços legítimos para que novas inteligibilidades possam emergir sobre esses conceitos.

Em relação a novas vias de compreensão a respeito da subjetividade social, a discussão sobre sujeito social constitui-se, também, como parte dos desafios atuais de investigação a essa

perspectiva teórica. São questões interessantes com as quais torna-se possível estabelecer algum nível de diálogo no contexto deste estudo, em construções interpretativas e reflexões posteriores. Como consequência, para além da singularização da subjetividade social por parte dos indivíduos que compartilham um mesmo espaço social, o foco consiste tanto no estudo da subjetividade social de uma instituição social, sob regime de cooperativa, quanto das inter-relações com a subjetividade individual das mulheres, por meio do estudo de suas ações como catadoras.

2.1 O valor da interseccionalidade na compreensão da subjetividade social: a compreensão interseccional da condição das mulheres na catação

Este subtópico se refere a uma breve discussão sobre a interseccionalidade e seu valor para o estudo da subjetividade social. Destaca-se, dentre outros aspectos, que no estudo da subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa por meio da análise da configuração subjetiva do trabalho, esta não pode ser compreendida de modo isolado. Há que se considerar as múltiplas e complexas intersecções das configurações subjetivas sociais que a constituem. Portanto, a compreensão interseccional do grupo de mulheres, configuradas por meio de outras experiências, permitiu compreender as produções subjetivas e suas expressões na catação.

A partir do conhecimento construído por esta pesquisa, pode-se analisar que as mulheres ocupam um lugar social diferenciado como catadoras. Essa diferenciação pode ser pensada tanto como um processo de distanciamento quanto de reconhecimento social, a depender de sua participação em determinado contexto ou situação social a que estejam envolvidas. Essas nuances, expressas pela catação que realizam, podem ser analisadas pelo estigma do trabalho sujo (Hughes, 1962). A categoria ‘trabalho sujo’ diz respeito à ideia de uma divisão moral do trabalho nas sociedades, analisada por meio de uma consideração social sobre atividades de prestígio e desprestígio, situadamente em diferentes cenários socioculturais (Ashforth & Glen, 1999).

Segundo as mulheres, o cheiro pode ser considerado um marcador social forte de sua ação na cooperativa, tanto do espaço de trabalho quanto do próprio odor gerado após a conclusão de suas atividades diárias. Ao longo da realização da pesquisa, algumas mulheres relataram que, mesmo com a troca de roupas, substituição do uniforme de trabalho, antes de pegar o ônibus, no retorno para casa, percebiam os olhares diferentes e os comentários das pessoas quando entravam no transporte público. Esses relatos remetem às reflexões de um estudo realizado com base na análise da categoria trabalho sujo com população diferente das catadoras, mas que se aproximam,

em virtude da natureza do trabalho, em sua perspectiva estigmatizada. Segundo Batista & Codo (2017),

Há desprestígio e mácula social anteriores ao ingresso no trabalho sujo que produzem senso de unidade nos trabalhadores que se identificam com o grupo de trabalhadores pobres, com baixo nível de escolaridade e qualificação profissional, negros e socialmente destinados aos trabalhos desprestigiados (Batista & Codo, 2017, p. 83).

Essas ideias se aproximam a do que se analisa na situação desse grupo de mulheres que trabalham como catadoras na cooperativa, anunciada como uma nova forma de inserção socioproductiva, mas instituída, em nível micro, pelo histórico das desigualdades e situações de risco às quais foram submetidas. Portanto, para compreender a subjetividade social do espaço da cooperativa, também importam as articulações e os desdobramentos pertinentes a outros níveis macrosociais, caracterizadas pelos inúmeros problemas relacionados à divisão racial e sexual vivida pelas mulheres que trabalham com a catação no Brasil.

A ação das mulheres na cooperativa denuncia uma sistemática de opressões baseadas em microagressões sociais vividas pelas catadoras. Essa dinâmica de precarização envolve todos os aspectos relacionados às questões de gênero e raça, o que remete à ideia de uma catadora, presidente da Centcoop, expressa em uma conferência sobre o marco dos resíduos sólidos urbanos no DF, em 2024, quando afirma que “resíduo tem gênero e cor”. Essa fala, assim como as inúmeras denúncias das demais catadoras, aponta para o valor de uma análise interseccional a ser considerada em políticas específicas que ataquem a discriminação de raça e gênero na catação.

A compreensão de interseccionalidade, a partir do termo cunhado por Crenshaw (1989), permite evidenciar uma nova produção em respostas aos regimes considerados de opressão, sem estabelecer quaisquer relações hierárquicas entre eles. No curso teórico-metodológico da pesquisa, tornou-se praticamente impossível discutir, separadamente, gênero, raça, etarismo, classe social, dentre outros, para explicar as desigualdades vividas pelas mulheres da cooperativa. Ao criar vínculo com as participantes da pesquisa, analisou-se que a escolha por uma investigação com mulheres catadoras implicava conflitos sociais produzidos em conformação com outras categorias que necessitavam ser evidenciadas, para que fosse possível o estudo da subjetividade social.

Dentre os estudos sobre interseccionalidade e a vasta heterogeneidade de sua abordagem conceitual, buscou-se, para fins desta pesquisa, uma concepção que abre espaço para pensar a subjetividade, a partir do pensamento de Patrícia Hill Collins (Bueno, 2019). Desse modo, o

conceito de interseccionalidade, estudado empiricamente, pode ser pensado como produto de posicionamento orientado pela pessoa que está em lugar considerado à margem socialmente. No caso das mulheres que trabalham na catação, o valor da análise interseccional consiste na importância do não ocultamento dos conflitos gerados a partir de um olhar para os problemas sociais da cooperativa para além do que é hegemônico nas categorias analisadas. Há, neste caso, a possibilidade de visibilizar o lugar social das mulheres em uma perspectiva possível de perceber os cotidianos e sua realidade social.

Segundo Collins & Bilge (2016/2021), a interseccionalidade investiga:

Como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia, faixa etária, entre outras são interrelacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins & Bilge, 2016/2021, p. 18).

A amplitude conceitual apresentada permite sua expressão em diferentes áreas do conhecimento e abre reflexões sobre a condição humana. O paradigma interseccional pode ser compreendido, especialmente, nas suas relações com sistemas de poder, para além das ideias de cruzamento de identidades. Essa concepção pode evocar o potencial criativo das mulheres da cooperativa perante as relações interseccionais de poder estabelecidas, muitas vezes invisíveis, nos inúmeros afetamentos do convívio social.

Com as devidas considerações ao termo interseccionalidade, torna-se possível o diálogo com duas abordagens no contexto latino-americano sobre feminismos e a mulher negra na sociedade brasileira. A primeira se refere às contribuições de Carneiro (2019), que demarca a luta diferenciada da mulher negra brasileira. Ainda, aprofunda a compreensão sobre as desigualdades sociais vividas por elas, que são pautadas na discussão de sua estreita relação com as questões de raça e gênero, como uma síntese de opressão. Segundo Carneiro (2019), a análise desses marcadores, para além de epifenômenos do capitalismo, pretende explicar as múltiplas violências que recaem sobre as mulheres negras no Brasil e destacar as contradições bem mais arcaicas e complexas do que as explanadas pela luta de classes, pois “a distância entre homens e mulheres

negras expressa o resultado do machismo e do sexismo presentes nos mecanismos de seleção social” (Carneiro, 2019, p. 57).

Esse debate articula-se com o que é vivido no curso da pesquisa com as mulheres catadoras, de modo a aprofundar a discussão apresentada sobre pobreza e cidadania como base de um discurso democrático orientado à justiça igualitária (Carneiro, 2019). As mulheres que estão vinculadas à cooperativa lutam por uma condição humana plena, entendendo que princípios constitucionais não serão garantidos apenas por normativas e força de leis (mesmo reconhecendo sua relevância). Essa luta se constitui, no contexto da cooperativa, por meio de relações e práticas cotidianas, pautadas em ‘conteúdos comuns’ compartilhados no coletivo, conforme será pontuado posteriormente no capítulo 4 (quatro).

Como uma segunda contribuição às reflexões do contexto da cooperativa de mulheres catadoras, ressalta-se o processo histórico de ocupações e papéis sociais assumidos pela mulher negra brasileira no sustento moral, de subsistência da comunidade e dos demais membros da família (Gonzalez, L., 2020). Essa divisão racial do trabalho elucida o vivido pelas mulheres na cooperativa. Para elas, o trabalho duro na catação inicia após assumirem, primeiramente, as obrigações familiares em suas casas.

No processo de fechamento do lixão e na cooperativa, a discriminação racial constitui-se como uma das questões relevantes na catação. Ao longo da pesquisa, pôde-se analisar como o racismo, em sua relação interseccional com outras categorias, se configurava para o grupo de mulheres e conformava a constituição da subjetividade social da cooperativa, elemento a ser desenvolvido no quarto capítulo. Essa compreensão ocorre na relação com o vivido e produzido pelas mulheres em seu espaço de trabalho. A respeito da ideia de discriminação, Gonzalez, L. (2020) aponta que:

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações sociais mentais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa (Gonzalez, L., 2020, p. 42).

No que se refere às catadoras, analisa-se que a falta de perspectiva quanto às possibilidades de atuação profissional as manteve em serviços domésticos (como trabalhadoras em casas de patroas) e, posteriormente, na catação. Elas relatam o quanto eram subjugadas e se sentiam

exploradas nas relações estabelecidas com as patroas e os patrões no trabalho doméstico. Segundo elas, o trabalho na catação, em comparação ao trabalho doméstico, permitiu-lhes maior liberdade em suas formas de se relacionar e agir. A exemplo desse conflito presente na relação interseccional do trabalho da mulher negra, pode-se descobrir seus espaços de atuação e como se conformam os espaços seguros para enunciar uma imagem de si para que sejam capazes de romper com o instituído (Collins, & Bilge, 2016/2021).

A compreensão de uma perspectiva interseccional interessa a esse estudo também por permitir estabelecer e construir uma via própria, não definida a priori, no que diz respeito a como as categorias interagem (Collins & Bilge, 2016/2021) na experiência da catação. Nesta pesquisa, a ação das mulheres catadoras se constitui um lugar distinto e particular para pensar a interseccionalidade em virtude da compreensão sobre a dimensão subjetiva dessa realidade social, de modo a permitir conhecer a forma como a realidade social se configura subjetivamente nas mulheres e nos processos sociais que elas constituem. O interesse direciona-se para a compreensão da ação das catadoras e do funcionamento da catação na cooperativa.

No capítulo seguinte, apresenta-se a base epistemológica e metodológica desta tese, assim como os procedimentos da pesquisa. O processo de desenvolvimento dessa investigação orienta-se por princípios epistemológicos da Epistemologia Qualitativa e suas expressões metodológicas, por intermédio da Metodologia Construtivo-Interpretativa.

Capítulo 3 - Base epistemológica e metodologia de pesquisa

Neste capítulo, apresentam-se os objetivos de pesquisa, os princípios epistemológicos e sua expressão no desenvolvimento metodológico da investigação.

3.1 Objetivos de pesquisa

O objetivo geral é compreender como a inter-relação entre o social e o individual constitui a configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras.

Como detalhamento deste, desdobram-se dois objetivos específicos:

- Analisar a configuração subjetiva da ação do trabalho como via compreensiva da ação configurada em nível individual e da subjetividade social do espaço;
- Analisar a configuração subjetiva social do trabalho da catação como via compreensiva dessa ação configurada na subjetividade social de uma instituição de catadores de materiais recicláveis, sob regime de uma cooperativa.

3.2 A Epistemologia Qualitativa na compreensão dos processos da subjetividade

A realização desta pesquisa orienta-se pelos princípios da Epistemologia Qualitativa e por sua expressão na Metodologia Construtivo-Interpretativa (González Rey, 2010; 2011b; González Rey & Mitjás Martínez, 2017a; Mitjás Martínez, 2019). O desenvolvimento de uma epistemologia orientada à produção do conhecimento sobre a subjetividade, em nível individual e social, constitui-se, historicamente, um avanço ao campo da psicologia, em particular, e das ciências sociais (González Rey, 1997; González Rey & Mitjás Martínez, 2017a; González Rey & Mitjás Martínez, 2017c).

Compreende-se que bases epistemológicas permitem integrar o sistema teórico ao empírico no processo de construção do conhecimento. Esse aspecto merece destaque, pois articula-se ao que foi explicitado no primeiro capítulo desta tese, em que se apresentou uma revisão de literatura. Nas produções ali analisadas, identifica-se a necessidade, apontada por diferentes autoras(es), de uma nova abordagem epistemológica orientada à compreensão das questões sociais e de suas inter-relações com o vivido pelos indivíduos, especialmente no que

se refere ao reconhecimento do caráter gerador da pessoa no curso de sua ação situada socialmente, possibilitando coerência sistêmica entre o teórico-empírico para além de um reflexo da realidade social.

Em nossa compreensão, a forma como o teórico e o empírico são abordados nesses estudos pode limitar a abertura ao processo de construção do conhecimento por novas vias e nuances a partir da compreensão do lugar do outro na pesquisa (pesquisadora e participantes). Desse modo, podem permanecer, no curso das investigações, os dilemas das dicotomias presentes, como: teórico e empírico, social e individual, interno e externo. Portanto, considera-se que a Epistemologia Qualitativa avança ao enfatizar a relação teoria-epistemologia-metodologia no processo de pesquisa, de modo a distanciar-se de uma perspectiva empírico-instrumental de pesquisa e produção do conhecimento (González Rey, 2013).

A Epistemologia Qualitativa orienta-se para a produção do conhecimento científico sobre a subjetividade, em uma perspectiva cultural-histórica. Desse modo, três princípios gerais constituem esta epistemologia como desdobramentos das necessidades teóricas do estudo da subjetividade: o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, o caráter dialógico da relação comunicacional entre pesquisador e participantes da pesquisa e o reconhecimento do singular como um espaço legítimo de produção do conhecimento (González Rey, 2010; 2011b).

O primeiro princípio, o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento sobre a subjetividade, associa-se ao tipo de problema implicado em seu estudo. A necessidade teórica desse princípio reside na concepção de que o conhecimento sobre a subjetividade:

Não aparece diretamente em nenhuma das expressões humanas e investigá-la requer modelos teóricos que ganhem legitimidade pela sua capacidade de articulação com sistemas múltiplos de significados diferentes que, gerados por via indireta, podem encaixar-se na capacidade explicativa do modelo teórico em desenvolvimento no curso da pesquisa (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a, p. 30).

Essa perspectiva considera a pesquisa como um processo teórico, interpretativo, tecido por construções hipotéticas da pesquisadora, que ganham consistência por meio das relações estabelecidas entre os indicadores e as hipóteses. Na próxima seção, serão apresentadas a estrutura e a dinâmica metodológica do processo de construção interpretativa das informações.

Um segundo princípio se refere ao caráter dialógico do processo de produção de conhecimento sobre a subjetividade. A compreensão da pesquisa como processo de

comunicação dialógica se constitui uma via essencial para o estudo da subjetividade, pois a subjetividade não aparece diretamente expressa em atos de resposta, requerendo a criação de espaços reflexivos de expressão do participante. O lugar dessa comunicação marca diferenças tanto na relação da pesquisadora com as participantes quanto na ideia da própria pesquisa se constituir espaço social em que emergem processos comunicativos diversos e inusitados (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a).

Como via de comunicação diferenciada, o diálogo distingue-se de outras formas de comunicação, visto que “o diálogo atual com o indivíduo abre um caminho imprevisível e, pela sua espontaneidade, improvisação e a constante presença do outro, torna-se fonte essencial para a emergência da subjetividade em seu curso” (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a, p. 21). Para o estudo da subjetividade, no curso da pesquisa, há a necessidade de criar inúmeras oportunidades de processos comunicativos que possam se transformar ou emergir em uma comunicação de natureza dialógica (Madeira-Coelho, 2022).

O terceiro princípio da Epistemologia Qualitativa, em articulação com os dois anteriores, refere-se à significação da singularidade como nível legítimo de produção do conhecimento. A necessidade teórica constitutiva desse princípio diz respeito ao “resgate do sujeito³⁰ como categoria epistemológica na produção do conhecimento” (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a, p. 28). O reconhecimento do singular como um espaço legítimo de produção de conhecimento se diferencia da ideia de unicidade, com ênfase na informação diferenciada do caso estudado, que transcende sua significação no modelo teórico construído pela pesquisadora.

De modo constitutivo, esses três princípios desdobram-se em ações e decisões no curso da pesquisa a fim de possibilitar novas compreensões sobre a subjetividade social de uma cooperativa e a ação das mulheres configuradas nessa instituição social. Essa representação teórico-epistemológica abre caminho no curso da pesquisa, orientada por uma via metodológica, apresentada a seguir.

3.3 A Metodologia Construtivo-Interpretativa

Os três princípios da Epistemologia Qualitativa, como pontuado anteriormente, se expressam na Metodologia Construtivo-Interpretativa durante todo o processo de concepção da

³⁰ A utilização dessa palavra se diferencia da categoria sujeito, conforme definição tratada no segundo capítulo desta tese.

pesquisa, investigação e produção de conhecimento dela decorrente. Efetivamente, será apresentada a seguir a perspectiva metodológica, incluindo o detalhamento dos procedimentos e das escolhas que constituem esta pesquisa.

Metodologicamente, o processo de produção construtivo-interpretativo, fruto da implicação reflexiva, imaginativa e criativa da pesquisadora, requer que esteja fundamentado teoricamente. Essa produção orienta-se pela perspectiva teórica e por um caminho específico de via interpretativa, ao longo de todo o curso do trabalho de campo. Dessa forma, confere-se ao conhecimento um valor diferenciado para o processo de pesquisa no modo como a pesquisadora vive o momento empírico, em sua relação com novas interpretações e elementos que podem adquirir inteligibilidade, tendo por base a Teoria da Subjetividade.

O caráter dialógico no curso da pesquisa objetiva apoiar a produção de conhecimento a respeito do estudo da constituição da subjetividade social da cooperativa e da ação de mulheres catadoras, que se expressará no sistema comunicativo criado com cada uma delas e com o grupo. Especificamente, o diálogo constituiu um tipo particular de comunicação por não pretender se esgotar no próprio processo interativo e permitir gerar confrontações a essas mulheres à medida que elas se sentiram tensionadas. Esse tensionamento pôde se constituir por vias diferentes, com: provocações, posicionamentos, ações de acolhimento, dentre outras, a depender das participantes e de como se sentiram na comunicação dialógica estabelecida. Desse modo, as dinâmicas conversacionais se constituíram instrumento principal ao abarcar o caráter subjetivo desse sistema de comunicação entre pesquisadora-participante (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a; Rossato, 2019) na compreensão da comunicação e do diálogo como eixo orientador da pesquisa.

Essa relação permitiu a abertura de vias comunicacionais em que emergiram informações qualitativamente diferentes em relação às experiências, manifestações e expressões simbólicas, vias essas importantes para estudar a subjetividade social (do espaço da cooperativa) e a ação das mulheres envolvidas nesta investigação (González Rey, 2010). O diálogo, como recurso metodológico, possibilitou à pesquisadora um exercício criativo a partir do ineditismo vivido no processo de pesquisa sobre a ação, configurada subjetivamente, e a subjetividade social. Com isso, no curso da investigação, abriram-se possibilidades de: a) (re)pensar os instrumentos como favorecedores de novos níveis de implicação e vínculo emocional das participantes; e, b) produzir ideias e argumentações teóricas que contemplassem os critérios de legitimidade e generalização teórica do valor do singular para a pesquisa.

No que se refere ao lugar epistemológico do singular (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a), expressa-se metodologicamente nas produções da pesquisadora sobre casos singulares, como no caso das mulheres e de sua cooperativa, pela relevância e pertinência com que contribuem ao modelo teórico desta tese, que expressa sua capacidade crítica e explicativa do conhecimento elaborado pela pesquisadora sobre o estudo (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a). Desse modo, compreender como a ação das mulheres na catação conforma a subjetividade social e a subjetividade social configura-se para as mulheres em sua ação constituiu-se o processo que norteou teórica e metodologicamente uma investigação singular e aprofundada da subjetividade, por meio da escolha de casos a serem estudados (tanto das mulheres quanto da cooperativa). Cabe destacar que, segundo essa perspectiva, os casos singulares a serem estudados diferem-se da definição apresentada pelo método de pesquisa estudo de caso (Yin, 2010).

Para essa pesquisa, os casos singulares estudados, de mulheres que trabalham e vivem da catação, puderam: a) favorecer a elaboração de informações e aquisição de significado nas construções produzidas pela pesquisadora; b) evidenciar o caráter inédito de produções subjetivas das participantes nas condições culturais e históricas da experiência vivida; e, c) pelas informações diferenciadas do caso, adquirir legitimidade do conhecimento científico produzido por contribuir ao modelo teórico da pesquisa, em resposta ao problema estudado, sabendo-se que esse valor do singular pode representar um dos níveis de generalização teórica (González Rey, 2019b).

Em relação ao caráter teórico e seu valor para a pesquisa, este constitui-se, para a pesquisadora, como recurso de pensamento na relação dialógica com o outro, por meio de provocações, reflexões e tensionamentos que permitam às mulheres, participantes desta pesquisa, modos diferenciados de se posicionar sobre o que vivenciam e/ou vivenciaram, tanto no contexto de seu trabalho quanto de vida. Assim, objetivou-se, no curso do estudo, favorecer a emergência autêntica do outro, por meio da fala configurada subjetivamente (González Rey, 2019b).

Salienta-se a importância, para essa pesquisa, dos momentos de tensionamentos na relação com as mulheres participantes como possibilidade de refletirem, de forma inédita, sobre suas motivações expressas na ação de seu trabalho como catadoras, nas relações com suas histórias de vida e nas formas como subjetivam a subjetividade social deste contexto. Tais tensionamentos puderam ser gerados em momentos formais e informais, durante as dinâmicas conversacionais, como via de reflexão e produção subjetiva atualizada, expressas no contexto da atividade dialógica (Rossato, 2020; Rossato & Mitjás Martínez, 2017).

3.3.1 Procedimentos da pesquisa

3.3.1.1 A escolha da instituição, das participantes e a constituição do cenário social de pesquisa

A fundação do campo de pesquisa, de forma processual, se desenvolveu³¹ para: a) apresentação da pesquisa, proposta do estudo e autorização; b) definição e conhecimento das(os) participantes; c) aproximação e familiaridade do contexto em que será desenvolvida a pesquisa; d) construção de relações de vínculo e via comunicacional entre participantes e pesquisadora (González Rey, 2010).

Para a Metodologia Construtivo-Interpretativa, enfatiza-se a constituição do cenário social de pesquisa como alicerce do estudo, orientado para promover o envolvimento das participantes e o desenvolvimento da pesquisa (González Rey, 2010; 2011b). Esse cenário caracteriza-se pelo estabelecimento de relações dialógico-comunicacionais, de modo a configurar-se subjetivamente como um espaço relacional dinâmico no curso da investigação (Rossato, Martins & Mitjás Martínez, 2014). Em seguida, apresenta-se um breve relato desse processo de construção do cenário social de pesquisa.

A partir da definição do objetivo inicial desse estudo, buscou-se referências de instituições e espaços em que trabalhavam pessoas que faziam parte do movimento de catadoras(es) do Distrito Federal e/ou viveram o processo de fechamento do Lixão da Estrutural. Após alguns contatos, mostra-se relevante as conversas, durante alguns meses, com um assistente social, chamado João³², que acompanhou o fechamento do Lixão, e trabalha com pessoas cadastradas nos programas sociais do Distrito Federal, consideradas em situações de risco ou vulnerabilidade social. A importância dessa aproximação prévia ao campo teve a finalidade de conhecer um pouco sobre a organização e as dinâmicas estabelecidas e, principalmente, contribuir na formulação do problema e definição do objetivo de pesquisa.

Por meio de João, pôde-se ter acesso a uma rede de pessoas engajadas nos movimentos sociais e instituições sociais vinculadas a catadoras e catadores. Em janeiro de 2021, iniciaram-se

³¹ O trabalho de campo foi iniciado em 2021, com os primeiros contatos, até o primeiro semestre de 2024, constituindo-se uma trajetória de construção de problema, objetivos, procedimentos da pesquisa, ao processo construtivo-interpretativo.

³² Nome fictício.

as tratativas para a visita ao recém-inaugurado galpão que abrigava cooperativas e associações, com contratos de coleta, separação e reciclagem firmados com o Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal – SLU/DF. À época, o SLU sinalizou a não autorização e restrições de acesso ao local, em virtude da pandemia do coronavírus.

Essa negativa para visita e reunião no local surpreendeu a uma das dirigentes que fazia parte do conselho gestor e à presidente da Central de Cooperativas, que questionaram os motivos pelos quais o SLU seria o responsável por definir visitas, controlar e autorizar a entrada de pessoas, no local que consideram seu espaço de trabalho. Naquele momento, no início de 2021, pós-inauguração e ocupação física do local, iniciava-se a constituição de um novo espaço, considerado contexto de um novo modo de inserção socioproductiva para aquelas mulheres, sob regime de cooperativas e associações. Essa foi uma das situações que presenciei e participei no curso deste estudo, dentre outras, que evidenciam os diferentes posicionamentos das mulheres entre si e as tratativas com o SLU que constituíram a base de novas relações e ações profissionais.

Após a visita inicial, estive, em outros momentos no local, até a autorização formal para o começo da pesquisa, no início do 2º semestre de 2021. Desse modo, iniciaram-se conversas mais duradouras com uma das dirigentes e pessoas que tinham interesse em participar do estudo. A aproximação desde a visita inicial foi estabelecida com Lúcia³³, por indicação de João, dirigente de uma Cooperativa e Associação que se dispôs a participar e envolver sua equipe nas atividades da pesquisa. Segundo João, à época, essa dirigente se destacava no trabalho em relação às demais por sua abertura e seu posicionamento ativo no movimento de catadoras e catadores. Lúcia se mostrou receptiva e disposta a apresentar a dinâmica e o funcionamento da catação no DF e de sua cooperativa.

A definição pelo campo de estudos desta pesquisa se consolidou no contexto do Complexo Integrado de Reciclagem do Distrito Federal – CIR/DF. Inaugurado em 02 de dezembro de 2020, a ocupação e o trabalho formal das catadoras tiveram início em 27 de janeiro de 2021. A definição desse local se referiu à recente inauguração derivar, também, de reivindicações de movimentos sociais e anos de espera por sua ocupação, segundo dirigentes e equipe gestora das cooperativas, após o fechamento do Aterro Controlado do Jóquei, mais conhecido como Lixão da Estrutural (1960-2018).

³³ O nome real foi mantido por solicitação da participante de pesquisa, registrado em Termo de Autorização.

Nesse contexto, a escolha por uma cooperativa, como foco desta pesquisa, orientou-se pela aproximação e disponibilidade da dirigente Lúcia. As visitas, com momentos de observação e participação no que diz respeito à dinâmica da cooperativa, eram reguladas e avaliadas por ela, com quem os melhores dias e horários eram confirmados por meio de ligações telefônicas e/ou mensagens de *whatsapp*. Essa comunicação prévia foi estabelecida ao longo de toda investigação, em virtude de problemas, como quebra da esteira de separação, quantidade de pessoas para trabalhar, questões de saúde, dentre outras demandas urgentes.

A partir das visitas, aproximação e momentos informais (horários de entrada, intervalos de lanche, almoço e saída) de conversas foram possíveis. As conversas, inicialmente, eram espaços de desabafos, contação de “causos” e momentos de conhecer mais sobre o trabalho da catação. Após o primeiro ano de visitas constantes, fortaleceu-se um vínculo com as participantes, especialmente após a morte de uma das mulheres³⁴ que trabalhava na cooperativa e participava do estudo. No ano inicial, as relações estabelecidas eram de caráter mais formal, com conversas pontuais e duração restrita. Após esse período, identificou-se uma aproximação e o estabelecimento de vínculo maior com as mulheres, expressos por meio de: mudança na natureza das conversas, com confidências pessoais e profissionais; convites a atividades fora do contexto da cooperativa; mudança na forma de cumprimento e abordagem da pesquisadora; inclusão e participação desta em confraternizações do grupo, que, com o tempo, teve abertura para circular pelo espaço e por seus diferentes setores, sem que sua presença causasse estranhamento ou intervenção direta das mulheres.

A pesquisa contou com a colaboração inicial de um grupo de onze mulheres, que foi definido, posteriormente, pelo interesse e engajamento, de cada uma delas e do grupo, na proposta de veiculação de suas histórias de vida, por meio da escrita e publicação de um livro proposto pela pesquisadora, cuja elaboração se constituiu um dos instrumentos de mobilização centrais da pesquisa, a ser especificado na próxima seção deste texto. Desse modo, foram definidos dois critérios, alinhados ao objetivo central da investigação, que permitiram selecionar as participantes de pesquisa: a) ser moradora da Região Administrativa da Estrutural/DF, em virtude das experiências vividas nessa cidade, criada a partir do movimento de ocupação devido ao Lixão; b) ter trabalhado no Lixão da Estrutural e, após o fechamento, na cooperativa.

³⁴ Carla colaborou com a pesquisa desde seu início e sua contribuição foi registrada no livro construído posteriormente ao seu falecimento, em outubro de 2022.

Dentre as dez mulheres que participaram do livro, uma delas foi selecionada como caso individual para ser apresentado na tese, de acordo com a definição dos seguintes critérios: a) sua participação diferenciada na constituição da subjetividade social da cooperativa; e, b) seu modo singular pelo qual a subjetividade social da cooperativa constituía sua ação.

O trabalho de campo se estabeleceu em momento teórico-empírico composto por processo de conceituação e construção da pesquisadora. Seu desenvolvimento, com conceitos e explicações, orientou-se pelo confronto desta em relação à condição singular das participantes em contexto, às novas informações produzidas e situações imprevistas geradas no cotidiano do estudo (González Rey, 2011b). A pesquisadora se mobilizou, no curso da investigação, constantemente, para promover um espaço relacional e dialógico, em que foi possível idealizar e desenvolver a produção das informações, via instrumentos de pesquisa.

3.3.1.2 Instrumentos de pesquisa

Os instrumentos se estabeleceram como recursos mobilizadores das participantes da pesquisa para compreender como a inter-relação entre o social e o individual constitui a configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras. Elaborados e coordenados pela pesquisadora, o conjunto dos instrumentos consistiu em via de produção de informações basilares à construção interpretativa, visando à produção de indicadores e hipóteses orientados pelos objetivos do estudo. Na Metodologia Construtivo-Interpretativa, o instrumento é um recurso mobilizador das mais diversas formas de expressão do participante.

Interessante salientar que, mesmo sendo planejados, os instrumentos não necessitam ser utilizados da mesma forma com todas as participantes ao longo da investigação, tampouco compor estruturas rígidas, distanciando-os de uma perspectiva instrumentalista (González Rey, 2010). Desse modo, pelo caráter simultâneo e complementar do uso de instrumentos e processo interpretativo (González Rey, 2014), estes puderam ser modificados e repensados de modo a favorecer novas vias de expressão para as participantes, e efetivamente, para esta pesquisa, foram utilizados os seguintes:

A) Observação participante

A.1 Complexo Integrado de Reciclagem do Distrito Federal – CIR/DF: galpões de separação, reciclagem e comercialização

O objetivo deste instrumento consistiu na geração de informações que possibilitassem a caracterização e o conhecimento inicial do espaço dos galpões e da ação do trabalho das participantes no local. Desse modo, foi possível conhecer o trabalho das catadoras, no Complexo Integrado de Reciclagem, em relação aos aspectos diversos que contemplaram rotina, dinâmica e relações, modos de atuação, espaços de trabalho, organização e funcionamento das cooperativas. Os registros dos momentos de observação participante, feitos pela pesquisadora no diário de campo, abarcaram anotações, questões e reflexões, especialmente, a respeito da participação da subjetividade social de outros espaços sociais e na constituição da subjetividade social da cooperativa.

As observações (Apêndice A) consistiram em momentos de inserção da pesquisadora, por pelo menos dois dias da semana, na rotina e nas atividades do cotidiano das participantes, em seus diferentes momentos: rotinas de trabalho da equipe gestora, de presidentes e dirigentes das cooperativas, na esteira de triagem, bem como nas relações entre as mulheres e os demais profissionais. A observação permitiu acompanhar o processo de implementação da proposta do CIR/DF no que se refere às mudanças estruturais do local, ao estabelecimento de regras e normas comuns às cooperativas, às rotinas de trabalho das cooperativas e relações entre equipe gestora e presidentes das cooperativas.

A.2 Cooperativa de Reciclagem Ambiental da Cidade Estrutural - COORACE

Com o intuito de aprofundar as informações a respeito do panorama geral de funcionamento e organização das cooperativas no CIR/DF, também foram realizados momentos de observação participante do cotidiano na cooperativa. Essa observação favoreceu a imersão da pesquisadora no contexto da ação de trabalho das mulheres, de modo a permitir: identificar a natureza da ação realizada e os modos diferenciados pelos quais as mulheres e o grupo daquela cooperativa vivenciavam o trabalho cotidiano; conhecer o sistema de relações estabelecidos entre elas; identificar aspectos comuns como via de uma ação coletiva; e a produção de informações favorecedoras de construções sobre a configuração subjetiva da ação do trabalho das mulheres e configuração subjetiva social do trabalho da cooperativa.

Para isso, a pesquisadora esteve presente em diferentes momentos do cotidiano da cooperativa: nos horários de chegada e saída; nos intervalos de lanche e de almoço; em reuniões, momentos coletivos e assembleia em que o grupo recebeu convocação; em cursos e oficinas

oferecidos por instituições externas; momentos relacionados a benefícios e serviços de assistência social. Além disso, houve também a participação em eventos externos (cerimônia de homenagem, na Câmara dos Deputados, reuniões de negociação com gestão interna e de formação coordenada pela Organização e Sindicato das Cooperativas Brasileiras no Distrito Federal - OCDF) e confraternizações da cooperativa.

Esses momentos favoreceram a manutenção do cenário social de pesquisa, de maneira a estreitar os vínculos e as relações, aproximando a pesquisadora do contexto da cooperativa e das mulheres participantes. As informações produzidas quando da observação foram registradas em diário de campo, assim como os registros de fotos e transcrições de áudios, decorrentes da gravação de alguns desses momentos.

B) Análise de documentos produzidos no processo de implementação do CIR/DF, da regulação e do funcionamento da Centcoop e Cooperativa

A análise documental (Apêndice B) objetivou identificar, nos registros, as expressões das participantes, assim como dos profissionais que participam do movimento da Central das Cooperativas de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis do Distrito Federal - Centcoop. A análise documental foi realizada por intermédio da apreciação dos registros escritos aos quais a pesquisadora teve acesso como fonte de informações orientada ao objetivo da pesquisa. Tais documentos se revelaram uma via interessante para a discussão do valor da formação histórica do grupo, com suas lutas e conquistas, na constituição de sua subjetividade social.

Dentre os principais registros, são identificados, por exemplo: 1) o Plano de transição entre o encerramento das atividade irregulares do aterro controlado do Jóquei e a destinação final dos resíduos; 2) Como fechamos o segundo maior lixão do mundo: da barbárie a um salto civilizatório; 3) o fechamento do lixão da Estrutural e a inclusão das catadoras na cadeia formal de tratamento de resíduos sólidos no Distrito Federal; 4) o Plano de implementação do CIR/DF; 5) o Regimento da Centcoop; 6) o Contrato de prestação de serviços entre Cooperativa e o Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal.

A análise de documentos se mostrou um recurso interessante à pesquisa por permitir conhecer, também, o registro histórico, o percurso de normativas, e o tipo de regime de contratação e relações de trabalho estabelecidos para a implementação do CIR/DF e das Cooperativas. Além disso, pôde permitir à pesquisadora confrontá-los com as dinâmicas sociais do cotidiano,

configuradas na constituição da subjetividade social da cooperativa e na ação cotidiana realizada pelas participantes nesse contexto.

C) Dinâmicas conversacionais (individuais e em grupos)

A conversação, como instrumento, orienta-se por um processo comunicativo ao longo da pesquisa, ao permitir a aproximação, relação e diálogos com o outro. González Rey (2010) a define como instrumento que integra toda a pesquisa, definindo a qualidade das relações e o grau de envolvimento das pessoas. As dinâmicas conversacionais constituíram um processo ao longo de toda a investigação, orientadas à expressão autêntica e reflexiva das participantes. Após o primeiro ano de campo, com o cenário social de pesquisa consolidado, esses eram momentos muito intensos e duradouros entre a pesquisadora e as participantes, tais como, a abertura para o diálogo a respeito de diferentes aspectos das histórias de vida relacionados a experiências pessoais de violências, abusos, abandonos, dentre outras.

Ao longo da investigação, as dinâmicas conversacionais realizaram-se de duas formas: individualmente e em grupo, em momentos formais e informais durante a pesquisa, e foram orientadas por temáticas e/ou questões semiestruturadas (Apêndice C), de modo a contemplar os momentos iniciais de ocupação e a chegada em um novo local de trabalho para as catadoras, assim como a constituição desse espaço social após um período de três anos.

Essas dinâmicas orientaram-se por elementos que envolviam a ação de trabalho na cooperativa e as concepções sobre a dinâmica e seu funcionamento. A partir desses motes orientadores, as dinâmicas conversacionais consistiram em momentos de conversas que se iniciaram com um roteiro e, posteriormente, permitiram seguir vias próprias por meio de diálogos esclarecedores e mobilizadores de outras expressões e produções subjetivas das participantes.

As dinâmicas conversacionais, individuais e em grupos, ganharam diferentes expressões ao longo da investigação, conformando momentos informais e outros mais planejados e organizados intencionalmente pela pesquisadora. Essa diversidade possibilitou sua aproximação com as participantes por intermédio de provocações e inquietações que lhes suscitavam engajamento emocional durante os diálogos e, posteriormente, quando muitas das questões e histórias eram retomadas. Por inúmeras vezes, as dinâmicas conversacionais individuais, por exemplo, aconteciam próximo à esteira de trabalho e em um cantinho dentro da cooperativa. Porém, esse parecia um

espaço blindado a sons e elementos externos, um momento passível de quaisquer intercorrências, dado o envolvimento das participantes e da pesquisadora.

D) Complemento de frases

O complemento de frases (Apêndice D) nesta pesquisa objetivou gerar informações sobre a subjetividade individual das participantes, em articulação com as informações geradas pelos demais instrumentos. Com a intenção de favorecer a construção interpretativa sobre a configuração subjetiva da ação do trabalho e sua participação na constituição da subjetividade social da cooperativa, este instrumento foi realizado no início da pesquisa e nos aproximou de informações importantes sobre a ação na cooperativa, e da história de vida pessoal e profissional das participantes. Após a realização do complemento de frases, houve um momento de dinâmica conversacional sobre as respostas e informações da pesquisadora com as participantes.

No estudo, esse instrumento é realizado a partir da adaptação feita por González Rey & Mitjans Martínez (1989). O complemento de frases é composto por indutores, que são complementados pelas participantes a respeito de expressões abertas diversas, e podem ser referentes a suas experiências, ações, atividades e pessoas. Como algumas das participantes não eram alfabetizadas, e para outras, a escrita não se constituía uma prática cotidiana, houve a opção de o complemento de frases ser realizado oralmente, com o apoio da pesquisadora no papel de escriba. Posteriormente, houve um momento em que o complemento de frases foi retomado com as participantes, de modo a realizar sua leitura e abrir diálogo a respeito das expressões anunciadas.

E) Construção de um livro

A partir desses registros, foi possível construir interpretações por meio de unidades de análises ou núcleos teóricos na análise (González Rey, 2010; González Rey & Mitjans Martínez, 1989), a fim de transcender agrupamentos, por conteúdos diretos, e aspectos descritivos enunciados pelas participantes. Nesta perspectiva, ao longo desse processo de construção, cabe destacar a relação não linear entre instrumentos e subjetividade, pois os sentidos subjetivos não são produzidos diretamente pelas participantes a partir dos indutores desse instrumento (González Rey, 2003).

A construção do livro relacionado à catação e às histórias de vida das participantes de pesquisa constituiu-se um dos principais instrumentos mobilizadores para esse estudo devido ao

seu processo de construção se conformar em objetivo comum e ação de engajamento entre a pesquisadora e as participantes vinculadas à cooperativa. Tratou-se de uma construção que assumiu proporções maiores do que o planejado inicialmente, em virtude do nível de envolvimento das participantes.

O trabalho de construção do livro foi realizado por meio de proposta inicial apresentada ao grupo de mulheres que já participava da pesquisa. Em seguida, foram organizadas dinâmicas conversacionais (gravadas) pela pesquisadora em visitas, duas a três vezes por semana à cooperativa, durante período de oito meses. Ao longo desse período, a pesquisadora também organizou todo o processo de preparação da obra e escreveu as histórias das mulheres, de modo sistematizado, em diferentes capítulos do livro.

A rotina de dinâmicas conversacionais estabelecidas durante a construção do livro criou vínculos entre a pesquisadora e as participantes, com diálogos marcantes sobre fatos que as mulheres nunca haviam contado a alguém. Além disso, a pesquisadora foi surpreendida com inúmeras mensagens em seu celular, enviadas por algumas das participantes, com retornos sobre os momentos das dinâmicas conversacionais e a publicação de um livro que as envolveu sobremaneira. Do início da construção ao lançamento do livro, identificou-se o envolvimento das participantes, especialmente da presidente da cooperativa, na busca por apoiadores e patrocínios que pudessem viabilizar a publicação e veiculação da obra, sendo que todo e quaisquer recursos advindos da venda e divulgação do livro serão destinados ao grupo de mulheres e a sua cooperativa.

Com a construção do livro, foi possível maior aproximação das mulheres e conhecimento de inúmeras informações relevantes para a construção interpretativa da constituição da subjetividade social no contexto da cooperativa e do grupo de mulheres que a constitui, de modo a conhecer, com mais profundidade, sobre como a experiência de catadoras (de trabalho e vida) foi se modificando com o novo modo de organização do trabalho, sob regime de uma cooperativa. O intuito foi envolver as participantes da pesquisa no processo de elaboração, organização e posterior publicação do livro. Além do texto escrito, a obra contou com alguns registros por fotos das participantes e de seu local de trabalho, por meio de momentos de sessões fotográficas, também realizadas fora do contexto da cooperativa.

F) Sessões fotográficas

Como parte da construção do livro, realizaram-se algumas sessões fotográficas com o objetivo de gerar informações sobre como as participantes subjetivavam sua ação como catadoras no contexto da cooperativa, assim como conhecer expressões da subjetividade social desse espaço. Este instrumento consistiu no registro fotográfico de *flashes* de diferentes perspectivas do contexto de trabalho e das mulheres nos espaços da cooperativa, enquanto trabalhavam e realizavam dinâmicas conversacionais com a pesquisadora. Além das sessões realizadas no espaço de trabalho, houve também fotos em ambiente informal, numa chácara onde ocorreu uma confraternização do grupo durante o final de semana.

Para as sessões fotográficas, obtivemos o apoio institucional para que as fotos fossem realizadas por uma profissional. Desse modo, as sessões fotográficas efetivaram-se por meio da parceria com estudante de graduação da Universidade de Brasília, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (CNPq/UnB), sob a coordenação da pesquisadora. A estudante desenvolveu seu projeto articulado à construção desta tese e participou, durante seis meses, da realização da pesquisa.

No quadro apresentado a seguir, sistematizam-se os procedimentos da pesquisa, os instrumentos utilizados no curso da investigação e o período de realização.

Quadro 1 – Procedimentos, instrumentos da pesquisa e período de realização

Estudo do caso de uma instituição social - Cooperativa	
Instrumentos e procedimentos da pesquisa	Período de realização
Observação do cotidiano no Complexo Integrado de Reciclagem do Distrito Federal – CIR/DF: galpões de separação, reciclagem e comercialização	Março/2021 a Agosto/2021
Análise de documentos produzidos no processo de implementação do CIR/DF, regulação e funcionamento da Centcoop e cooperativa	Agosto/2021 a Outubro/2021
Observação participante no cotidiano da Cooperativa	Novembro/2021 a Março/2022
Complemento de frases	Abril/2022 a Junho/2022
Dinâmicas conversacionais em grupo	Agosto/2022 e Fevereiro/2024
Construção do livro	Março/2023 a Fevereiro/2024
Sessões fotográficas	Maio/2023 a Agosto/2023
Momentos informais	Novembro/2023 a Março/2024
Estudo do caso - catadora Lúcia	
Instrumentos e procedimentos da pesquisa	Período de realização
Dinâmicas conversacionais	Março/2021 a Março/2024
Complemento de frases	Maio/2022
Momentos informais	Novembro/2023 a Março/2024

Fonte: A autora

3.3.1.3 Cuidados e procedimentos éticos

A pesquisa foi realizada em conformidade com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Plataforma Brasil (CAAE 45118821.7.0000.5540) e a anuência da Central das Cooperativas de Materiais Recicláveis do DF - Centcoop. A instituição e as participantes consentiram com a participação, conforme previsto em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como o cumprimento de todos os trâmites legais em vigor, exigidos ao desenvolvimento deste estudo. Desse modo, as ações e atividades planejadas somente foram desenvolvidas mediante conhecimento e consentimento da instituição e de cada uma das participantes da pesquisa.

Ademais, no curso da pesquisa, houve a preocupação de preservar as mulheres participantes, a fim de evitar sofrimentos e riscos de caráter físico, emocional ou patrimonial.

3.3.1.4 O processo de construção interpretativa das informações

No processo de construção interpretativa das informações, enfatiza-se a construção como processo dialógico, orientado para alcançar uma produção de modo não imediato, por meio da interação do pesquisador com o trabalho de pesquisa e o material produzido no campo. Nessa perspectiva, em detrimento à ideia de dados, utiliza-se o conceito *construção de informação*, visto que as informações não estão dadas pela realidade e tampouco se apresentam prontamente à pesquisadora. Essas informações são geradas a partir da unidade teórico-epistemológica da subjetividade, em um processo tecido por distintos níveis hipotéticos, que permitem vias mais refinadas de significação de tais informações (Patiño, 2022).

O processo de construção interpretativa na pesquisa constituiu, para a pesquisadora, um dos momentos de maior desafio por conformar-se em um processo de produção teórica própria. O cerne desse processo residiu no trabalho intelectual³⁵ da pesquisadora ao, especificamente, se deter em desenvolver um modelo teórico sobre as informações produzidas, que permitiram “visibilidade sobre um nível ontológico não acessível à observação imediata através da construção teórica de

³⁵ Segundo González Rey (2014, p. 15), a “atividade intelectual fecunda é uma produção subjetiva que não se restringe à cognição”.

sentidos subjetivos e de configurações subjetivas envolvidas nos diferentes comportamentos e produções simbólicas” (González Rey, 2010, p. 116).

Nesta perspectiva epistemológica, os processos de construção interpretativa e produção das informações no campo se formam de modo que um pudesse orientar e complementar o outro, representando um processo único para a pesquisadora (González Rey, 2014). Dessa forma, por não se constituir um processo de relação direta entre o empírico e o teórico, o caráter hipotético dos indicadores nutre o processo de construção interpretativa, conformando momentos diferenciados na tessitura do modelo teórico (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a).

Na construção do modelo teórico, a capacidade de compreender como a inter-relação entre o social e o individual compõe a configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras se deu pela articulação entre os indicadores e as hipóteses construídos no curso da pesquisa. Nesse processo, antecedeu esse momento, a elaboração das primeiras aproximações com ideias e questões produzidas no trabalho de campo, registradas no diário de campo, por meio de conjecturas (González Rey, 2010). De modo específico, se expressa em contínuo processo interpretativo na elaboração de conjecturas, indicadores e construção de hipóteses, conformando nova possibilidade de compreender o estudado, mediante a produção de um modelo teórico.

Desse modo, o trabalho da pesquisadora guiou-se por uma lógica configuracional da pesquisa (González Rey, 1997), implicando sua atuação diferenciada. Essa forma de produzir conhecimento, por meio de processo de construção interpretativa, caracteriza-se como subjetivamente configurado, tanto pela pesquisadora quanto pela Teoria da Subjetividade (González Rey, 2014). No que se refere ao caráter metodológico, destaca-se que, nesta tese, conforme inaugurado e desenvolvido por Egler (2022), a sistematização do processo construtivo-interpretativo orientou-se por apresentar inicialmente as hipóteses e, em seguida, os indicadores que possibilitaram sua consolidação.

No próximo capítulo, apresenta-se a consolidação da sistematização do processo de construção interpretativa e a via explicativa produzida ao objetivo da pesquisa e que, posteriormente, se conformou no modelo teórico e na tese defendida por este estudo.

Capítulo 4 - O processo construtivo-interpretativo

Neste capítulo, o processo construtivo-interpretativo, das primeiras construções à tese consolidada, organiza-se em dois momentos. O primeiro estrutura-se por meio de dois eixos: 1) a configuração subjetiva da ação do trabalho de catadora de Lúcia; 2) a configuração subjetiva social do trabalho das catadoras, concebida na subjetividade social da cooperativa. Em um segundo momento, serão apresentados o modelo teórico elaborado e a tese defendida a partir desse estudo.

4.1 Eixo 1 - O estudo do caso de Lúcia

A seguir, apresenta-se uma sistematização da história de Lúcia, assim como seu vínculo com o trabalho de catadora, no que se refere aos aspectos considerados principais à pesquisa. As informações compartilhadas originam-se do trabalho realizado ao longo dos três anos de investigação. Nesse tópico, que antecede a construção interpretativa sobre a subjetividade, o intuito é contextualizar o caso da participante. Trata-se de gerar, com a elaboração desse texto, abrangências e visibilidades à sua relação com a catação, de modo a ampliar a compreensão das experiências vividas coletivamente por essa participante.

4.1.1 Contextualização do vínculo de Lúcia com a catação

Lúcia, aos quarenta e oito anos, se apresenta como cearense da cidade de Reriutaba, localizada a mais ou menos setenta quilômetros de distância de Sobral-CE, cidade mais conhecida nacionalmente. Mãe de quatro filhos e avó de duas netas, chegou ao estado de Goiás, em Luziânia, ainda criança, com seus pais e irmãos. Naquela época, todos “vieram para não morrer de fome”, conforme informou, por isso começou a trabalhar em “casa de família” assim que chegaram à nova cidade.

Ela acreditava receber um salário, mas eram quantias definidas por aqueles adultos como pagamento pelo serviço realizado em suas casas, o que garantia sua sobrevivência. Eram relações de trabalho informal que, talvez, possamos nomear como exploração ou condições análogas à escravidão. Trata-se de suposições, por todas as situações vividas e relatadas por Lúcia, que era uma menina negra, sem certidão de nascimento e analfabeta.

Esse foi seu trabalho até por volta dos dezoito anos de idade, quando conheceu o futuro marido e pai de seus filhos. Era um dia de culto na igreja e ele a viu pela primeira vez. Não a conhecia, mas a convidou à casa de sua mãe e, no dia seguinte, viajar para a casa de seu primo,

onde passaram quinze dias até o retorno à cidade de Luziânia. Estava decidido, definido o casamento. Com algumas peças de roupas, vasilhas, colchão e uma pequena estante (que tinha em seu quarto), foram morar e trabalhar em chácara distante dali.

Após alguns períodos de trabalho em chácaras e fazendas (na lida com o gado, leite e queijos), em virtude de um assalto à propriedade do patrão da época, Lúcia conta que se sentiu desprotegida, com medo, e se recusou a permanecer naquelas terras tão distantes. Lembra que seu retorno para Luziânia parecia um sonho, voltar à cidade com marido, dois filhos para morar próximo aos seus pais e familiares. O tempo do devaneio na cidade foi curto. Ela relata que em poucos anos, o marido teve que sair fugido, às pressas, porque arrumou confusão e desavença.

Desde aquele dia, não demorou muito para que ela e os filhos fossem encontrá-lo. Era um novo recomeço, mudar de cidade, casa e de vida... O caminho indicava para Brasília, mais precisamente a cidade da Estrutural, onde ele e seus irmãos estavam. Lúcia lembra de suas lágrimas, oriundas da obrigação da mudança que não queria nem desejava. Sua tristeza acumulava-se com a de sua filha mais velha (como chorava, dizia ela), que, aos prantos, foi embora e, por dias, permaneceu a lamentar.

Esse foi o ano em que a catação começou a fazer parte da vida de Lúcia. Ao chegar na cidade da Estrutural, logo aprendeu o novo ofício, enquanto os dois filhos ficavam trancados em casa, com a ordem de não abrir a porta até seu retorno no final do dia. Diz que o cuidado era necessário porque o barraco era frágil, com frestas que permitiam enxergar quase tudo. De sua casa ao Lixão era perto. Todos os dias, bem cedinho, saía para o trabalho da catação. Separar os materiais e juntar os “bags” para vender todo sábado aos poucos se tornou rotina.

Logo na primeira semana, o marido lhe disse que era desafortada demais para aquele tipo de trabalho “em cima” (forma como os catadores denominavam o local destinado à catação, situado dentro do Aterro, no Lixão), e que o Lixão era terra sem lei e logo ela apanharia ou sofreria algum acidente. De fato, seu marido não acreditava que Lúcia pudesse sobreviver a tudo que ele via e sabia sobre o Lixão. Ela ouviu, escutou tudo atentamente e, mesmo assim, foi trabalhar como catadora no Lixão da Estrutural.

A primeira semana foi uma das mais difíceis, segundo ela. O cheiro não saía das narinas, aquele odor característico estava impregnado em seu corpo. Ao chegar em casa, lavava, por diversas vezes, as mãos, os braços, o corpo, e não se contentava. Não tinha como se alimentar; era impossível para Lúcia porque não parava quase nada no estômago.

Talvez ele estivesse certo, sem desaforo ela não teria aguentado; não teria suportado tanto, como: o tombo de uma carreta, em que seus joelhos quase se esfarelaram no chão; a queda do caminhão, que lhe custou duas costelas quebradas; e o acidente naquela montanha de lixo com oito meses de gravidez. As inúmeras histórias vividas naquele Lixão foram constituindo-a como uma mulher cada vez mais desaforada, como ele dizia.

Em suas memórias daquele tempo de Lixão, algumas cenas se apresentam com mais força. Ela não esquece das mortes dos seus, bem ali, no local de trabalho. Sua amiga Sara, com quem trabalhava até a noite, foi esmagada por um caminhão na sua frente. Seus olhos não conseguiam acreditar no que via, foi terrível. E depois? “Era horrível, horrível mesmo.” A cada companheira e companheiro que partia, eles chegavam, eram do IML, do Instituto de Medicina Legal, e, segundo ela, tratavam-nos como nada. Foi assim também no dia do bebê, já grande, debaixo daquele monte de lixo, “não me sai da cabeça, nunca mais saiu”.

Ela desistiu de viver daquela forma tão arriscada, reconheceu seus limites e passou a trabalhar “embaixo” (forma como os catadores denominavam o local destinado à separação de materiais recicláveis, situado abaixo do Lixão): uma área permitida ao trabalho de catadores, tomada pela produção do gás metano no Lixão da Estrutural. Para aliviar um pouco o cheiro do poluente, Lúcia conta que os catadores, diariamente, riscavam fósforos no chão para a queima do gás.

Nessa época, Lúcia, por meio de pessoas que trabalhavam no serviço social, teve acesso à informação de que, ao reunir um grupo de catadores, poderia criar uma cooperativa e registrá-la. Ela levou um tempo até convencer o marido a realizar o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica vinculado a uma cooperativa, a primeira da Estrutural. Os benefícios da cooperativa eram esporádicos, à época, visto que o trabalho da catação permanecia individualmente, como antes. Nesse início, funcionava, para os catadores, como uma renda extra, com posterior rateio coletivo da venda dos materiais recicláveis coletados/separados.

Suas batalhas como catadora coincidiam com as lutas da vida pessoal. No Lixão, aprendeu a escrever o nome e algumas palavras, mas não era alfabetizada. Com os quatro filhos maiores, começou a estudar, após o turno de trabalho, em instituição escolar na cidade Estrutural. Ao sair do Lixão, passava em casa e, no início da noite, seguia todos os dias para a escola. No início, tinha companhia de pessoas da vizinhança, mas com a desistência de alguns colegas, ficou sozinha. Quando não tinha dinheiro para o ônibus, voltava para casa a pé. Após uns três anos e meio, parou

de estudar. Lúcia se sentiu muito ameaçada e vulnerável ao, um dia, chegar em casa correndo por ter fugido de um homem que a perseguia.

A sensação de risco iminente lhe impunha movimento diário para cuidar de si e criar os quatro filhos sozinha. Ela afirma que sempre criou os filhos sozinha, sem qualquer ajuda do marido. Ele não ajudava com dinheiro, raramente estava em casa, só vivia no mundo e não gostava de trabalhar. Poderíamos defini-lo como consumidor, um devorador, uma pessoa que acaba com tudo. A exemplo do dinheiro da casa vendida, do carro, dos empréstimos e do caminhão da cooperativa, tudo se acabava sem que Lúcia tivesse conhecimento.

Após tanto sofrimento no matrimônio, ela atribui à separação um sentimento bom, de liberdade. Ao relembrar do período em que ficou casada, questiona-se sobre o longo tempo em que a relação se manteve. Suas dúvidas se apoiam na hipótese de que vivia, à época, como uma prisioneira. Uma vida que julgava se caracterizar por submissão e ignorância, quando se tratava do matrimônio. Hoje, afirma não trocar sua liberdade por relações com homens que não tenham objetivos de vida, considerados sem atitude. Para Lúcia, atualmente, a possibilidade é “cada um na sua casa” e ela com sua vida, sem dar satisfação a ninguém.

Lúcia não poderia imaginar que, em futuro tão próximo, iria concorrer, com sua chapa, à eleição para o cargo de presidente da cooperativa (aquela que planejou abrir anos atrás), no ano 2014. Uma disputa com a chapa do ex-marido, que terminou com apuração de votos nada acirrada: 157 votos x 7 votos. Ao ser eleita como nova presidenta, sua trajetória na catação mudou bastante. Após todos os anos na catação e dez anos na presidência da cooperativa, ela afirma que, ao olhar para trás, pensa que valeu muito a pena.

A partir dessa contextualização inicial, destacam-se três aspectos:

- a) a visibilidade do caso de Lúcia destina-se, também, a recuperar parte de um período histórico vivido em um dos maiores Lixões da América Latina e o segundo maior do mundo (Cristaldo, 2021), localizado em nosso país;
- b) a relevância do resgate da história vivida por um grupo majoritariamente subestimado na compreensão de Lixões e problemas de resíduos sólidos urbanos no Brasil;
- c) a inclusão das experiências de maiorias populares como participantes do processo de construção de conhecimento. Esse processo pode permitir nova condição de saber dos territórios considerados vulneráveis (Costa, 2020; Silva & Hüning, 2020);

A discussão sobre a catação em Lixões e Aterros controlados, nas diferentes regiões do país, integram-se às especificidades de como o descarte de lixo em países do norte global promove ameaça às realidades latino-americanas (Boehm, 2018; Baldavira et al., 2022). Às experiências vividas por essas pessoas e grupos, emerge a subjetividade como possibilidade de gerar compreensão qualitativa a uma complexidade que caracteriza o cotidiano do povo latino (Jiménez-Domínguez, 2008; Almeida et al., 2020). A discussão amplia-se tanto na tentativa de compreender o social vivido por emoções e construções simbólicas, socialmente partilhadas, quanto em considerar a subjetividade como uma dimensão da realidade que carece de reconhecimento (Lane & Araújo, 1999; Furtado & González Rey, 2002; Bock & Gonçalves, 2009).

4.1.2 Configuração subjetiva da ação do trabalho de catadora de Lúcia

Neste tópico, apresenta-se a consolidação das construções interpretativas realizadas ao longo da pesquisa a respeito da configuração subjetiva da ação do trabalho de catadora da participante Lúcia. Como mencionado no capítulo 2, a configuração subjetiva da ação (González Rey, 2018b) integra-se pela produção de sentidos subjetivos relacionados com a história de vida dela; pela produção de sentidos subjetivos no curso da catação em contexto; e por outras produções associadas à constituição da subjetividade social da cooperativa.

4.1.2.1 A produção de sentidos subjetivos relacionados com a história de vida

As construções interpretativas sobre o caso de Lúcia permitiram produzir indicadores que orientaram a construção de três hipóteses de sentidos subjetivos produzidos em sua história de vida, constituintes da configuração subjetiva da ação do trabalho da catação: **A) resistência à frustração, vinculada ao exercício de controle e autoridade em suas ações; B) implicação social e compromisso com as demandas do outro, das quais a própria ação faz parte; C) rejeição às imposições e busca por vias autênticas em suas ações relacionadas à expressão própria, ao desenvolvimento da autonomia e à produção de autoconfiança.**

A seguir, apresentam-se, em destaque (negrito), cada uma dessas hipóteses e os indicadores que permitiram chegar à sua construção:

A) Resistência à frustração vinculada ao exercício de controle e à autoridade em suas ações.

Durante a pesquisa, destaca-se o modo como Lúcia se relacionava com as pessoas da cooperativa e dos demais contextos, especialmente em razão de seu relativo distanciamento e não abertura para as relações pessoais. Nessa orientação, revelaram-se interessantes suas seguintes expressões no complemento de frases: 8 - *Sofro* com falsidade; 9 - *Fracassei* por ter confiado nas pessoas.

Ao explorar essas frases durante dinâmica conversacional, Lúcia pôde se expressar a respeito de experiências marcantes com seu ex-companheiro:

Ele saiu e eu estava sozinha com as crianças naquele barraco. Eu achei que era nosso, que ele tinha comprado junto com irmão dele. Quando eu lembro [se referindo à situação vivida de não poder entrar em um lugar que acreditou ser sua casa], ele colocou a gente *pra* [sic] fora. Ficamos na chuva e se não fossem os vizinhos, que me conheciam, a gente *tava* [sic] na rua. Quando ele chegou, pensa que ele fez alguma coisa, foi falar com irmão, brigar ou qualquer coisa, nada. Ali eu já devia ter percebido. Mas, não foi o pior, porque ele me enganou muitas vezes e só acabou quando a gente vendeu a casa *pra* [sic] construir a de Luziânia. Eu era boba, não sabia nada de banco. Pedi *pra* [sic] minha sobrinha ir comigo e um dia a gente sacou mais de mil e quando foi no outro dia, cadê o dinheiro. Eu não acreditei que ele tinha gastado tudo, quase 10 mil em 2 dias. (Dinâmica conversacional).

Lúcia produzia sentidos subjetivos associados à **resistência de se envolver em novos relacionamentos afetivos em virtude da experiência de desamparo vivida com o primeiro e principal relacionamento na vida adulta, o ex-companheiro e pai de seus filhos**. Relacionado a esse sentimento de desalento, ela menciona que, durante grande parte de sua vida, teve dificuldade de construir vínculos relacionais com outros companheiros pelo fato de se sentir tão desprotegida e insegura na primeira experiência. A respeito de seus relacionamentos ao longo da vida, relata:

Eu não tive mais tantos homens, é difícil acreditar. Eu tive um namorado, mas vou te falar, era encostado, a pessoa não tem atitude *pra* [sic] nada, oh... (leva a mão na cabeça). Hoje eu penso que não quero mais ninguém, não. Se eu arrumar alguém lá *pra* [sic] frente, só se for cada um na sua casa mesmo. (Dinâmica conversacional).

Desse modo, a elaboração apresentada anteriormente reforça-se pela ideia de que a emocionalidade negativa, produzida nessas relações afetivas, se expressa como um orientador de sua forma de estabelecer relações, dada a pouca confiança de Lúcia nas pessoas. A respeito dessa interpretação, destacam-se, ainda, as seguintes expressões no complemento de frases: 20 - *Meu*

maior problema acreditar nas pessoas; 27 - *Creio que minhas melhores atitudes são a verdade*; 49 - *Penso que os outros poderiam ser mais verdadeiros*; 67 - *Fico triste quando me fazem de besta*.

A partir da construção dessas informações, integradas às outras no curso da pesquisa, compreende-se a produção de sentidos subjetivos vinculados à **desconfiança do outro devido ao desamparo e à decepção vividos em diferentes relações pessoais** e, ainda, à **implicação ao reiterar seus valores morais como fundantes de novas relações**. Para Lúcia, as experiências geradoras de desesperança nas relações pessoais indicam o mal-estar emocional vivido naquela etapa de sua vida. Desse modo, sua representação, sobre tais relações, apoiavam-se na verdade e honestidade.

Ao posicionar-se sobre a pergunta que a pesquisadora lhe fez durante uma conversação, na qual questionava por que seu maior problema era acreditar nas pessoas, Lúcia expressa:

Eu já levei muito na cara... (pausa). Foi quando eu trabalhava na casa de uma família que me botou *pra* [sic] fora, como de um jeito educado porque eu *tava* [sic] grávida. Foi meu ex-marido com tudo, tudo... (pausa) e no trabalho, você trabalhar com gente assim é difícil. *Pra* [sic] mim, não ter pior coisa que a pessoa falsa, aquela que você não pode confiar. Por que a pessoa não é verdadeira? A pessoa *tá* [sic] do seu lado, mas você não confia de jeito nenhum. É como um cristal que se quebra, aí acabou *pra* [sic] mim. Não aceito isso não, eu falo logo na cara mesmo. (Dinâmica conversacional).

Assim como no relato anterior sobre a relação com o ex-companheiro, em que a decepção foi um dos elementos principais, por meio dessa construção de agora, em relação a outro indutor da conversação, o foco continua o mesmo. Porém, dessa vez, apresenta uma expressão mais elaborada e reflexiva de que os vínculos pessoais que estabelecia não são definidos por relações duradouras, mas pelo caráter recíproco e sincero.

Na catação, Lúcia viveu situação recente em sua cooperativa que exigiu assumir novo posicionamento frente às decepções dessa relação, pois envolvia determinado setor da instituição e a execução de um dos serviços essenciais ao seu funcionamento. A esse respeito, o trecho de diálogo logo a seguir pareceu apresentar informações bem interessantes:

Lúcia: Eu não aceito isso aqui. A pessoa chega aqui e eu já aviso como funciona antes. É terrível você trabalhar todo dia com alguém que não confia (suspira profundamente).

Pesquisadora: Mas, hoje, tem alguém que trabalha com você que não pode confiar?

Lúcia: Ah, foi umas que já passou por aqui, mas a pior mesmo foi a G. sabe, ela perdeu minha confiança total, não dá mais não.

Pesquisadora: Como foi isso, Lúcia?

Lúcia: Terrível, eu descobri por outra pessoa, vou te contar tudo... (pausa). No início eu fiquei com muita raiva, sabe quando você sente ódio. Ela tá comigo há muito tempo no trabalho e faz tudo... (pausa). No dia que falei com ela, ela ficou só chorando e negando, fazendo de vítima e depois saiu. (Dinâmica conversacional).

Na tessitura dessas informações, interpreta-se quais sentidos subjetivos produzidos por Lúcia em sua história de vida e associados ao **desalento vivido em relações pessoais** possibilitaram, naquele momento, a produção de novos sentidos subjetivos relacionados ao acolhimento na relação com algumas pessoas da cooperativa, em seu contexto de trabalho, como importante fonte de reciprocidade nessas novas relações vividas. Destaca-se ainda que, se relacionavam a essa produção subjetiva, sentidos subjetivos associados à possível expressão da **tentativa de domínio dela, nas situações e relações, orientada a evitar qualquer tipo de decepção.**

É interessante pensar a respeito do valor metodológico que as perguntas abertas, no curso da investigação, orientadas ao processo de reflexão, tiveram para a produção de respostas imbuídas de sentidos subjetivos (González Rey, 2011b). No caso de Lúcia, após um ano e meio do trabalho de investigação da pesquisadora na cooperativa, as conversações ganharam um outro nível qualitativo. Gradualmente, alcançou-se uma dinâmica conversacional que se caracterizou pela manifestação de participações espontâneas de Lúcia, que se implicou subjetivamente de modo a facilitar a emergência do diálogo.

Na continuidade da reflexão sobre a construção dos indicadores apresentados anteriormente, um trecho de diálogo a respeito de sua infância pareceu relevante:

Lúcia: Eu fico pensando como foi difícil chegar aqui. Às vezes eu e minhas irmãs, quando a gente senta todo mundo juntos, a gente fica lembrando as histórias. Foi tanta coisa... (pausa)

Pesquisadora: Como era a relação de vocês quando era criança?

Lúcia: A gente sempre foi bem unida, todo mundo, com meus pais também. Era dificuldade, mas a gente *tava* [sic] ali tudo junto. Meu pai na terra e minha mãe fazia chapéu com a folha da carnaúba, sabe. E o pozinho branco, bem fino era pouco, mas a gente também juntava. A minha mãe tirava as folhas e fazia o meio do chapéu e a gente trançava o resto... (sorriso). Vendia aquilo ali, era barato demais. Às vezes dava uma rapadura e a gente dividia e almoçava aquilo.

Pesquisadora: E quando faltava alguma coisa, como era?

Lúcia: Ah, meu pai e minha mãe sempre tentavam... (olhos marejados). Meu pai plantava num pedaço de terra, mas tinha que dividir e não dava (aumenta o tom de voz, com expressão de revolta). A gente comia verde mesmo o que tinha, milho, feijão, o que dava *pra* [sic] não morrer de fome.

Pesquisadora: Quem você acha que nessa época pensava mais em você e nas suas irmãs, na família toda?

Lúcia: Meu pai trabalhava pesado mesmo, mas minha mãe ela preocupava e pensava em tudo *pra* [sic] gente não morrer de fome ali. Foi ela que decidiu que a gente ia embora de lá. (Dinâmica conversacional).

Lúcia relata uma relação próxima com pais e irmãs, na qual pode-se interpretar que, relativamente aos vínculos familiares, sentia-se acolhida e protegida. Para Lúcia, essas relações de afeto representavam um alento em um contexto de grandes dificuldades vividas por ela e sua família. Nessa direção, enfatiza-se que **o temor, a falta de segurança e a injustiça constituíam a configuração subjetiva do relacionamento familiar e se expressavam como produções subjetivas contraditórias na configuração desse relacionamento, associadas ao afeto**. De forma explicativa, a configuração subjetiva do relacionamento familiar se desdobra em sentidos subjetivos que estão na base (simbólico-emocional) de uma nova configuração subjetiva, no caso, da pobreza. O fluxo de sentidos subjetivos que têm sua base na configuração subjetiva da pobreza emerge ao sentir as novas situações vividas em referência ao vivido com sua família.

É importante esclarecer que a origem dessa configuração subjetiva (González Rey, 2003) não se atribui à soma e ao acúmulo de sentidos subjetivos relacionados à experiência de Lúcia com sua família e à pobreza. A configuração subjetiva da pobreza se conforma e emerge como um momento de auto-organização pela produção de sentidos subjetivos gerados nessa experiência vivida de modo tão significativo e marcante para ela (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a). Ao reconhecer a amplitude das questões estruturais na contemporaneidade que envolvem as contradições do debate sobre a pobreza no Brasil (Telles, 2001), pretende-se discutir como Lúcia vive de modo personalizado essa experiência social e quais as expressões desta em sua ação como catadora.

A gênese da configuração subjetiva da pobreza terá interessante relação com a produção de sentidos subjetivos associados ao modo de vida (González Rey, 1997; 2004b) de Lúcia, assim como na nova experiência que se conformará na configuração subjetiva da ação do trabalho da catação. Essa discussão será retomada mais à frente, na continuidade do processo construtivo--interpretativo. Ressalta-se que a pobreza, como experiência vivida por Lúcia, amplia-se a processos de subjetivação relacionados a outros condicionantes de suas condições de vida e de sua família. Dentre as inúmeras conversas com Lúcia, reconhece-se que, naquela época, tais condições, para além da renda monetária, produziram, também, sentidos subjetivos associados à sua **desproteção e insegurança**, como: na falta de acesso a quaisquer serviços e equipamentos públicos; no tipo de relação de trabalho estabelecida com o pai; e nas situações de risco alimentar.

Com essas limitações, a relação de afeto com as mulheres da família e a mãe, de modo especial, parece se constituir como central no posicionamento de comando que lhe caracterizava, também, em outras áreas da vida. Nessa direção, apresentaram-se trechos de conversações marcantes sobre o tempo quando era criança, oriundos da extrema pobreza que viviam antes da mudança para Brasília:

Meu irmão já morava aqui e a gente veio depois. Minha mãe pediu *pra* [sic] um vizinho escrever uma carta avisando *pra* [sic] ele que se quisesse ver a gente vivo, ele tinha que arrumar um jeito da gente sair de lá. A gente veio *pra* [sic] não morrer de fome. Lembro de que meu pai e minha irmã mais velha não queriam vir embora, aí minha mãe fez que sumiu. Ficou todo mundo apavorado, a gente chorava e minha irmã falava que se ela aparecesse, ela aceitava vir sim. Foi um desespero *pra* [sic] todo mundo. Depois ela apareceu. *Tava* [sic] no rio escondida. Depois a gente veio tudo junto. (Dinâmica conversacional).

A esse trecho da dinâmica conversacional, foram relacionadas, também, outras expressões interessantes de Lúcia, no complemento de frases: 55 - *Uma mãe a minha*; 65 - *Meu maior medo perder meu pai, minha mãe e morrer cedo, como outros igual a gente*.

Essas informações fortalecem e se articulam a construções anteriores, de que produções subjetivas históricas, sobre relações familiares de afeto e proteção, estão relacionadas à produção de sentidos subjetivos associados ao temor, à falta de segurança e à injustiça. Nessa orientação, foi possível compreender que a relação de afeto com a mãe era subjetivada a partir da **necessidade de correspondência a expectativas de decisões próprias, de ver e se posicionar diante da vida**. A preocupação sobre o ‘medo de morrer cedo, como outros iguais a ela’ aparece em outros momentos de conversações ao longo da investigação, especialmente quando ela lembrava de tantas amigas e amigos que já haviam morrido. Em um dos nossos primeiros encontros, Lúcia relatava, com lágrimas nos olhos, episódios de morte vividos por ela no Lixão enquanto trabalhavam: uma de suas grandes amigas, à época, foi soterrada pela carga de um caminhão. Naquela época, o temor da morte, que estava relacionado à situação da pobreza, também se fazia presente em seu cotidiano de trabalho.

Seu pai trabalhava pesado, nessa época, exatamente como ela começou a fazer para garantir a sobrevivência da família. A relação afetiva de Lúcia com o pai integra sua relação com toda a família, mas com a mãe, é demonstrada de modo diferenciado, por meio de suas expressões indiretas, em outros momentos de conversação, durante a investigação. A mãe representa o ponto de apoio para Lúcia em meio à dinâmica familiar e referência de mulher honesta, temente à Deus e guerreira.

Considera-se que produções subjetivas associadas a decisões próprias, orientadas aos modos de ver e se posicionar diante da vida, se relacionavam a sua ação de catadora. Essa interpretação elucida-se, particularmente, por intermédio das conversações que aconteceram durante a construção do livro. Nessa ação, favoreceu-se a elaboração de outro indicador a respeito das formas como Lúcia subjetivava o contexto relacional da cooperativa, nas relações com a pesquisadora e as cooperadas, associadas ao **exercício do comando, orientado ao temor de quaisquer desapontamentos com o outro e consigo mesma**, a exemplo de momentos, como: na seleção das participantes; na definição da dinâmica de organização para os encontros e as conversações; nos limites de tempo para as demandas da investigação; nas etapas seguintes até a finalização do livro. Essas ações, por sua vez, vinculavam-se ao modo como questionava as limitações de cada momento e suas repercussões, orientando a produção de novas ações, no contexto da cooperativa, e fora dela.

Pela interpretação elaborada, entende-se que as produções de sentidos subjetivos associadas a decisões próprias, orientadas aos modos de ver e se posicionar diante da vida vinculavam-se ainda à busca pessoal por produzir compreensões críticas e com maior amplitude a respeito de temáticas relacionadas à distribuição de renda, às desigualdades sociais, às novas formas de inserção socioprodutiva das cooperativas, ao ofício da catação e suas relações com o movimento nacional. Essas abrangências constituíam suas relações e ações como catadora e presidente da cooperativa, relacionando-se à produção de compreensões sobre o papel da catação, dos catadores e suas interrelações com o cooperativismo.

B) Implicação social e compromisso para com as demandas do outro, das quais a própria ação faz parte

Durante o período de investigação, por diversas vezes, Lúcia retomava o valor de sua história na catação e da cooperativa. A esse respeito, destacam-se dois trechos de conversação:

Um dia, na assistência, me falaram que tinha jeito de criar uma cooperativa juntando a gente que já trabalhava junto no Lixão. Eu fiquei sabendo, aí fui atrás *pra* [sic] saber como era isso, saber se tinha alguma coisa que podia melhorar *pra* [sic] gente ter dignidade, sabe? Não dava *pra* [sic] gente daquele jeito. Tinha gente ali que precisava muito mais que eu. Quando vi que dava *pra* [sic] ajudar, fui atrás mesmo. (Dinâmica conversacional).

Falaram que ia fechar e quiseram só tirar a gente dali. Esqueceram tudo que aquele lugar causou *pra* [sic] gente, com tanta doença, acidente, morte, e até hoje. É muito injusto essa concorrência das empresas com cooperativa. Eles acham que a gente não sabe nada, mas *tá* [sic] vendo que não adianta só isso, tem que ter mudança. Um catador tirar o que tira hoje, não dá *pra* [sic] viver não. (Dinâmica conversacional).

Com essas informações, pode-se elucidar a construção de que a vivência em movimentos sociais e a representação popular, no início da catação, tiveram representação expressiva no **processo de subjetivação de ideias relacionadas a valores sociais em sua própria vida**. Alguns exemplos dessa interpretação se referem ao seu envolvimento posterior em demais contextos orientados à participação social, como: presidenta da Associação Vencendo Obstáculos; conselheira da diretoria da Central de Cooperativas de Materiais Recicláveis do Distrito Federal e do Entorno; representante da liderança feminina nacional de catadoras; conselheira do Comitê Interministerial para Inclusão Socioeconômica das Catadoras e dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis. Essa interpretação foi reforçada a partir de suas compreensões de caráter social:

Fizeram o que fizeram *pra* [sic] fechar o Lixão e agora? Nada, né. Mudou governo e esqueceram a gente, você não vê ação que pensa os resíduos, a destinação de cada material desse e o aterro. Não sei como vai ser isso porque preocupação mesmo com o ambiente e com catador eles não têm. Você precisa ver lá na viagem, o prefeito falando que só das cooperativas e do trabalho do catador, *tava* [sic] SLU e tudo. Eu já perguntei logo *pra* [sic] ele porque não traz isso *pra* [sic] cá, *pra* [sic] melhorar. (Dinâmica conversacional).

Nesse trecho de conversação, identificam-se aspectos que se articulam ao curso da construção a respeito do valor que compreensões articuladas à produção de sentidos subjetivos, relacionados ao valor das **ideias de cidadania e de uma política nacional de resíduos sólidos**, pareciam assumir lugar central nas representações associadas à catação e à sua vida. Essa interpretação, a ser aprofundada posteriormente no curso deste processo construtivo-interpretativo, pode se relacionar a recursos subjetivos, enquanto dimensão funcional da configuração subjetiva (Goulart & Mitjans Martínez, 2023), desenvolvidos por Lúcia a partir de sua subjetivação da experiência na catação. A partir de uma conjectura inicial, explicita-se que o contexto relacional da ação do trabalho de catadora pode se constituir relevante via de subjetivação ao desenvolvimento de novos recursos subjetivos. Essa interpretação se relaciona, nesse momento, no caso de Lúcia, a algumas reflexões e ao engajamento diferenciado nas ações de trabalho, vinculadas a sua cooperativa e a demais instituições, orientando-se às outras áreas de sua vida.

Por meio desse processo construtivo-interpretativo, evidencia-se o valor heurístico das categorias *sentidos subjetivos* e *configuração subjetiva da ação*, especialmente na elaboração de

conjecturas sobre a multiplicidade de processos, históricos e atuais, que se configuram subjetivamente na experiência vivida (González Rey & Mitjáns Martínez, 2017a), e como, nesse curso, podem emergir novos modos de organização favorecedores do desenvolvimento de recursos subjetivos e possíveis mudanças subjetivas. O valor dessas categorias poderá ser explicitado à medida que ganhar conteúdo e vida ao longo desse processo construtivo-interpretativo.

A respeito da continuidade do processo construtivo-interpretativo dessa hipótese, o envolvimento de Lúcia com as preocupações de cunho social, em sua ação como catadora, parecia mantê-la sempre atenta e alerta aos inúmeros problemas relacionados diretamente à cooperativa e, por vezes, aos problemas pessoais de cada cooperada e cooperado. Por diversas vezes, presenciamos conversas e broncas dela em relação a casos reincidentes de vícios (alcoolismo, drogas, remédios controlados) e questões relacionadas à saúde e ao bem-estar (relações de violência, abuso, abandono) das pessoas. Nessa direção, suas respostas para um conjunto de frases parecem relacionar-se a essa discussão: 3 - *Queria saber* como ajudar as pessoas mais carentes; 53 - *As mulheres*, a gente tem que lutar por elas porque é muito difícil e muito sofrimento; 54 - *As pessoas* tinham que se preocupar mais, ser mais humana.

A interpretação que ganha força com essas informações construídas a partir do complemento de frases permite concluir que Lúcia subjetivava a catação relacionada a valores éticos, vinculado à produção de sentidos subjetivos associados ao empenho em cumprir demandas da cooperativa e, por vezes, das cooperadas e cooperados. Para Lúcia, as questões vinculadas à cooperativa que presidia, assim como as demandas e os problemas de algumas cooperadas, estavam ligadas à sua história e trajetória na catação. Sua expressão de empenho nas demandas do grupo e das pessoas daquele contexto relacionava-se ao modo como subjetivava sua própria ação. Quanto ao posicionamento ético nas relações, Lúcia se mostrava firme e bem decidida quando envolviam questões vinculadas diretamente à cooperativa que representava. A esse respeito, parece interessante um trecho de uma das conversações:

Foi depois do fechamento isso, até um pouco mais. O pessoal vinha pedindo declaração que trabalhou dez ou tantos anos na cooperativa *pra* [sic] poder levar *pro* [sic] advogado. Não fiz nenhuma e o povo ficava com raiva de mim. Advogado querendo ganhar em cima de catador e tirar vantagem. Eu disse bem claro: se quer entrar, é por sua conta, não em nome da cooperativa, não faço isso; aí era, ah, porque outros presidentes tão fazendo... (pausa). Então, vai procurar eles, mas tá errado. (Dinâmica conversacional).

Nessa orientação, destaca-se sua participação em um evento solene na Câmara dos Deputados, no Distrito Federal, em que foi convidada a ocupar a mesa de abertura com tempo de

fala. Nessa ocasião, o plenário estava completamente cheio, ocupado por catadoras(es) das mais de 20 cooperativas, autoridades do Ministério Público, deputados e deputadas, distritais e federais, além de representantes de outras entidades.

Isso eu respondo pela cooperativa que eu represento e estou presidente, mas tenho certeza de que eu falo por muitas aqui que recebem muito menos que a minha. Porque o catador que paga 500 ou 600 reais de aluguel aqui, deputado, tem que escolher morar debaixo da ponte ou comer, a pessoa não tem esse direito. Não foi isso que eu sonhei, que a gente sonhou. Lá atrás, há mais de 8 anos, a gente sonhou muito com esse espaço, mas nunca foi tá numa megaestrutura de mega galpão, mega banheiro e mega refeitório, mas não ter renda digna aos catador do qual eu represento. (Trecho de discurso no plenário da Câmara dos Deputados).

Em consonância com a interpretação anterior, entende-se que o valor de concepções e ideias relacionadas ao caráter social das experiências vividas por Lúcia possibilitou a produção de sentidos subjetivos associados à **abertura de expressão e satisfação pessoal pela conquista de um lugar de fala, engajada com as demandas cotidianas de sua ação**. Em nossa investigação, reconhece-se o valor que essas ideias assumem na ação de Lúcia. O tom de voz, sua postura, durante as falas em público ou para pequenos grupos ao tratar de questões relacionadas à catação e a cada uma das catadoras, expressavam implicação emocional relacionada à extrema inquietação, por vezes, irritação e raiva e, ao mesmo tempo, entusiasmo e satisfação.

Em nossa interpretação, em sua ação, Lúcia subjetivava seu papel como presidente da cooperativa, vinculando-o à produção de sentidos subjetivos relacionados ao sentimento de pertencimento à instituição, orientado ao exercício de fazer diferente e diferenciar-se socialmente. Em diversos momentos ao longo da investigação, Lúcia reafirmava ser uma catadora, em alguns momentos de forma direta, em seu discurso declarativo e, em outros, por meio de uma autoridade revestida de lugar de fala único e próprio a partir de sua experiência, especialmente em relação ao tempo que trabalhou no Lixão. Esse foi um período de sua vida e de outras catadoras que as diferenciava perante o grupo, em virtude das inúmeras particularidades da catação naquele lugar.

Reconhece-se que, a partir da construção dos indicadores apresentados anteriormente, relacionada à sua implicação social e ao compromisso para com as demandas do outro, das quais a própria ação faz parte, questiona-se como se dava essa implicação de Lúcia e quais os caminhos criados por ela no curso de sua ação. Além disso, quais sentidos subjetivos produzidos historicamente em sua vida vinculavam-se a esse processo na ação de Lúcia? Essas questões poderão ser elucidadas na hipótese a ser apresentada a seguir, de modo geral, quanto à rejeição de Lúcia às imposições e sua produção por vias autênticas em sua ação.

C) Rejeição às imposições e busca por vias autênticas em suas ações relacionadas à expressão própria, ao desenvolvimento da autonomia e à produção de autoconfiança.

A história de vida de Lúcia foi perpassada por momentos em que aprendeu a assumir demandas imediatas que estavam relacionadas à sua vida e à daqueles com quem estabelecia relações de afeto. Essas demandas emergiram de situações vinculadas à sobrevivência e a necessidades básicas de saúde, alimentação e moradia. Os sentimentos de preocupação e cuidado com seus pais articulavam-se à sua expressão em muitas conversações ao longo da pesquisa. Em uma dessas em que Lúcia abordou sua infância, mencionou:

A gente veio foi pra [sic] não morrer lá. Minha mãe era tão magra e a gente, magra que só. Pra [sic] você ter uma ideia, eu e mais duas irmãs viemos em uma cadeira só no ônibus de cá pra [sic] lá, de tão magrinha que a gente era. No ônibus, acho que o povo ficava com pena, dava farofa pra [sic] gente, biscoito, mas não tinha nada que a gente comia que acabava com aquela fome. Quando a gente chegou, era só um pedaço de terra que meu irmão arrumou pra [sic] eles morarem. Eu já fui logo trabalhar e ganhava como gente grande, igual minhas irmãs. Aí, no sábado à tarde, a gente saía do trabalho e ia pra [sic] lá. A gente andava era muito a pé pra [sic] chegar, sabe que a gente nem se dava conta do tanto que era longe... (pausa) e levava as sacolas com as coisinhas pra [sic] eles. E aí a gente ficava juntos e muito agradecidos. (Dinâmica conversacional).

Os sentidos subjetivos historicamente produzidos, associados à responsabilidade em relação aos vínculos familiares, se estabeleciam em um contexto que exigia de Lúcia, desde a infância, a busca por possibilidades que confrontassem as adversidades vividas e pudessem ameaçá-los. Nessa direção, subjetivava a condição de precariedade vivida por sua família como um **sentimento de dívida pessoal a ser reparada com seu empenho profissional**. Os sacrifícios e momentos de sofrimento que Lúcia vivera posteriormente à saída dela e da família da cidade de origem pareciam se sustentar, também, por uma culpabilidade a ela atribuída, em que parecia sentir-se responsabilizada por garantir a sobrevivência e o bem-estar familiar. A partir da interpretação construída, podemos inferir que, naquele momento, a configuração subjetiva da relação familiar se constituía central como motivo de vida, orientador de seus esforços e engajamento pessoal.

A construção dessas informações possibilitou gerar um indicador de que produções subjetivas históricas de afeto e reconhecimento sobre as relações com sua família e seus filhos, associadas à **expectativa de corresponder a pedidos externos**, pareciam se expressar, naquele momento de sua vida, na produção de sentidos subjetivos relacionados à **autoexigência no**

exercício de cumprir demandas do trabalho na catação. Nessa direção, um dos trechos de conversação parece expressar um episódio interessante vivido por Lúcia sobre a relação com seus filhos e o trabalho na catação:

Eles eram pequenos ainda e eu saía pro lixão e só falava pra [sic] minha filha não abrir a porta pra [sic] ninguém. Se bater, era pra [sic] ficar quieta e não responder. Eu cheguei um dia e a vizinha tava lá. Ela disse que ouviu o bebê chorar o tempo todo e ela foi lá e deu o peito pra [sic] ele. E assim foi por muitos anos até eles irem pra [sic] escola. Eu tinha que trabalhar e naquele tempo era dia e noite pra [sic] conseguir alguma coisa pra [sic] gente. (Dinâmica conversacional).

Nesse trecho anterior, percebe-se como o trabalho de Lúcia era pesado e o quanto o ex-companheiro era omissivo perante as demandas do cotidiano da família, de sua casa e dos filhos, o que abrange uma complexidade maior do que considerá-lo como expressão de abandono e descaso. Para Lúcia, esse posicionamento expressa sentidos subjetivos produzidos na relação, naquele momento, que se vinculam ao **machismo, à naturalização do seu papel como mãe e dona de casa com sua família**, de tal maneira que se expressavam no modo como via a si mesma em relação à sua família e ao lugar secundário que ocupa em relação aos outros, orientando sua ação, primeiramente, a tais demandas.

Nesse sentido, o posicionamento não se expressa por meio de processos subjetivos que aparecem em formas similares ou congruentes no comportamento de Lúcia, cujo posicionamento pode se constituir uma unidade de sentidos subjetivos expressos de maneiras diversas e contraditórias nas falas e em seus comportamentos (González Rey, 2011b). No caso de Lúcia, por exemplo, há interesses que se identificam de forma indireta em suas reflexões e expectativas em relação ao medo da solidão futura, ainda que declare viver muito bem sozinha e não querer mais se relacionar com ninguém.

Para Lúcia, o início do trabalho doméstico e o posterior casamento foram subjetivados, também, como experiências associadas à **solidão que requeria de si mesma tomadas de decisões cotidianas**. Embora sentidos subjetivos em relação a essas experiências coexistam com outros do medo e da incerteza, há engajamento com as atividades da vida e com os desafios que ela coloca em seu futuro. À medida que vivia novas experiências de vida e obtinha pequenos resultados advindos dos próprios posicionamentos, essa produção parecia vincular-se a sentidos subjetivos relacionados ao **seu bem-estar e dos seus, em especial de seus pais e filhos, orientados à construção da segurança de si**. A exemplo dessas conquistas, menciona-se a recente garantia de medicação e cuidados adequados ao pai, com demência senil, e aluguel de um pequeno

apartamento próximo ao local de trabalho para moradia durante a semana, em virtude de sua residência em outro estado.

A respeito do modo como enfrentava algumas das situações adversas em sua vida, em um trecho das conversações, ela trata do início da atuação como presidente da cooperativa:

Era tanta dívida que eu não podia imaginar. Peguei a cooperativa com o CNPJ que não valia nada. Eu fui atrás de alguém que pudesse resolver, perguntei, andei e achei o contador, tá com a gente até hoje. Eu levei todos os papéis e pedi pra [sic] ele dizer tudo que tinha que fazer pra [sic] regularizar. Ele levou horas, fiquei esperando o dia todo quase. (Dinâmica conversacional).

Destaca-se um outro trecho a respeito do trabalho doméstico realizado antes da catação, em que expressa:

Eu acho que nunca mais vou trabalhar na casa dos outros. Oh serviço, viu! Era muito abuso, a gente é tratada como nada e o trabalho é grande. A pessoa não ter direito de nada, não poder (Dinâmica conversacional - Livro).

Essas informações permitiram produções de novas compreensões, articuladas ao processo de investigação, para criar um indicador de sentidos subjetivos relacionado à capacidade de reflexão gerada sobre as ações no espaço relacional da catação. Para Lúcia, o modo como subjetivava a sua experiência laboral muda com a catação. Após alguns anos do início de seu trabalho como catadora, mostrou-se interessante, por exemplo, como assumiu um posicionamento crítico no que se vincula àquela relação de trabalho vivida em casas de famílias desde os dez anos de idade, ao demonstrar criticidade no que diz respeito ao reconhecimento da profissão, aos direitos trabalhistas e às questões remuneratórias. Como exemplo, mencionamos o fato de uma demissão ou dispensa do trabalho vivida por ela quando os patrões descobriram que estava grávida. Considera-se que os anos de experiência como catadora, por sua participação no movimento popular e identificação de outras situações trabalhistas, pôde favorecer sua posterior reflexão a respeito da não naturalização da situação que viveu como empregada doméstica.

A relação histórica e atual de Lúcia com a catação, por meio do estudo da configuração subjetiva da ação do trabalho de catadora, auxilia na representação viva e geradora dela, como pessoa que produz, posiciona-se e imagina o inesperado. Em um dos trechos de conversação, Lúcia expressa:

É muita história que não cabe em poucas páginas, tinha que ser um livro pra [sic] cada uma daqui. Passou muita coisa, às vezes eu fico lembrando de tudo que me aconteceu até eu chegar aqui. Eu agradeço a Deus por tá viva... (olhos lagrimejados). Isso aqui tem história, a gente tem que dar valor à história. Quem chega

de novo que não é aquele catador raiz, não sabe a luta que foi, fica às vezes no mínimo, não vai atrás, não busca mais. (Dinâmica conversacional).

Essas informações permitem reforçar o indicador anterior sobre a relação com algumas das cooperadas constituir uma experiência de produções subjetivas associadas à sua **autoestima como uma via de novas produções, que poderiam mobilizar, em si, ideias e novas reflexões**. Ao longo da investigação, especialmente durante a elaboração do livro, as conversas obtiveram caráter reflexivo que permitiram à Lúcia continuar elaborando posicionamentos ante medos e projeções futuras. Nesse tempo da pesquisa, houve abertura dela em relação ao aprofundamento de expressões e suas implicações nessas conversações, com durações longas e até por horas, além do tempo acordado inicialmente. Como exemplo, a troca de mensagens que antecedeu um desses dias, em que a pesquisadora havia agendado visita à cooperativa para conversa com Lúcia às 14h e, às 13:40, esta enviou mensagem para o celular da pesquisadora, via *whatsapp*, conforme descrito a seguir:

Lúcia: Oi, vc vai vir hj? Tá chegando?

Pesquisadora: Olá Lúcia, sim. Você terá algum compromisso nesse horário?

Lúcia: Não, tô te esperando mesmo.

Pesquisadora: Ah, ótimo. Estou pertinho, chegando em 5min.

Lúcia: Tudo bem. Tô esperando na minha sala já.

Pesquisadora: Obrigada, até já!

Após a conversação daquele dia, reconheceu-se o quanto a espera e as expectativas de Lúcia em relação àquele momento indicaram abertura imprevisível e sua implicação diferenciada. De fato, caracterizou-se como um dia diferente, com quase três horas de dinâmica conversacional entre Lúcia e a pesquisadora. A emergência desse processo dialógico no curso da pesquisa parece incidir do interesse recíproco na elaboração do livro, orientado ao envolvimento que pudesse favorecer novos processos de comunicação, associados a novas produções subjetivas de Lúcia e das demais envolvidas no diálogo.

Para além do discurso declarativo e dos relatos verbais de Lúcia, “a emergência do diálogo é sempre um indicador importante de processos de subjetivação referidos ao outro que dele participa” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p. 21). Reconhece-se o valor do diálogo como um dos princípios fundamentais da Epistemologia Qualitativa, conforme explicitado no capítulo 3, além de compreendê-lo, nesse momento da investigação, como procedimento metodológico essencial ao objetivo desse estudo. A exemplo disso, ao explicitar nesse processo

construtivo-interpretativo gestos, silenciamentos, expressões faciais inter-relacionados às expressões emocionais, durante os momentos de conversações, pretende-se conferir, a estas, suas próprias tonalidades comunicacionais (Madeira Coelho, 2022).

A seguir, apresenta-se um quadro com a sistematização do processo construtivo-interpretativo no que se refere ao conjunto de hipóteses e indicadores sobre a produção de sentidos subjetivos relacionados com a história de vida de Lúcia, que integram sua configuração subjetiva da ação do trabalho.

Quadro 2 - Sistematização de hipóteses e indicadores/configuração subjetiva da ação do trabalho: sentidos subjetivos relacionados com a história de vida de Lúcia

Configuração subjetiva da ação do trabalho Sentidos subjetivos relacionados com a história de vida	<p>Resistência à frustração, vinculada ao exercício de controle e autoridade em suas ações</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Resistência de se envolver em novos relacionamentos afetivos em virtude da experiência de desamparo vivida com o primeiro e principal relacionamento na vida adulta, o ex-companheiro e pai de seus filhos; ▪ Desconfiança do outro, devido ao desamparo e à decepção vividos em diferentes relações pessoais, e sua implicação, ao reiterar valores morais como fundantes de novas relações; ▪ Desalento vivido em relações pessoais; ▪ Tentativa de domínio dela, em situações e relações, orientada a evitar qualquer tipo de decepção; ▪ O temor, a falta de segurança e a injustiça como constituintes da configuração subjetiva do relacionamento familiar, que se expressavam como produções subjetivas contraditórias na configuração do relacionamento familiar, associadas ao afeto; ▪ Desproteção e insegurança; ▪ Necessidade de correspondência a expectativas acerca de suas próprias decisões, no modo como vê e se posiciona diante da vida; ▪ Exercício de comando orientado ao temor de quaisquer desapontamentos com o outro e consigo mesma.
	<p>Implicação social e compromisso para com as demandas do outro, das quais a própria ação faz parte</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Processo de subjetivação de ideias relacionadas a valores sociais em sua vida; ▪ Ideias de cidadania e de uma política nacional de resíduos sólidos; ▪ Abertura de expressão de satisfação pessoal pela conquista de um lugar de fala engajado com as demandas cotidianas de sua ação;

	<p>Rejeição as imposições e busca por vias autênticas em suas ações relacionadas à expressão própria, ao desenvolvimento da autonomia e à produção de autoconfiança</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimento de dívida pessoal a ser reparada com empenho profissional; ▪ Expectativa de corresponder a pedidos externos pareciam expressar, em dado momento de sua vida, a produção de sentidos subjetivos relacionados à autoexigência no exercício de cumprir demandas do trabalho na catação; ▪ Machismo, naturalização do papel como mãe e dona de casa com a família; ▪ Solidão, que requeria tomadas de decisões cotidianas; ▪ Seu bem-estar e dos seus, em especial pais e filhos, orientados à construção da segurança de si; ▪ Autoestima como via de novas produções que poderiam mobilizar, em si, ideias e novas reflexões.
--	--

Fonte: A autora.

No próximo tópico, integrada à produção de sentidos subjetivos associados à história de vida, será sistematizada a construção interpretativa de sentidos subjetivos produzidos no curso da ação do trabalho de Lúcia, em que a relação dialógica entre esta e a pesquisadora consistiu em recurso fundamental.

4.1.2.2 A produção de sentidos subjetivos no curso da ação do trabalho como catadora

No que se refere aos sentidos subjetivos produzidos no curso da ação do trabalho de Lúcia, construíram-se duas hipóteses, expressas na: **a) relação com novos conhecimentos e recursos subjetivos produzidos na experiência de catadora e presidente da cooperativa como favorecedores de novas compreensões sobre sua ação; b) implicação social como presidente da cooperativa, por meio da subjetivação de realizações particulares, como base para a produção de valor próprio.**

A seguir, apresentam-se em destaque (negrito) cada uma dessas hipóteses e os indicadores produzidos que permitiram sua construção:

- a) Relação com novos conhecimentos e recursos subjetivos produzidos na experiência de catadora e presidente da cooperativa como favorecedores de novas compreensões sobre sua ação.**

No processo de investigação, têm destaque as inúmeras atividades, reuniões e demandas fora do espaço da cooperativa que constituem a dinâmica de trabalho de Lúcia. Nessa orientação, revelaram-se interessantes suas seguintes expressões no complemento de frases: 21 - *O trabalho tudo*; 41 - *Me dedico, na maior parte do tempo, à cooperativa*; 52 - *Quando vou para cama, passo a noite inteira acordada*.

Em conversa posterior a respeito dessas respostas, Lúcia conta que nunca dormiu bem, pois, na maioria das vezes, tinha preocupações que não lhe permitiam descansar, tais como: a (in)segurança de sua moradia, a falta de comida no dia e a preocupação com o dia seguinte, familiares, em especial seus pais e filhos. Segundo ela, quando iniciou o trabalho como catadora, essas preocupações permaneciam, mas como presidente, se intensificaram pela centralidade que o trabalho ocupava em sua vida. Na presidência, Lúcia relaciona, ao trabalho de gestão e coordenação da cooperativa, uma tarefa árdua, em virtude da natureza dos problemas cotidianos e demandas a serem resolvidas constantemente.

Em relação ao alto nível de estresse vivido na ação como presidente, Lúcia produzia sentidos subjetivos relacionados à **sensação de controle e propensão a centralizar as ações e decisões relacionadas às demandas de trabalho das catadoras e da cooperativa**. A tendência de fazer convergir para si as questões e dificuldades vividas pelo coletivo parecia gerar, em si e, por vezes, no coletivo, a percepção de uma boa gestão para seu grupo e a instituição. Essa forma de conceber suas atribuições como presidente da cooperativa se constituía base para inconstantes noites mal dormidas e problemas de saúde.

Tais questões não eram compreendidas por Lúcia no início do trabalho como catadora. No curso da investigação, analisou-se que o trabalho como catadora sempre exigiu dela em excesso, no que se refere às longas horas de jornada e aos riscos a que se submetia, sem quaisquer garantias de um contexto de salubridade. Na ação como catadora, a preocupação com a própria sobrevivência e de seus pares, uma demanda social imediata, parecia sobrepor-se a outras reivindicações. Diante dessa situação, parecia subjetivar sua ação relacionada ao sentimento de **incapacidade, orientando-a a admitir as condições dominantes de seu modo de vida como situação natural, de uma rotina imposta e incapaz de ser negociada**.

Ao assumir a presidência da cooperativa, Lúcia modifica a natureza da ação como catadora e tem acesso a demandas e atribuições que exigem novas aprendizagens. Para ela, o início da sua gestão foi estabelecida por inúmeras dívidas e ausência de regularização da cooperativa. À época,

coincidiu com a necessidade de ampliar redes de apoio e contatos, com a consolidação da cooperativa para que cada catador pudesse receber seu benefício, por meio de um auxílio eventual local.

Nossa, quando eu lembro, eu era burra, tão burra, não sabia de nada, aquele monte de documento e eu não sabia nem tirar dinheiro num [sic] banco. Lá no lixão, a gente tinha cooperativa pra [sic] ganhar os benefício [sic] mesmo e cada um se filiava pra [sic] ter direito de receber seu benefício de vulnerabilidade social. Eu não sabia o que era nem isso, trabalhar no coletivo e junto. Lá (se refere ao período do trabalho no lixão), a gente trabalhava de dia, vendia os materiais e cada um tirava seu dinheiro. A gente deixou [sic] a cooperativa pra [sic] se firmar mesmo aqui, porque no lixão era cada um por si. (momento informal).

Em continuidade à discussão sobre a produção de sentidos subjetivos no curso da ação do trabalho como catadora, nos diferentes momentos da pesquisa em que pudemos acompanhar Lúcia em demandas internas e externas ao espaço da cooperativa, demonstrava ser uma pessoa com capacidade de orientar e coordenar o grupo em torno de um objetivo comum. Os problemas e as situações inusitadas pareciam-lhe familiares e passíveis de resolução. Essa rotina de trabalho, considerada árdua, implicava cada vez mais no modo de vida, conformado pela centralidade da configuração subjetiva de sua ação como catadora, que será aprofundada, a seguir, na construção da segunda hipótese.

Em um dos trechos de dinâmica conversacional, durante a construção do livro, destaca-se o período de início do trabalho da cooperativa no galpão, após o fechamento do Lixão:

Lúcia: De [sic] primeiro, veio [sic] 97 pessoas e o primeiro mês que a gente chegou aqui, foi [sic] 73 reais, mulher... 9 dias trabalhados e 73 reais pra [sic] cada. A gente chegava de manhã e, do jeitinho que chegava, a gente tinha que voltar pra trás porque não tinha coletor nem nada, só rejeito. Eu te falo, foi um caminho de muito sofrimento mesmo, esse lugar aqui foi resultado de muita luta, 10 anos até a gente chegar aqui, graças ao movimento dos catadores e a força de todos.

Esse trecho ilustra um aspecto interessante em relação à ação de Lúcia, presente em muitos dos diálogos estabelecidos ao longo da pesquisa. Trata-se da produção de sentidos subjetivos relacionados ao **respeito e à reverência à história e à trajetória de conquistas coletivas**, no que se refere ao grupo mais próximo e àquele vinculado ao movimento de catadores. Mesmo em momentos nos quais ressalta suas conquistas, o outro se faz presente por meio de exemplos de situações de luta, conquistas e memórias de pessoas que já morreram. Essas são expressões do modo como Lúcia subjetivava sua ação, também orientada ao **sentimento de gratidão e reconhecimento dos vínculos sociais estabelecidos, fortalecidos até os dias atuais**.

Os vínculos estabelecidos relacionavam-se ao entendimento sobre a identidade catadora, aspecto analisado por meio de diversos momentos, durante a pesquisa, em que se expressavam as concepções de Lúcia a respeito de catadoras e catadores. No complemento de frases, destaca-se a expressão na seguinte frase: 12 - Ser catadora é *dignidade e sonho*. Adicionalmente, evidencia-se o trecho de uma das dinâmicas conversacionais, em que ela trata das visitas técnicas realizadas pelo país.

Ah não gostei foi de Florianópolis, porque, assim, não é catador que se beneficia lá, é o empresário. Quando eu visito e logo vejo que não é o catador que se beneficia, pra [sic] mim [sic], não existe cooperativa e nem catador. Ali, pra [sic] mim [sic], são os empresário [sic] que se beneficiam e tá usufruindo e se dando [sic] bem em cima de catador que não entende (altera o tom de voz). E hoje a lei dos resíduos sólidos não é aquela que passa pra eles, eles têm que entender, mas aí [sic] você vê hoje, quando você viaja, você vê cooperativa que coloca a pessoa como laranja, coloca o bichinho lá na frente de presidente e eles usufruindo, o catador, de burro de carga, pegando no pesado... (altera o tom de voz, quase gritando, demonstrando indignação). Se você visse, tudo leigo, e o lugar pior do que o lixão (momento informal).

A ação de Lúcia como catadora e presidente da cooperativa pôde se diversificar e ampliar suas experiências com a catação de modo a gerar, progressivamente, no curso de sua ação, a produção de sentidos subjetivos vinculados **ao sentimento de capacidade de se posicionar e tomar decisões como abertura à emergência de novas opções no curso dessa ação**. Esse indicador avança na compreensão do caráter crítico e coletivo dos processos implicados na configuração subjetiva da ação como facilitadora de sua atuação como catadora e presidente da cooperativa.

A construção interpretativa de indicadores destacados nesse subtópico permitiu a produção da hipótese de que, para Lúcia, a relação com novos conhecimentos e recursos subjetivos produzidos durante a experiência de catadora e presidente da cooperativa se constituiu como favorecedora de novas compreensões sobre a ação. De modo articulado, segue-se para a próxima construção, em que a implicação social de Lúcia como catadora e presidente da cooperativa será tratada

No processo de elaboração dessa hipótese, destaca-se que as relações com catadores e demais profissionais de prestação de serviços, e sua participação em manifestações e, posteriormente, no movimento de catadores em nível local e nacional, possibilitaram à Lúcia desenvolver: capacidade crítica e reflexiva a respeito de questões relacionadas à catação; posicionamento de liderança e expressão coletiva no que tange a pautas da cooperativa; produção

de ideias próprias como via para a resolução de problemas institucionais; conhecimento acerca de informações e regulamentações no âmbito legal e na garantia de direitos. Esses novos recursos, sob nova situação social como presidente da cooperativa, se constituíram subjetivos, com dimensão funcional (Goulart & Mitjás Martínez, 2023) da configuração subjetiva da ação, expressos no desenvolvimento desta, no novo contexto institucional.

As estratégias utilizadas por Lúcia em sua ação no desenvolvimento de novos recursos e capacidades técnicas para atuar como presidente da cooperativa, identificadas no curso da investigação, se relacionavam ao posicionamento próprio para: a) realizar perguntas sobre assuntos e informações que desconhece; b) fazer novos questionamentos sobre informações que domina relacionados diretamente à sua ação; c) relacionar e associar novas informações sobre sua ação com os conhecimentos já compreendidos anteriormente; d) estabelecer rede de apoio e lista de contatos de pessoas advindas de locais e instituições diferentes; e) participar e se engajar em grupos e espaços sociais variados, que tratem da catação; f) manifestar dificuldades e necessidades do grupo de catadores da cooperativa em diferentes espaços sociais; g) organizar e participar de eventos sociais e de lazer, com seu grupo e com o coletivo do movimento de catadores.

Destaca-se a produção da pesquisadora, apresentada nos parágrafos anteriores, por conferir relevância à construção do caso em questão, a respeito de recursos (e recursos subjetivos) desenvolvidos por Lúcia em sua ação. A esse respeito, é importante diferenciar o conceito de recursos subjetivos e o de indicador de sentidos subjetivos, exemplifica-se: a) ao acenar para a capacidade crítica de Lúcia como um recurso subjetivo, trata-se de enfatizar uma expressão possibilitada na/pela ação como catadora que pode se constituir fonte de novas produções de sentidos subjetivos. Conforme defendido anteriormente, a ideia de recursos subjetivos pode ser compreendida em sua dimensão instrumental de uma configuração subjetiva (Goulart & Mitjás Martínez, 2023), e nesse caso, a configuração subjetiva da ação; b) no que se refere à produção de sentidos subjetivos relacionados ao sentimento de capacidade produzido por Lúcia em sua ação como um indicador, aborda-se uma unidade fundamental no decorrer das construções hipotéticas da pesquisa como processo teórico e interpretativo. O indicador representa um elemento central no entendimento da pesquisa como processo de construção teórica em desenvolvimento. Sua concepção, como produção da pesquisadora, fundamenta-se por um sistema de expressões ou eventos não explícitos em seu significado pelas participantes de pesquisa (González Rey & Mitjás Martínez, 2017).

b) Implicação social como catadora e presidente da cooperativa por meio da subjetivação de realizações particulares como base para a produção de valor próprio

Nas construções anteriores, tem se destacado a centralidade da catação na vida de Lúcia. Esse aspecto não diz respeito somente à sua dedicação, marcada pelas horas de trabalho diárias, mas também pelas inúmeras mudanças no curso de sua ação, de naturezas diferentes, relacionadas aos vínculos sociais, à geração de renda, ao engajamento, posicionamento social e ao desenvolvimento de novos recursos subjetivos. Essas mudanças geradas por/na sua ação orientaram a construção de um novo lugar social para Lúcia, que produzia sentidos subjetivos relacionados à **aceitação e validação de sua existência como pessoa no contexto da catação e em outros mais amplos.**

Para ela, o valor social de sua ação se construiu também por intermédio da produção de sentidos vinculados à sua **identificação e ao sentimento de pertencimento ao grupo de catadoras.** A respeito de sua ação, ressaltam-se algumas expressões do instrumento de complemento de frases: 21 - O trabalho *tudo*; 22 - Amo *o que eu faço*; 23 - Minha principal ambição *sair daqui e ver tudo organizado, todo mundo ganhando bem.*

O envolvimento de Lúcia com sua ação se expressa nos posicionamentos e no modo proativo como se empenha para conseguir atender às demandas da cooperativa, das cooperadas e outras externas, assim como em resolver e solucionar problemas cotidianos. Analisa-se, também, como essa dinâmica de trabalho e as relações estabelecidas evidenciavam satisfação em relação às suas ideias e ações, por ter feito “o que podia na medida do que era possível fazer” e “ter dado seu melhor todos os dias”, como ela costumava dizer.

Nos diferentes momentos de sua profissão, Lúcia reconhece as inúmeras dificuldades enfrentadas, as lutas e os sonhos envolvidos nas conquistas coletivas. A esse respeito, destaca-se um trecho de uma dinâmica conversacional, durante a construção do livro:

Pesquisadora: Como foi seu envolvimento com o fechamento do Lixão?

Lúcia: Eu não acreditava, tinha muita promessa, muitos anos eles prometendo fechar e nada. Eu lutei junto por aquilo ali... (breve pausa). Era grande demais, quando a gente fechava tudo, não tinha quem passasse. A gente lutava pelo direito de entrar e trabalhar, ganhar nosso dinheiro.

Pesquisadora: E quando fechou, pelo que me disse antes, cada cooperativa precisou assinar contrato com o SLU. Como foi isso?

Lúcia: Esses contratos foram um cala boca pra [sic] gente sim, foi um cala-boca (se referindo ao contrato de prestação de serviços da cooperativa com o SLU). Eu tô aqui silenciada, até eu tô [sic] silenciada, mesmo a gente reclamando e fazendo, eu tô [sic] assim. E eu ajudei no fechamento do lixão e sonhei com outra coisa, mas eu não quero minha foto estampada aí no mundo dizendo que eu ajudei a fechar o lixão assim, eu ajudei porque não tive escolha, ninguém me deu escolha, o governo não me deu alternativa nem outra opção, eu fui obrigada.

Lúcia, em muitos momentos durante a pesquisa, demonstrava compromisso com sua ação como catadora nas tarefas cotidianas, na valorização da história do coletivo de catadores e nas perspectivas de futuro. De modo contraditório a todo o seu comprometimento, sua ação também produzia sentidos subjetivos relacionados à **frustração e insatisfação em virtude do descaso de setores governamentais e da incompreensão das queixas e necessidades que sua ação envolve**. É interessante analisar como essas produções de sentidos subjetivos, contraditórias em relação à sua ação, pareciam mobilizar Lúcia no dia a dia como catadora e presidente da cooperativa, assim como mantê-la engajada nas causas coletivas dos catadores.

Esse conjunto de fluxos de produção de sentidos subjetivos relacionados à profissão e, também, aqueles oriundos de outras fontes/experiências de vida conformavam a configuração subjetiva de sua ação como catadora. No devir da ação, há novas produções subjetivas expressas em novos posicionamentos, relações, reflexões e ideias orientadas às implicações de Lúcia na presidência da cooperativa. Quanto a esse processo, identificaram-se, ao longo da pesquisa, diversas situações que podem ilustrar aspectos que participavam de novas produções de sentidos subjetivos no curso de sua ação. A seguir, destacam-se dois trechos de dinâmicas conversacionais diferentes:

Lúcia: Eu não queria vir pra cá, nos entregaram isso aqui e pronto, falta [sic] as máquinas e tudo pra [sic] gente trabalhar, mas isso foi resultado de uma conquista, de muita luta. Então, vamos lá, vim... (pausa). Mas tem hora aqui que vou te contar, eu falo que é proibido sonhar. Tem hora que dá alguma coisa e eu penso em desistir, sério. Ir embora, chega.

Pesquisadora: Com tanta dificuldade você ainda sonha?

Lúcia: (risos) é a nossa vida né [sic], né [sic]. Senão o que resta?

Pesquisadora: Vejo que está animada com essa reunião. Por que ela é tão importante?

Lúcia: A gente tá [sic] esperando essa reunião tem tempo. Não dá pra continuar desse jeito, material caindo de preço, o pátio cheio de coisa parada e as empresas em cima da gente. Como que a gente ganha dinheiro com esse tanto de problema aqui nesse lugar? Esse edital tem que mudar e tá todo mundo com a gente mesmo, vamos ver no que dá.

Apesar da insegurança em se relacionar com os problemas e as questões pertinentes à sua ação, Lúcia se esforçava para corresponder às demandas do coletivo e das relações institucionais, a fim de representar o grupo e cumprir bem o papel como presidente da cooperativa, a partir de sua concepção a respeito da função, conforme explorado na seção anterior. Essas produções subjetivas, ao favorecerem a constituição de vínculos autênticos, mobilizavam novos processos reflexivos associados à sua capacidade de gestão e liderança, orientadores de mudanças na forma de realizar as ações.

Interpreta-se, também, que a pesquisa se constituiu espaço propício à Lúcia para expressar e manifestar suas opiniões e críticas sobre a catação. Ela subjetivava sua relação com a pesquisadora como favorecedora de **autoconfiança e reconhecimento social de suas ideias, de modo a fortalecer esses aspectos na realização de suas ações cotidianas**. Esse espaço social da pesquisa seguiu sendo de afirmação, de ideias e valores, conforme os vínculos foram estabelecidos. Esse aspecto se tornou relevante na compreensão da ação de Lúcia, em relação a outros contextos que faziam-na sentir-se apoiada na defesa de suas convicções perante outra pessoa ou o grupo.

Em síntese, o conjunto de informações apresentadas nesse subtópico possibilitou a construção de indicadores que conformaram a hipótese relacionada à ação de Lúcia sobre sua implicação social como catadora e presidente da cooperativa, por meio da subjetivação de realizações particulares como base para a produção de valor próprio. A seguir, apresenta-se um quadro com a sistematização do processo construtivo-interpretativo no que se refere ao conjunto de hipóteses e indicadores acerca da produção de sentidos subjetivos, no curso da ação do trabalho de Lúcia como catadora.

Quadro 3 - Sistematização de hipóteses e indicadores/configuração subjetiva da ação do trabalho: sentidos subjetivos produzidos no curso da ação do trabalho como catadora

Configuração subjetiva da ação do trabalho	<p>Relação de novos conhecimentos e recursos subjetivos produzidos na experiência de catadora e presidente da cooperativa como favorecedores de novas compreensões sobre sua ação</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sensação de controle e propensão a centralizar as ações e decisões relacionadas às demandas de trabalho das catadoras e da cooperativa; ▪ Incapacidade, orientando-a a admitir as condições dominantes de seu modo de vida como situação natural e rotina imposta, sendo incapaz de negociar; ▪ Respeito e reverência à história e à trajetória de conquistas coletivas;
---	---

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimento de gratidão e reconhecimento dos vínculos sociais estabelecidos, fortalecidos até os dias atuais; ▪ Sentimento de capacidade de se posicionar e tomar decisões como abertura à emergência de novas opções no curso dessa ação.
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Implicação social como catadora e presidente da cooperativa por meio da subjetivação de realizações particulares como base para a produção de valor próprio ▪ Aceitação e validação de sua existência como pessoa no contexto da catação e em outros mais amplos; ▪ Identificação e sentimento de pertencimento ao grupo de catadoras; ▪ Frustração e insatisfação em virtude do descaso de setores governamentais e da incompreensão em relação às queixas e necessidades que sua ação envolve; ▪ autoconfiança e reconhecimento social de suas ideias, de modo a fortalecer esses aspectos na realização de ações cotidianas.

Fonte: A autora.

No próximo tópico, integrada aos sentidos subjetivos produzidos no curso da ação do trabalho de Lúcia, será sistematizada a construção interpretativa sobre a produção de sentidos subjetivos associados à subjetividade social de uma cooperativa, em que o processo de construção do livro entre Lúcia, a pesquisadora e as demais participantes consistiu em recurso fundamental.

4.1.2.3 A produção de sentidos subjetivos associados à constituição da subjetividade social da cooperativa

As construções interpretativas possibilitaram a produção de indicadores que orientaram a construção de duas hipóteses sobre sentidos subjetivos associados à subjetividade social de uma instituição cooperativa e expressos : **a) no interesse pelo novo modo socioprodutivo do cooperativismo, associado à valorização de ações e importância de sua realização; b) na autenticidade na produção de ideias como possibilidade de promover a abertura de um espaço próprio de subjetivação no que se relaciona à criação e realização de ações.**

Em seguida, apresentam-se, em destaque (negrito), cada uma dessas hipóteses e os indicadores que permitiram sua construção:

a) Interesse pelo novo modo socioprodutivo do cooperativismo associado à valorização de ações e a importância de sua realização

Desde o início da pesquisa, investigou-se o envolvimento de Lúcia no trabalho da cooperativa, em virtude do modo diferenciado como se engajava nas ações em relação às demais catadoras, especialmente após o fechamento do Lixão. De acordo com ela, esse interesse se relacionava a um sonho antigo, vinculado à possibilidade de abertura de novas oportunidades, com melhoria em suas condições de vida e nas dos demais catadores.

Essa informação, associada à experiência como presidente da cooperativa, possibilitou a construção de um indicador relacionado ao modo como **subjativava a proposta do cooperativismo relacionado aos interesses pessoais e do coletivo expresso em seu compromisso social**, processo que se articulava às experiências como catadora e participante de movimentos sociais, constituídas em sua história de vida. Nessa perspectiva, destaca-se o envolvimento em relação às novas demandas exigidas no trabalho, especialmente em relação ao vínculo da cooperativa com a Rede:

Assim, a rede (se refere a Rede da Central das Cooperativas) ajuda bastante porque se a gente não tá [sic] vinculado à cooperativa, não consegue negociar com nosso CNPJ direto com as empresas grandes, mas não é fácil. A gente vê que, nesse Brasil, catador quase não tem direito, então a gente tem que tá [sic] em cima o tempo todo (Trecho de dinâmica conversacional).

As informações articulam-se às interpretações apresentadas anteriormente e possibilitam gerar o indicador sobre a relação da Rede com a cooperativa de Lúcia. Reconheceu-se que ela produzia sentidos subjetivos contraditórios em relação a suas ações naquele momento, relacionados à **tensão entre o que acreditava que deveria ser realizado pela Rede e a incompreensão do que sentia como valorizado**. Para ela, aquele contexto se organizava de modo equivocado em relação às demandas cotidianas, com falta de foco e ênfase nas necessidades específicas dos catadores e de cada cooperativa. Além disso, concebia as relações como distantes entre si devido às inúmeras tarefas e aos problemas que ocupavam, diariamente, tanto ela quanto a equipe gestora da Rede.

Lúcia achava que sua ação envolvia conhecimentos e expertises próprias da dinâmica e organização do trabalho com a catação local. Portanto, acreditava que sua ação se tornava indispensável ao funcionamento da cooperativa, também pela capacidade de gerir as situações inusitadas presentes no cotidiano do trabalho. Interpretou-se que ela se empenhou intensamente na implementação do cooperativismo em sua ação, processo em que se associavam produções

subjetivas vinculadas à **expectativa na construção de novas ações coletivas e concretização de inovações socioprodutivas**.

As perspectivas na crença de novos encaminhamentos em relação às demandas e aos problemas enfrentados por ela e pelos catadores na cooperativa mobilizavam sua participação em reuniões com a equipe da Rede e de outras instâncias, em nível local e federal. As tratativas e reivindicações, na maioria das vezes, ganhavam força por serem consideradas uma pauta coletiva, impulsionada também por outras cooperativas e catadores. Dessa forma, Lúcia integrava um coletivo de causas comuns e, ao mesmo tempo, mantinha a atenção voltada às necessidades específicas de sua cooperativa:

Lúcia: Aqui, eu trabalho com pé aqui e outro lá (se referindo a Rede). Antes, eu era do conselho e ficava mais perto, mas com a mudança do estatuto que a gente não podia mais ser presidente e ficar lá participando na gestão aí [sic], eu resolvi sair.

Pesquisadora: O que você quer dizer com pé aqui e outro lá?

Lúcia: Tem muita coisa que eu tenho que resolver lá e depende de decisão pra [sic] gente conseguir trabalhar. Tem coisa aqui que é da cooperativa mesmo e tem coisa que precisa pra gente resolver nas reuniões com todas as cooperativas, a reunião com todos os presidentes. (Trecho de dinâmica conversacional).

Essa informação se articula ao instrumento do complemento de frases, em que se destacam as seguintes expressões: 7 - *Não posso* mudar a realidade; 15 - *Este lugar* difícil; 25 - *Meu problema principal* diria que, hoje, o trabalho. Em conversa posterior sobre as informações do instrumento, Lúcia relacionou o lugar e a realidade, mencionados nas frases acima, ao seu local de trabalho. Para ela, existiam muitas dificuldades e problemas já identificados, mas que, para a resolução, dependiam da ação de outras pessoas e instâncias. Em relação à sua ação nesse contexto da cooperativa, ela produzia sentidos subjetivos vinculados ao **descontentamento com maquinários e equipamentos de trabalho, bem como com as condições infraestruturais do Complexo Integrado de Reciclagem – CIR**.

Desde o início da pesquisa, foi possível acompanhar os diferentes momentos do CIR: durante a entrega dos galpões, na construção de espaços para cada cooperativa, na organização e individualização da rede de energia, assim como nas instalações dos materiais e equipamentos, com posterior insuficiência no funcionamento cotidiano adequado ao trabalho das cooperativas. Uma das situações constantes se referia à esteira transportadora do material durante a triagem, equipamento que estragava constantemente pela incompatibilidade e durabilidade do serviço. Essa situação acarretava desconto de dia(s) não trabalhado(s) no valor recebido ao final do mês pelos

catadores, além de endividar a cooperativa por meio de empréstimos financeiros para uma nova aquisição devido ao alto custo.

Analisa-se que a situação da cooperativa, marcada por escassez e dificuldades vividas naquele momento, articulava-se ao que se constituía como um novo momento na vida de Lúcia como catadora, em virtude das novas possibilidades de acesso a bens e serviços públicos e privados restritos, anteriormente restritos ou inacessíveis. Em relação a essa nova experiência de vida como catadora e presidente da cooperativa, Lúcia não se considerava mais uma pessoa pobre. Segundo ela, sua situação social estava mais favorável em comparação com as muitas privações e os limites de escolhas pessoais aos quais antes estava submetida pela “falta de condições”. Para Lúcia, muitas catadoras da cooperativa não se encontravam na mesma situação que ela, pois ainda recebiam benefícios sociais e lutavam diariamente para garantir seu sustento e não passar fome.

Ao considerar a pobreza como uma configuração subjetiva (González Rey, 2020), favoreceu-se a compreensão de como essa experiência em sua vida não se configurava central no curso de sua ação atual como catadora, mas também se vinculava a suas produções subjetivas relacionadas à pobreza presente na subjetividade social da cooperativa e de outros espaços sociais dos quais participava. Em relação à pobreza e sua ação na cooperativa, Lúcia, naquele momento, produzia sentidos subjetivos relacionados à **compreensão da pobreza vivida pelas cooperadas como uma via orientadora de sua perseverança nas ações da cooperativa.**

As interpretações também guiaram o entendimento sobre a atual perspectiva crítica de Lúcia a respeito da pobreza em relação às desigualdades sociais vividas, de modo geral, pelos catadores. No momento da pesquisa, emergiram aspectos que Lúcia considerava necessários para uma subsistência digna, tanto no âmbito individual quanto coletivo, como direitos a serem conquistados. Essas construções interpretativas remetem às considerações sobre a discussão do trinômio pobreza, capacidades críticas e justiça social, em estudo empírico acerca de um dispositivo de inclusão social, segundo a percepção, ação e reflexão dos atores envolvidos na pesquisa (Leal, 2019).

b) Autenticidade na produção de ideias como possibilidade de promover abertura de um espaço próprio de subjetivação na criação e realização de suas ações

Lúcia era capaz de identificar questões relevantes no processo de implementação do cooperativismo como um novo modo de inserção socioproductiva para ela e as demais catadoras.

Nesse novo contexto, após o fechamento do Lixão, valorizava a história do movimento de catadores e as conquistas pontuais alcançadas até aquele momento, assim como reconhecia algumas das fragilidades e novas necessidades advindas da atualidade. Em virtude dessa dinâmica própria de sua ação na cooperativa, Lúcia transitava com maior facilidade pelas discussões e reuniões tanto com os cooperados quanto com os agentes externos. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar seus posicionamentos durante esses momentos, nos quais se mantinha atenta às considerações e demonstrava participação focada nos aspectos que julgava relevantes à sua cooperativa e aos demais catadores. A esse respeito, ilustra-se um trecho da participação de Lúcia em uma reunião com agentes externos:

Olha, eu não concordo com isso não. Você vai me desculpar, mas isso que tá [sic] falando não atende a gente em nada, só faz piorar nossa situação. A gente precisa disso urgente, não temos dinheiro pra [sic] pagar tudo isso que acumulou aqui. Os gastos são tão [sic] aumentando pra [sic] gente, tô [sic] vendo a hora de fechar as portas e não ter como trabalhar. Você tem que falar como pode ajudar a gente é isso, foi por isso que viemos aqui. (Trecho de reunião externa com catadores e órgãos do governo)

Essas situações, assim como outras vividas durante a pesquisa, evidenciaram como Lúcia fazia questão de expressar suas convicções acerca de sua ação, pois, para ela, caracterizavam-se, na maioria das vezes, como espaços de disputa pela garantia ou conquista de direitos. Interpretase que essas reuniões e encontros constituíam, para Lúcia, um espaço seguro para suas críticas, em virtude das relações estabelecidas com as pessoas envolvidas, fruto de como sua presença e atuação estavam configuradas na subjetividade social da cooperativa. Em contextos cotidianos considerados conflituosos, Lúcia produzia recursos subjetivos relacionados à perspicácia na compreensão da participação das pessoas e da situação, como uma orientação para identificar oportunidades na análise de lacunas e possibilidades para seus posicionamentos como catadora.

O modo sagaz como participava desses momentos também era constituído por suas reflexões sobre ponderações em relação a suas expressões, seja por meio de um discurso declarativo ou do silenciamento. Frequentemente, expressava suas considerações sobre o melhor momento de falar ou emitir suas opiniões, por vezes, em momentos posteriores aos encontros e/ou reuniões em que participava:

Pesquisadora: E, como foi lá (sobre uma visita técnica a algumas cooperativas de outro estado do país)?

Lúcia: Eu falei, mais [sic] depois vi que ali [sic] não se prioriza catador, achei melhor ficar calada por que do que adianta? Você acha que empresário, um cara [sic] daquele jeito ali, vai me ouvir? (Trecho de dinâmica conversacional)

Com essa informação, em conjunto com as informações anteriores, foi possível considerar que a produção de posicionamentos críticos orientava a mobilização individual para sua ação na cooperativa. O engajamento de Lúcia em sua ação estava extremamente relacionado à criticidade expressa em suas atividades como catadora e presidente da cooperativa, ao longo do processo de implementação do novo modo de inserção socioproductiva. As elaborações criadas por ela vinculavam-se a compreensões próprias a respeito de seu trabalho e das demais catadoras. Havia uma relação de compromisso profissional associada a produções subjetivas vinculadas ao **reconhecimento da reflexão como importante recurso subjetivo, orientado à criticidade da participação de agentes e instituições externas nas questões pertinentes à cooperativa.**

A perspectiva crítica expressa por Lúcia vinculava-se à ausência de alternativas e soluções, apontada por agentes e instituições externas, às demandas próprias da cooperativa. Para ela, não interessava estabelecer relações dessa natureza, que se fundavam em desencontro com os interesses e as necessidades da cooperativa. Lúcia se sentia inconformada com a dificuldade em concretizar determinadas tarefas pertinentes à sua ação quando dependiam e/ou se relacionavam a outras pessoas.

Para Lúcia, sua ação necessitava de autonomia e, segundo ela, havia algumas barreiras institucionais que participavam de seu trabalho cotidiano, tais como: a) ausência de direcionamentos e possibilidades de soluções específicas ao seu trabalho, por meio da equipe gestora ou de grupos externos; b) definições e determinações estabelecidas sobre a cooperativa que se mostravam contrárias às suas concepções; e, c) relações e vínculos com a cooperativa considerados laços por interesses pessoais em detrimento do coletivo.

Interessa analisar como essas questões, consideradas por ela como percalços, eram capazes de gerar produções subjetivas vinculadas ao **desejo pela busca e descoberta de criar uma alternativa para suas ações, fossem imediatas, associadas a temas pontuais, e/ou equivalentes a outras, relacionadas à sua perspectiva de futuro.** Lúcia manifestava o interesse em deixar a presidência e sair da cooperativa. A respeito desse aspecto, assim se colocou no complemento de frases: 28 - *A felicidade* ter sossego na velhice, ter paz; 33 - *Queria sempre* ter mais oportunidade pra mim mesma; 35 - *Minhas aspirações são* sair da cooperativa e viver outros sonhos; 37 - *Minha vida futura* quero viajar, esquecer um pouco os outros; 39 - *Costumo refletir sobre* a vida; 43 - *Luto* pelo futuro melhor.

Essas informações articulam-se a outras relacionadas ao trecho destacado de dinâmica conversacional em que explicita uma de suas ações efetivas para se distanciar da cooperativa:

Eu tive um sonho, um sonho de criar essa Associação e deu certo como eu sonhei. Até o nome veio [sic] pra [sic] mostrar o que eu passava naquela época e hoje em dia, Vencendo Obstáculos. Começou sem nada e teve gente que não quis, porque não tinha garantia mesmo. Só depois de três meses que a gente recebeu e foi possível pagar. A gente era [sic] em 7 pessoas, desses só 3 estão comigo até hoje e foi crescendo com mais gente nova. Foi 1 ano antes de fechar o lixão, quem imaginava. E ainda conseguimos, com toda dificuldade, o contrato de coleta (refere-se ao contrato de coleta seletiva da Associação com o SLU, enquanto a cooperativa a que se vincula possui contrato para o serviço de triagem) (momento informal).

Ao criar a referida associação em 2017, Lúcia ampliou sua ação como catadora, em simultâneo com a presidência da cooperativa. A associação funcionava no CIR/DF, em horário diferente da cooperativa, com um quantitativo menor de catadores, cerca de 63% (sessenta e três por cento). A associação e cooperativa diferenciam-se tanto pela natureza de suas instituições (regimento e normas) quanto pelo tipo de serviço realizado (coleta seletiva x triagem de materiais recicláveis). Com o novo contexto dos galpões do CIR/DF, Lúcia era gestora das duas instituições; porém, analisou-se sua atuação diferenciada na associação, com maior autonomia em relação às suas ações, em virtude da abrangência de serviços realizados e parcerias estabelecidas (não exclusividade de contrato com SLU).

Essas expressões, associadas às observações sobre seus posicionamentos acerca dos limites no processo de implementação do cooperativismo, possibilitaram-lhe produzir ideias e representações relacionadas à subjetividade social da cooperativa. A criação da associação, naquele contexto, era subjetivada por Lúcia em relação ao **sentimento de esperança orientado para a possibilidade de desvincular-se, em alguma medida, de ações consideradas por ela contrárias às ideias que acreditava para o grupo de catadores e ao funcionamento das cooperativas sob regime do cooperativismo**. Nesse processo, configuram-se produções subjetivas históricas e relacionadas à sua orientação para a perseverança, favorecendo sua autonomia na busca por novas oportunidades de desenvolvimento de ações coerentes e alinhadas aos seus valores e às suas próprias representações sobre a catação e sua vida. Com a associação, a ação de Lúcia na cooperativa tornava-se mais complexa e com maior amplitude frente aos conhecimentos da catação, envolvendo-a de maneira intencionalmente diferenciada por compreender com maior clareza os limites e as possibilidades de seu engajamento.

Nessa direção, entende-se que as produções subjetivas de Lúcia em relação à subjetividade social do contexto da cooperativa configuravam-se em sua ação, na catação e na presidência, como favorecedoras de sua emergência como sujeito nesse processo, conforme a definição conceitual apresentada na fundamentação teórica. No curso da implementação do cooperativismo, como novo modo socioprodutivo, reconhece-se essa condição no seu movimento de problematização por meio da criticidade das ações dos catadores da cooperativa e da equipe gestora do CIR/DF, em consonância com proposta do cooperativismo estabelecida em normativas e contratos vigentes, assim como no afimco e autoconfiança na produção de alternativas próprias de ação em contraposição àquele contexto. Além disso, observa-se como desenvolve recursos subjetivos que possibilitam novas vias compreensivas sobre sua própria história de vida.

A esse processo relacionam-se sua história de vida como catadora em movimentos sociais e as possibilidades de atuação no curso da implementação do cooperativismo, na busca por novas oportunidades de ação por meio de um modelo próprio de funcionamento e organização que pudesse beneficiar a si mesma e ao grupo de catadores. Esses aspectos permitiram-lhe produzir reflexões críticas sobre suas experiências atuais, além de favorecer a geração de novas ideias no curso das ações.

Com base nessas construções interpretativas, compreende-se que os sentidos subjetivos referidos anteriormente, articulados entre si, complementam a conformação da configuração subjetiva da ação de Lúcia no momento da pesquisa. Em seguida, apresenta-se um quadro com a sistematização do processo construtivo-interpretativo, referente ao conjunto de hipóteses e indicadores sobre a produção de sentidos subjetivos associados à subjetividade social de uma cooperativa.

Quadro 4 - Sistematização de hipóteses e indicadores/configuração subjetiva da ação do trabalho: produção de sentidos subjetivos associados à subjetividade social de uma cooperativa

Configuração subjetiva da ação do trabalho Sentidos subjetivos associados à subjetividade social de uma instituição de cooperativa	<p>Interesse pelo novo modo socioprodutivo do cooperativismo associado à valorização de suas ações e à importância de sua realização</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Subjetivação da proposta do cooperativismo relacionada aos seus interesses pessoais e ao coletivo, expressos em seu compromisso social; ▪ Tensão entre o que acreditava que deveria ser realizado pela Rede e a incompreensão do que sentia ser valorizado; ▪ Expectativa na construção de novas ações coletivas e na concretização de inovações socioprodutivas; ▪ Descontentamento com maquinários e equipamentos de trabalho, assim como com as condições infraestruturais do Complexo Integrado de Reciclagem – CIR; ▪ Compreensão da pobreza vivida pelas cooperadas como uma via orientadora de sua perseverança nas ações da cooperativa.
	<p>Autenticidade na produção de ideias como possibilidade de promover a abertura de um espaço próprio de subjetivação na criação e realização de suas ações</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecimento da reflexão como importante recurso subjetivo orientado à criticidade da participação de agentes e instituições externas às questões pertinentes à cooperativa; ▪ Desejo de buscar e descobrir alternativas para suas ações, sejam imediatas, associadas a temas pontuais e/ou equivalentes a outras relacionadas à sua perspectiva de futuro; ▪ Sentimento de esperança orientado para a possibilidade de desvincular-se, em alguma medida, de ações consideradas por ela contrárias às ideias que acreditava para o grupo de catadores e ao funcionamento das cooperativas sob regime do cooperativismo.

Fonte: A autora.

4.1.3 Considerações parciais sobre o caso de Lúcia para o objetivo da pesquisa

- Ao analisar a configuração subjetiva da ação do trabalho de Lúcia, por meio do processo construtivo-interpretativo, foi possível compreender como a catação se configura para ela mediante a produção de sentidos subjetivos diversos e contraditórios em suas ações. Sua ação como catadora, situada no espaço social da cooperativa, caracteriza-se como dinâmica e inédita, configurada por sentidos subjetivos integrados pela produção de sentidos

subjetivos relacionados com sua história de vida, com a catação no contexto e por outros associados à constituição da subjetividade social da cooperativa;

- A configuração subjetiva da ação de Lúcia era formada pela produção de sentidos subjetivos associados à pobreza, tanto pela sua história de vida quanto pela subjetividade social da cooperativa e de outros espaços sociais mais amplos dos quais participava como catadora e presidente da cooperativa;
- A produção de sentidos subjetivos relacionados com sua história de vida favorecia o entendimento de sua profissão como catadora e presidente da cooperativa como um lugar social de privilégio ocupado por ela, considerando as questões enfrentadas pelo grupo de catadoras que trabalhavam na cooperativa e em demais contextos dos quais tinha conhecimento e vivência;
- A configuração subjetiva da ação do trabalho de Lúcia representava relevante centralidade em seu modo de vida. A catação foi compreendida como uma ação intrinsecamente vinculada à vida de Lúcia, especialmente em relação à sua implicação e motivação no desenvolvimento de suas ações como antítese do processo de alienação vivido no contexto da catação (de desigualdades sociais) e aos cuidados atuais com sua saúde (insônia, problemas de pressão alta e sobrepeso);
- A configuração subjetiva da ação do trabalho de Lúcia consistia e em uma configuração subjetiva motivacional orientada à sua condição de vida atual e ao desenvolvimento de novas perspectivas. A catação, para Lúcia, era uma via de subjetivação que permitia a abertura para novos conhecimentos, com a possibilidade de (re)inventar e imaginar novas ações orientadas ao futuro;
- O cooperativismo, como um novo modo de inserção socioproductiva, favoreceu a produção e o desenvolvimento de novos recursos subjetivos no curso de sua ação. A reflexão constituiu-se como importante recurso subjetivo orientado à criticidade a respeito do funcionamento do cooperativismo e da participação de agentes ou instituições externas às questões pertinentes à cooperativa;
- A esse respeito, diferentes sentidos subjetivos expressaram-se de modo significativo em novas compreensões relacionadas à sua ação, por meio daqueles produzidos em suas experiências de vida, não essencialmente na catação, mas também como trabalhadora

doméstica, participante ativa de movimentos sociais durante a ocupação da cidade Estrutural, na relação com a família e na constituição de outros vínculos estabelecidos;

- A emergência de Lúcia como sujeito expressou-se como um importante processo relacionado à sua participação na constituição da subjetividade social da cooperativa, enquanto espaço social. Destaca-se que sua perspectiva própria sobre as ações (da catação), em contraposição a posicionamentos hegemônicos no contexto da cooperativa e do CIR/DF, qualificava seu engajamento. A autenticidade na produção de ideias expressou-se como uma via personalizada, com vistas a promover a abertura de um espaço próprio de subjetivação na criação e realização de ações.

4.2 Eixo 2 – O estudo do caso da constituição da cooperativa de materiais recicláveis

A seguir, apresenta-se uma sistematização da história da cooperativa, com foco e especial na nova organização como modo de inserção socioproductiva para as mulheres, abordando os aspectos considerados principais dessa pesquisa. As informações compartilhadas são originadas do trabalho realizado ao longo dos três anos de investigação. Neste tópico, que antecede a construção interpretativa sobre a subjetividade social, o objetivo é contextualizar o espaço da cooperativa e algumas das principais questões e relações que a constituíam. O intuito é gerar, com a elaboração deste texto, um panorama da estrutura e do funcionamento cotidiano dessa instituição.

4.2.1 Contextualização da cooperativa de materiais recicláveis

A Cooperativa de Reciclagem Ambiental da Cidade Estrutural - COORACE foi regulamentada no ano 2008. O processo de criação envolveu um pequeno grupo de pessoas que faziam parte do movimento de ocupação da cidade Estrutural. Lúcia assumiu a presidência após a eleição entre cooperados no ano 2014, concorrendo com uma chapa opositora à gestão anterior. Segundo conta, naquele tempo, o trabalho da cooperativa era realizado de forma pontual em alguns eventos e atividades da cidade. O vínculo dos cooperados estava relacionado ao recurso de um benefício social, recebido individualmente, destinado às pessoas consideradas em situação de vulnerabilidade, ligadas à cooperativa de materiais recicláveis.

À época, as catadoras e os catadores vinculados à cooperativa desenvolviam trabalho de modo individualizado, no Lixão. A renda advinda da catação dependia exclusivamente de suas

ações, como nas etapas de separação dos resíduos, na triagem de materiais recicláveis e organização dos *bags*, no armazenamento e na venda de todo o material. Com o fechamento do antigo Lixão da Estrutural, em janeiro de 2018, houve algumas mudanças significativas para a COORACE: a) vinculou-se à Central de Cooperativas de Trabalho de Materiais Recicláveis do Distrito Federal - Centcoop; b) ampliou o quantitativo de cooperados; c) implantou uma nova forma de trabalho e adequou-se à operação da autarquia de limpeza urbana, segundo exigências de novos editais para a contratação de serviços com o poder público.

A notícia do encerramento das atividades irregulares do Lixão foi inicialmente desacreditada pelo grupo, visto que já havia informações sobre seu fechamento em anos anteriores que não tinham se concretizado. Posteriormente, com o processo avançado, a situação não foi bem aceita pelos(as) catadores(as), em virtude da dinâmica de vida e renda advinda da catação naquele lugar. Segundo as catadoras participantes da pesquisa, esse momento ficou marcado por muitas lutas pelos catadores, de modo geral, com inúmeras mobilizações, protestos e reivindicações coletivas. A participação ativa das(os) catadoras(es) e suas organizações nesse processo possibilitou algumas garantias a esses trabalhadores, previstas em um plano específico de transição, implementado pelo poder público, após o fechamento do Lixão.

Dentre as ações desse plano, ressalta-se a compensação financeira destinada aos catadores. Essa remuneração foi instituída com caráter indenizatório, previsto no Programa de Compensação Financeira Temporária aos catadores de materiais recicláveis que exerciam suas atividades no Lixão (Lei nº 5.893, de 20 de junho de 2017). O valor mensal, definido em R\$ 360,75 (trezentos e sessenta reais e setenta e cinco centavos), a ser recebido no prazo máximo de 6 meses por cada catador(a) que não obtivesse outra renda principal de trabalho e participasse de cursos e atividades promovidos pelo Estado e previstos no plano de transição. A referida normativa menciona ainda algumas ações de proteção social relacionadas ao cadastramento das(os) catadoras(es) em benefícios de programas federais, como o Bolsa Família e o Pró-catador.

Segundo relato das catadoras sobre essa época, as condições de inserção social de suas famílias em cadastros de acesso para benefícios sociais, como o Bolsa Família, eram vistas como um direito garantido pela maioria delas antes do fechamento do Lixão. Para elas, as dificuldades e inseguranças enfrentadas nesse período estavam, especialmente, articuladas às restrições no desenvolvimento de seu trabalho e à consequente falta de renda para viver. No curso da pesquisa, identificou-se o valor da historicidade dos problemas e sofrimentos sociais vividos pelas catadoras

após o encerramento das atividades irregulares do Lixão e a posterior experiência com o espaço social da cooperativa.

A respeito do conteúdo histórico das ações e relações constituídas a partir do trabalho vivenciado pelas catadoras e suas famílias na cooperativa, ilustra-se a participação de uma catadora em evento realizado durante a pesquisa na Câmara Legislativa do DF em 2023. Nessa cerimônia, Lúcia destacou a baixa remuneração da categoria nos contratos firmados com o SLU: “Infelizmente, muitos gostariam de voltar ao Lixão, onde não tinham dignidade nenhuma nem proteção à saúde, mas pelo menos tinham renda. Hoje, muitos catadores estão recebendo em torno de R\$ 600 reais e precisam decidir se vão pagar aluguel ou comer. Não receber nem um salário mínimo é uma humilhação” (Lúcia, 2023).

As contradições históricas evidenciadas na cooperativa surgiram desde sua formação e no início de seu processo organizativo, que se desdobrou no Lixão, uma região considerada de risco e marcada por desigualdades (violências e injustiças) ameaçadoras da vida. Essa conjuntura estava associada às irregularidades de funcionamento, ocupações e precariedade de moradias (barracos e autoconstruções) do referido aterro. O entorno da área crescia com o movimento de ocupação, conhecido popularmente como a ‘invasão da Estrutural’ na época. O *status* da região mudou em 2004, com a criação do Setor Complementar da Indústria e Abastecimento - SCIA, transformado em Região Administrativa XXV do DF, com a Vila Estrutural tornando-se sua sede urbana (Lei nº 3.315, de 27 de janeiro de 2004). Cabe ressaltar que o planejamento da política de desenvolvimento da região, em 2024, ainda permanece deficitário em relação ao saneamento básico, à rede de esgoto, acesso a serviços de saúde e outros essenciais à população.

A precariedade do trabalho realizado nessa região mudou radicalmente para as catadoras a partir de 2018, com o fechamento do Lixão. Naquela época, a cooperativa passou por um processo de transição em conjunto com outras cooperativas vinculadas à rede Centcoop. Inicialmente, as cooperativas instalaram-se em um galpão provisório, até a finalização da construção dos galpões do Complexo Integrado de Reciclagem do Distrito Federal - CIR/DF (inaugurado em 2 de dezembro de 2020).

O referido Complexo advém de uma gestão compartilhada entre as cooperativas da rede Centcoop e o SLU, com direitos e deveres previstos em contratos firmados entre as duas instituições. No que se refere à estrutura física do CIR/DF, há um galpão de comercialização, local

onde também se instala a equipe gestora da Centcoop, e dois galpões destinados ao serviço de triagem de materiais recicláveis, contendo equipamentos, como balanças eletrônicas, empilhadeiras e esteiras. Desde essa época, a cooperativa CORACE localiza-se em um dos galpões de triagem do CIR/DF e mantém a ocupação e o uso do espaço compartilhado com outras três cooperativas.

Quanto aos cuidados de manutenção do galpão, os serviços gerais de limpeza eram realizados coletivamente, por meio de rodízio entre as equipes das cooperativas, assim como em toda a área externa ao galpão e na área que ocupam no Complexo. Em relação aos serviços de prestação de água e energia elétrica no galpão, apenas no final de 2023, houve a individualização de uso e o estabelecimento de acordo comum para que o pagamento estivesse sob responsabilidade das cooperativas. Quanto aos anos anteriores, há uma dívida enorme, tributada às cooperativas e à Centcoop, que segue como uma das pautas de negociação com setores do governo do DF.

No primeiro ano de instalação, a estrutura física foi alterada pela cooperativa com a construção de uma sala exclusiva para o funcionamento e a instalação da equipe gestora e administrativa, ao armazenamento de materiais da cooperativa (documentos, gaveteiro, mesas, cadeiras, computador e impressora), bem como de recursos de uso coletivo (filtro de água, geladeira e micro-ondas para esquentar as marmitas). A COORACE estabeleceu com o SLU, até o primeiro semestre de 2024, contrato de triagem executado por equipe de 35 cooperados (25 mulheres e 10 homens), com média salarial mensal em torno de R\$ 600/700 reais, por meio da divisão e rateio dos lucros entre os cooperados.

A renda mensal que cada mulher vinculada à cooperativa recebia apresentou variações ao longo dos meses. Segundo as participantes, no primeiro mês de trabalho no galpão, durante um período de nove dias trabalhados, cada uma recebeu cerca de R\$ 73 reais. Para elas, esse valor recebido e o rateio, como forma de divisão coletiva da catação, apesar de constituírem um novo modo de trabalho na cooperativa (de pretensa inserção social), foram considerados uma injustiça social, especialmente após anos de trabalho árduo no Lixão.

Essa percepção inicial das mulheres estabeleceu, ao longo dos anos de trabalho na cooperativa, uma representação a respeito do cooperativismo como forma de inserção socioprodutiva, em que eram compartilhados coletivamente tanto o faturamento quanto os prejuízos. No entanto, identificou-se na cooperativa, por exemplo, que as ações de reivindicação de direitos pelas cooperadas não promoviam apenas a união entre elas, ao contrário da época de

trabalho no Lixão. Ações que envolviam desde a definição sobre o uso do banheiro ou a fixação do corte salarial por motivo de dias não trabalhados suscitavam inúmeros conflitos. O galpão se tornou, também, um espaço de disputa que, em pouco tempo, não comportava, de modo satisfatório, os anseios das catadoras em relação às atividades da catação.

A dinâmica e o funcionamento cotidiano da cooperativa expressavam uma experiência coletiva por meio da identificação do que era compartilhado pelas catadoras e por demais que ali trabalhavam e conviviam. Para as mulheres participantes da pesquisa, observou-se um processo de identificação e reconhecimento social através das relações estabelecidas na cooperativa. A seguir, elencam-se os principais aspectos e conteúdos que constituíam essa experiência: a) atividades de triagem na esteira de separação, dividida entre as catadoras de acordo com o tipo de material; b) rateio da receita mensal proveniente da venda total do material triado, de acordo com os dias trabalhados; c) reuniões e eventos da cooperativa tanto no local de trabalho quanto em espaços externos; d) cânticos e orações de cunho religioso; e) sonhos, novidades e conquistas de caráter familiar e individual a serem celebradas; f) notícias e informações de redes sociais veiculadas por celular; g) mazelas sociais, como problemas de saúde, casos de violência, questões familiares e da maternidade, especialmente no que tange à renda (in)suficiente para a sobrevivência; h) despesas e dificuldades comuns relacionadas aos equipamentos adaptados ao serviço realizado, devido ao grande investimento da cooperativa na manutenção e no funcionamento de seus equipamentos de trabalho, em particular a esteira para triagem de materiais recicláveis.

A cooperativa nutria-se de relações sociais de caráter conflituoso, conciliador e enganado, envolvendo aspectos comuns, de natureza bem diversa. A vinculação das mulheres à cooperativa também se dava pela necessidade de pertencimento e acolhimento social em seu local de trabalho, algo ausente em outros espaços institucionais aos quais tiveram ou possuem acesso. Em diversos momentos durante a pesquisa, identificou-se a cooperativa como um espaço de sociabilidade e comunidade para essas mulheres, tanto durante o trabalho na esteira de triagem quanto nos intervalos. Durante o tempo de trabalho na esteira, observava-se: troca de conversas sobre situações e casos vividos por elas; murmúrios de canções que, às vezes, se transformavam em um coro; bate-papos e discussões sobre a apropriação de inúmeros materiais encontrados durante a triagem que consideravam de valor pessoal, como roupas, acessórios e outros objetos.

A respeito da continuidade da construção da contextualização da cooperativa, apresenta-se um panorama sobre as condições gerais dos cooperados e das participantes de pesquisa. O grupo vinculado à cooperativa encontrava-se em situação de pobreza, com uma renda média mensal inferior ao valor abaixo estabelecido de um salário-mínimo, conforme o critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE para a classificação de renda e classe no país). O quadro de cooperados constitui-se majoritariamente por mulheres, que representam 73% (setenta e três por cento) do total de pessoas vinculadas à cooperativa. Dentre essas mulheres, a maioria das participantes da pesquisa, nove entre dez, são migrantes de suas regiões de nascimento (advindas de regiões do Centro-Oeste e Nordeste do país) para o Distrito Federal, na expectativa de obter melhores condições de vida. Em relação ao processo de escolarização, o grupo de mulheres é caracterizado pelo analfabetismo e pela alfabetização em nível básico, conforme o Índice Nacional de Alfabetismo Funcional - INAF.

Antes de concluir essa contextualização, considera-se relevante retomar algumas das contribuições do movimento da Psicologia Social Crítica Latino-Americana para refletir sobre o social como categoria teórica. Dentre eles, ressaltam-se duas considerações: 1) a realidade social como orientadora para os estudos psicológicos, de modo a considerar o conceito de realidade social como construção cotidiana, em sua perspectiva dialética e de caráter simbólico, o que pode permitir uma construção subjetiva da realidade; 2) o caráter ativo das pessoas, a consideração de suas concepções e dinâmica de vida cotidiana nos estudos sobre majorias populares (Jacó-Vilela et al., 2003; Jiménez-Domínguez, 2008; Martín-Baró, 2017; Montero, 1994; 2003; 2006; Lane, 1994).

A contextualização do espaço social da cooperativa representa um esforço para debater criticamente o caráter simbólico, com o objetivo de evidenciar algumas das principais contradições históricas vividas socialmente pelo grupo de mulheres participantes da pesquisa. Ressalta-se a referida tentativa de análise por se apoiar na explicação de aspectos evidenciados e construídos ao longo da pesquisa. Essa opção teórico-metodológica antecede a compreensão da constituição da subjetividade social da cooperativa, sendo a análise da dimensão subjetiva dessa realidade a ênfase principal deste estudo.

Para avançar na compreensão da origem social do subjetivo, a seguir, apresenta-se o processo de construção interpretativa do processo de constituição da subjetividade social da cooperativa de catadoras.

4.2. Configuração subjetiva social do trabalho e sua constituição no cooperativismo de sócio-produção catadora

Neste tópico, apresentam-se as construções interpretativas realizadas ao longo da pesquisa a respeito da configuração subjetiva social do trabalho em cooperativa, colocando em destaque uma das configurações constituídas na subjetividade social do grupo. Conforme discutido no segundo capítulo dessa tese, a subjetividade social se organiza pela construção de configurações subjetivas e não por elementos (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a). Desse modo, a subjetividade social será analisada com ênfase e aprofundamento na compreensão de uma das configurações subjetivas sociais, considerada central na subjetividade social deste grupo, em consonância com o objetivo deste estudo – a configuração subjetiva social do trabalho da catação em cooperativa. Também será abordada a relação com o eixo 1, no que se refere ao modo como a emergência de Lúcia como sujeito se expressou como um importante processo relacionado à sua participação na constituição da subjetividade social do grupo, enquanto espaço social.

Tal construção interpretativa se desenvolve com informações produzidas em alguns períodos considerados marcos de mudanças vividos na cooperativa, durante a realização desta pesquisa com as mulheres: 1) chegada e instalação no galpão do CIR/DF, inaugurado em dezembro de 2020; 2) morte de uma catadora, em 30 de outubro de 2022; 3) posse do novo Presidente da República, com representação de uma catadora na entrega da faixa presidencial, em janeiro de 2023; 4) dinâmica de participação durante a elaboração do livro, de março de 2023 a fevereiro de 2024.

Outro aspecto relevante se refere à necessidade de incluir as expressões das subjetividades individuais no processo de construção da configuração subjetiva social. Alguns indicadores remetem às subjetividades individuais expressas no grupo, mais do que algo produzido pelas novas dinâmicas inter-relacionais deste. Esse elemento evidencia uma das formas de destacar produções singularizadas das mulheres na subjetividade social da cooperativa, em constituição.

As construções interpretativas sobre a configuração subjetiva social do trabalho permitiram a formulação de indicadores que orientaram a construção de duas hipóteses em relação à produção de sentidos subjetivos associados ao modo como o trabalho integra o processo de constituição da subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa: **a) rejeição às imposições limitadoras do processo de institucionalização, orientada à abertura de uma via própria de subjetivação**

na criação de um cooperativismo de sócio-produção catadora; b) desamparo e temor relacionados às injustiças sociais vividas por relações interseccionais de gênero, raça e classe, associadas à implicação e ao pertencimento na catação.

A) Rejeição às imposições limitadoras do processo de institucionalização, orientada à abertura de uma via própria de subjetivação na criação de um cooperativismo de sócio-produção catadora

A chegada das mulheres ao novo espaço de trabalho, no galpão do CIR/DF, em dezembro de 2020, ocorreu após período de transição em que a cooperativa se instalou em um galpão provisório, ocupado após o fechamento do lixão da Estrutural. Conforme discutido na contextualização, a estrutura foi modificada pela própria cooperativa, sob decisão e coordenação da presidente Lúcia, de modo a atender às necessidades imediatas de trabalho do grupo. Para as mulheres, quando a cooperativa se instalou naquele novo galpão, o espaço continha uma boa estrutura física, que contemplava sua proteção e o mínimo de conforto diário.

Participante 1³⁶: Ah, é bem grande aqui. A gente tem banheiro, lugar *pra* [sic] gente ficar, água e tudo.

Participante 2: Isso é, lá era terrível (se referindo ao trabalho no lixão) e a gente tomava sol na cara, chuva e o que *vinha* [sic] mesmo, era bicho, rato e até cobra a gente *via* [sic]. Fora bebê que achava e o tanto de gente que morreu do nosso lado (abaixa a cabeça, com olhos marejados).

Participante 3: Quando eu lembro, foi coisa... eu não aguentei ficar *ali* [sic] não, era muito difícil aquilo, eu logo foi *pra* [sic] baixo (se referindo ao local da atividade de separação de materiais que ficava perto da entrada do lixão).

Lúcia: Isso aqui é um sonho nosso, um lugar que a gente lutou muito *pra vim* [sic] e *consegui* [sic], a gente viveu foi coisa *pra* [sic] chega aqui. Hoje a gente tá aqui com outras lutas.

Participante 4: Eu *ia* [sic] pela necessidade mesmo, mas que era medo, era, viu? A gente entrava *ali* [sic] e não sabia o que podia acontecer com a gente e com os outros. Uma vez, vocês vão lembrar, a gente *tava* [sic] trabalhando e veio a carreta de uma vez e quando eu fui pular me quebrei toda, só Deus. (Trecho de dinâmica conversacional em grupo - agosto/2022).

Para as mulheres da cooperativa, a concepção em relação à qualidade da estrutura física do novo local de trabalho tinha como principal referência as condições de trabalho advindas do período de catação no lixão. Os inúmeros riscos e a situação de insalubridade a que estavam

³⁶ Numeração aleatória apenas para fins de referência de diversos trechos dos instrumentos. Ao longo do Eixo, a numeração utilizada não se refere às mesmas participantes.

expostas, à época, relacionavam-se a expressões de medo, insegurança e alívio por sua sobrevivência. Essa dinâmica conversacional, assim como outros momentos da pesquisa, possibilitou a construção do fluxo da produção de sentidos subjetivos relacionados à historicidade do período em que realizavam sua ação no lixão. Dessa forma, a produção subjetiva social em relação à ação na cooperativa desenvolve-se a partir da multiplicidade de experiências e conflitos vividos pelas mulheres, presentes tanto no cotidiano da ação em produções historicamente situadas, como no caso do lixão.

Assim, considera-se que toda experiência presente na cooperativa é vivida como produção subjetiva pelas configurações subjetivas que emergem no curso das histórias das mulheres e na trajetória histórica da cooperativa como instituição (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a). Em relação à representação do grupo de mulheres sobre a estrutura de seu espaço de trabalho, a configuração subjetiva social do trabalho se manifesta na produção de sentidos subjetivos relacionados ao sentimento de **segurança associado ao local de trabalho e ao contentamento vinculado à melhores condições infraestruturais do espaço em que se localizava a cooperativa.**

Para o grupo de mulheres, o galpão do CIR/DF representava uma conquista de quase 8 anos de luta travada entre o movimento local de catadores e as instâncias do setor público. Segundo Lúcia, essa foi uma luta dela e de muitas daquelas mulheres que estavam ali: “Nós lutamos mesmo, brigamos muito, fechamos estradas e isso aqui não foi bem o que a gente sonhou, mas é luta nossa” (Lúcia, 2023). A convivência com as demais cooperadas permitiu identificar pouco a pouco a conformação do grupo e o papel de Lúcia nessa constituição, tanto em termos de aproximações quanto de distanciamentos, orientando uma dinâmica própria do grupo desde a chegada no novo local de trabalho.

No âmbito do governo distrital, essa construção estava prevista com recursos de destinação exclusiva e, após a morosidade dos trâmites burocráticos e editais de licitação, o Complexo CIR/DF foi implementado de maneira diferente da planejada no projeto inicial. Portanto, a ocupação do local vincula-se também à produção de sentidos subjetivos relacionados ao sentimento de **pertencimento ao galpão e ao de orgulho de fazer parte do movimento social de catadoras, atuante no processo de negociação e construção do próprio local de trabalho.**

Em relação a infraestrutura do local e ao bem-estar das mulheres nesse espaço, destacam-se suas expressões no complemento de frases:

15. *Este lugar é legal e muito bom. 21. O trabalho é um ganha pão e uma distração também* (participante 1).

15. *Este lugar é bom pra mim. 21. O trabalho bom e é meu trabalho* (participante 2).

15. *Este lugar não é o que eu queria. 21. O trabalho me esforço muito* (participante 3).

15. *Este lugar é maravilhoso. 21. O trabalho gosto do meu trabalho e já me acostumei com ele* (participante 4).

15. *Este lugar acho bom aqui. 21. O trabalho é pro sustento* (participante 5).

15. *Este lugar difícil. 21. O trabalho tudo pra mim* (Lúcia).

Por meio desses registros e após a conversa com as mulheres sobre suas expressões no complemento de frases, registram-se contradições relacionadas ao modo como a experiência vivida em seu local de trabalho se configura subjetivamente para cada mulher e, simultaneamente, se configura como experiência social na cooperativa. Essas expressões contraditórias possibilitam evidenciar o caráter dinâmico e não estático da subjetividade social da cooperativa, no curso da pesquisa. A participante 3, por exemplo, mulher jovem, estava em busca de outra fonte de renda ou profissão e não almejava ser catadora como uma atuação duradoura em sua vida. Mas no cotidiano, demonstrava se engajar coletivamente e desempenhar seu trabalho da melhor forma.

Por meio da relação estabelecida com a participante na pesquisa, pôde-se compreender os motivos de seu vínculo social com a catação na vida adulta, como espaço de acolhimento, após uma história de abusos e violências na infância e adolescência. Logo, ao mencionar que o lugar não se tratava do que ela queria, a investigação possibilitou compreender os motivos pelos quais permanecia no trabalho, se engajava nas demandas a ele relacionadas, e como a subjetividade, no âmbito individual, se relacionava com a subjetividade social da cooperativa. Assim sendo, a ação desenvolvida no espaço físico da cooperativa também produzia sentidos subjetivos associados ao sentimento de **frustração e decepção relacionadas às experiências de outras áreas da vida das catadoras**. Essa produção subjetiva social vincula-se a processos de subjetivação individuais, oriundos de outras experiências de vida, presentes na subjetividade social da cooperativa, via configuração subjetiva social do trabalho.

Cada uma das mulheres tinha sua própria história e essa se encontrava com a da catação em algum momento de suas vidas, segundo marcos diferentes, mas, ao mesmo tempo, muito semelhantes. Seus problemas se assemelhavam por seus relatos sobre casos de abuso na infância, trabalho árduo no lixão, acesso ao álcool e a outras drogas, maternidade na adolescência e violências em relacionamentos abusivos com homens. As semelhanças e diferenças entre elas expressavam ambivalência no modo de se relacionarem naquela comunidade. Em alguns

momentos, no coletivo, relacionavam-se como uma rede de apoio e proteção e, por outros, se distanciavam umas das outras, de maneira mais conflituosa.

Nas relações estabelecidas no cotidiano de trabalho das mulheres, apareciam como elemento comum assuntos da vida diária, problemas e, também, mazelas sociais (aspectos a serem explorados com maior profundidade no próximo tópico do texto) que as implicavam. Aos poucos, à medida que vivenciavam novidades em sua ação, a esse comum coletivo associavam-se regras e normativas do funcionamento da cooperativa. Para além do estabelecido, surgiam do próprio grupo dinâmicas de organização no funcionamento da esteira, formas de lidar com os problemas cotidianos que dificultavam o trabalho e com os acertos referentes ao rateio do valor arrecadado em cada mês.

A esse respeito, destaca-se um trecho de momento informal, durante o período destinado ao almoço na cooperativa:

Pesquisadora: Como foi o pagamento esse mês?

Participante 1: Não sei como que vai *se* [sic] esse mês não, minha filha *tá* [sic] doente e eu já faltei. Caiu pouco pra mim (abaixa a cabeça e continua comendo).

Participante 2: Eu não entendi nada do meu (se referindo ao salário), acho que vou voltar lá *pra* [sic] perguntar (se referindo a presidente). E esperar receber da outra (se referindo ao pagamento da associação que trabalha após sair da cooperativa).

Participante 3: Vocês são tudo besta, ahhh (põe a mão na cabeça).

Participante 4: Ah, o quê? Melhor você *cala* [sic] a boca. *Tá* [sic] ofendendo.

(As mulheres das duas mesas ao lado deixam suas marmitas, levantam-se e ficam de pé próximas a uma das mesas).

Participante 3: Eu *tô* [sic] falando que isso aqui é nosso, não tem dono não. A gente não é fiscal e não *tá* [sic] trabalhando, *porra* [sic]?

(Ao mesmo tempo, ouve-se algumas sussurrando e outras falam mais alto).

Participante 4: A gente sabe disso, não vem querer falar *merda* [sic] não.

Participante 1: A gente trabalha e recebe, ou você acha que tem alguém pegando dinheiro? Teve a esteira também (se referindo aos dias do mês em que a esteira quebrou e ficaram sem trabalhar).

Participante 4: Ela acha que tem preocupado aqui, governo e mais gente pagando isso, é a gente e só.

Participante 3: Eu *tô* [sic] sabendo e a gente tem que conversar com ela, vamos chamar ela e falar (se referindo à presidente da cooperativa).

Participante 2: *Aí* [sic] você *falo* [sic] uma verdade. Ela já *deixo* [sic] de falar com *nois* [sic] por acaso?

(As mulheres voltam para seus lugares e continuam a conversa durante o almoço). (Trecho de momento informal - outubro/2022).

Os conflitos vividos eram tratados pelas mulheres em momentos formais e informais na cooperativa. As insatisfações, que pareciam pontuais, por diversas vezes geravam incômodos coletivos e acabavam sendo assumidos e compartilhados por mais de uma mulher do grupo. Em sua ação cotidiana na cooperativa, a relação entre as catadoras constituía um espaço de produções subjetivas mobilizador da participação e produção de conhecimentos sobre o funcionamento da cooperativa orientados às necessidades geradas pelas **incertezas relacionadas ao novo modo de trabalho e à organização da instituição**. Havia uma dinâmica própria que se estabelecia naquele espaço entre o saber e não saber das mulheres a respeito daquela instituição. Por meio das dinâmicas conversacionais individuais, compreendeu-se que algumas situações coletivas permitiam novos posicionamentos perante o grupo, tanto de silenciamento como de enfrentamentos. Nessa dinâmica, o grupo identificava algumas mulheres com características de liderança, capazes de mediar conflitos e que tivessem conhecimento sobre o trabalho para assumir o papel de membro do conselho fiscal da cooperativa. As mulheres que atuavam como fiscais eram eleitas pelo grupo com mandato de dois anos e não recebiam valor monetário extra para desempenhar tal função.

Cabe destacar que Lúcia não era a única mulher que gerenciava e tomava decisões cotidianas na cooperativa, apesar de ser formalmente a presidente. Por inúmeras vezes, presenciamos momentos em que ela não estava presente na cooperativa e o grupo seguiu o trabalho mediante definições e acordos coletivos. Em alguns desses momentos, algumas mulheres que expressavam maior liderança se colocavam à frente, apresentando seus posicionamentos e propostas de ação. A dinâmica do grupo de mulheres conformava-se por momentos de autonomia e dependência em relação à Lúcia, que ocupava lugar diferenciado no coletivo, conforme explicitado no Eixo 1. O grupo que emerge com **autodeterminação em situações de discussões e conflitos de interesses próprios e do grupo, relacionados ao desenvolvimento de uma interdependência nos modos de organização e realização de sua ação**. O principal fator que está implicado é o fato de as mulheres estarem se constituindo como um grupo, o que pode efetivamente se configurar em uma produção social que ainda estava em construção naquele momento.

Como no trecho de um momento informal registrado acima, a dinâmica de funcionamento da cooperativa envolvia muitas discussões entre as cooperadas. Nesse exemplo, seguiu-se uma conversa do grupo de mulheres com Lúcia sobre as especificidades do rateio mensal. As

participações e reivindicações eram feitas tanto pelas cooperadas quanto pelas fiscais, que não eram vistas como figuras autoritárias pelo coletivo. Para elas, as fiscais eram respeitadas por assumirem importante papel em toda a organização e dinâmica de trabalho cotidiano, sendo pessoas responsáveis pelo cuidado do grupo e pelo bom funcionamento da instituição.

Considera-se que, para as mulheres, em sua ação, a relação com essas fiscais estava vinculada a produções subjetivas associadas à admiração e confiança na relação com colegas catadoras, o que favorecia, em alguma medida, a **abertura a novos conhecimentos sobre a instituição e a novas formas de atuar e se posicionar na cooperativa**. O conselho de fiscais assumia um papel soberano, por meio de votação aberta, nas decisões e mudanças a serem realizadas na cooperativa. Para as mulheres a rotatividade do cargo também era vista como positiva, em virtude da possibilidade de reconhecimento e representação do coletivo.

Na subjetividade social que vinha sendo construída pelo grupo no que diz respeito às dinâmicas de trabalho em cooperativa, essas interações também eram permeadas pelas relações das mulheres com catadoras de outras cooperativas, o que gerava conversas e discussões sobre a catação naquele local. O funcionamento cotidiano do grupo de mulheres e seu conselho gestor articulava-se, ainda, às relações estabelecidas entre a presidência da cooperativa e o conselho gestor da rede de cooperativas do DF (Centcoop). O contrato de execução de serviços de triagem de material reciclável a ser prestado com o SLU envolvia questões como: despesas relativas ao galpão do CIR/DF; a renovação de contratos; a venda de materiais triados; além de pautas gerais do movimento de catadores, em que a cooperativa, via presidente, necessitasse desenvolver ações em conjunto com outras cooperativas e a rede Centcoop.

No decorrer da pesquisa, acompanhou-se, por intermédio de reuniões, eventos e do vínculo com as catadoras - especialmente com a presidente da cooperativa (conforme discutido na seção anterior), como essas relações se constituíam e de que modo as relações e tratativas de outro espaço influenciavam as produções subjetivas das mulheres, relacionadas à configuração subjetiva social do trabalho. A esse respeito, apresentam-se três trechos de uma situação que merece destaque para essa compreensão:

Participante 1: Você viu na semana passada, a gente *nem* [sic] acreditou.

Pesquisadora: Ah, a Aline? Como foi *pra* [sic] você? Estava lá ou em casa?

Participante 1: Eu vi pela televisão, vi ela subindo a rampa, mas quando ela colocou a faixa no Lula eu comecei a chorar... (pausa) uma catadora *ali* [sic], foi muito forte *pra* [sic] mim e *pra*[sic] todo mundo aqui.

Era um monte de mensagem no grupo *pra* [sic] todo lado (dinâmica conversacional com catadora da cooperativa - janeiro/2023).

Participante 2: Você viu, *né* [sic], nosso presidente *tá* [sic] de volta.

Participante 3: Eu fiquei foi feliz demais... (pausa) mais vai *se* coisa *pra faze tá* [sic] tão difícil, foi tanta coisa que no lixão e pandemia e essa coisa toda aqui agora, tomara.

Participante 2: Pior é que *tá* [sic] cheio de catador ignorante que não entende e ainda não votou porque acha que o outro lá se preocupa com pobre.

Participante 4: *Dá* [sic] vontade de quebrar a cabeça no meio *pra vê* [sic] se acorda uma criatura dessa *á* [sic]. A gente passando tudo aqui desse jeito.

Participante 5: Mas eu quero ver é agir e mudar mesmo *pra* [sic] gente, não é só discursinho não. (conversa informal entre catadoras da cooperativa com catadoras de outra cooperativa - março/2023)

Participante 4: A gente até tem esperança, mas não melhora não. A gente *tá* [sic] ali na luta, pressionando e tudo, mais não sai nada. E o pró catador nada também, oh governo, *viu* [sic]? Olha tem hora que nem sei por que eu não largo isso tudo aqui, é problema demais, só problema.

Participante 5: Nossa vida que *tá* [sic] aqui, você sabe, de anos. Ontem, lá na reunião, a gente falou disso, que o DF nada ainda. Falei com o ... (menciona um nome próprio que não há necessidade de ser identificado) na Defensoria e vamos juntar com pessoal na Câmara que *tá* [sic] junto com a gente também (conversa informal entre catadoras gestoras - abril/2023).

Os trechos registrados anteriormente exemplificam diferentes momentos de conversas permeadas por contradições e encontros entre mulheres da cooperativa e catadoras de outros espaços institucionais, mas que se articulam à cooperativa por questões de natureza comum à ação. Para o grupo de mulheres da cooperativa, o reconhecimento social e a visibilidade a uma catadora, gerados na cerimônia de posse do Presidente da República, orientaram discussões a respeito das lacunas e fortaleceram o engajamento na catação. O interessante para a compreensão da subjetividade social é que tanto o fato em si quanto os posicionamentos de cada mulher não têm valor separadamente. Esses assumem valor no contexto da configuração subjetiva do trabalho, que caracteriza diferentes processos e sistemas de relações na subjetividade social da cooperativa.

Desse modo, compreende-se que o acontecimento social relacionado à participação de uma catadora na cerimônia de posse do Presidente da República, naquele momento, constituiu-se como fonte de sentidos subjetivos, associados ao sentimento de **orgulho e reconhecimento social da pessoa catadora**. Essa produção subjetiva social vinculava-se ao **respeito e à valorização da**

historicidade do movimento e da luta das catadoras, orientando, de alguma forma, a produção de novas ideias críticas e práticas sobre si mesmas e sobre a rede de relações ao seu redor. Essa experiência comum, vivida pelas catadoras de formas diferentes, representou, no coletivo da cooperativa, uma das situações promotoras de abertura a novos confrontos e discussões que se expressaram durante os anos seguintes.

Essa produção subjetiva social, em alguma medida, esteve relacionada à produção de novos recursos de enfrentamento mobilizados pelo grupo. Ressalta-se a identificação, por parte do grupo, de déficits e prejuízos à ação na cooperativa decorrentes da relação contratual com o SLU. Esse vínculo se caracterizava como uma situação institucionalizada que dificultava e, por vezes, buscava restringir a atuação das catadoras. O engajamento em pautas comuns de insatisfação mobilizou uma greve (ato proibido no documento contratual) em julho de 2023, com o bloqueio de todo o Complexo do CIR/DF.

Ao passo que identificamos e compreendemos o movimento interno das mulheres na cooperativa, destaca-se que a maioria das relações interinstitucionais se estabelecia por meio de Lúcia, por conta de sua posição e conhecimento. Ela também se identificava e se sentia reconhecida socialmente pela catação. Lúcia representava a cooperativa e, em algumas instâncias, as demais cooperativas do DF como catadora. Em todos os processos vividos pelas mulheres, Lúcia era portadora da constituição social mais ampla sobre o lugar social do trabalho da catação. Suas participações e representações eram consideradas lutas políticas, com o objetivo de evidenciar, nesses momentos, as necessidades de catadoras e catadores. Em 2024, especialmente, com o intuito de garantir melhor remuneração pelo trabalho desenvolvido, a cooperativa espera se fortalecer por meio do acesso a novos espaços públicos, o que se concretizou na representatividade em comitês, grupos de trabalho e audiências públicas, em nível distrital e federal.

B) Desamparo e temor relacionados às injustiças sociais vividas por relações interseccionais de gênero, raça e classe, associadas à implicação e ao pertencimento na catação

As histórias das mulheres na catação derivam também de necessidades, quase imediatas, relacionadas à manutenção de condições essenciais para suas vidas e à garantia de sobrevivência de suas famílias. Por intermédio das discussões anteriores e do processo construtivo-interpretativo até aqui, analisa-se que o trabalho como catadora aproxima o grupo no que se refere à ação comum,

mas também a outras experiências configuradas subjetivamente por esse coletivo. A esse respeito, destacam-se alguns trechos de uma dinâmica conversacional realizada em grupo:

Participante 1: Eu fui doméstica. Vim do Ceará com 13 anos e comecei a trabalhar nas *casa* [sic] e fui mudando de casa até que quando eu engravidei e até arrumaram uma desculpa e foi e eles me dispensaram.

Participante 2: Eu também trabalhei *pros* [sic] outros quando *vim* [sic] *pra* [sic] cá. *Vim* [sic] com minha irmã por causa de um problema que aconteceu comigo lá (se refere a um caso de violência na infância que detalhou em dinâmica conversacional individual), *ai* [sic] ela me tirou.

Participante 3: Aqui, a maioria trabalhou de doméstica, não é? Nunca mais eu quero (se referindo ao trabalho de doméstica). Só se for muita precisão mesmo.

Pesquisadora: Você prefere trabalhar aqui como catadora? Por quê? Vocês também?

Participante 3: Sim, aqui pelo menos a gente não é humilhado... (pausa) o tanto que a gente sofre na casa desse povo, só uns *pouco* [sic] que ajuda a gente.

Participante 4: Eu *vim* [sic] *pra* [sic] cá por isso, comecei a trabalhar na rua e depois fui *pro* [sic] lixão. Você não sabe as *coisa* [sic] que a gente passa que *trata* [sic] a gente, no jeito que eles olham. Não é todo mundo que é igual você, que fala com a gente e abraça, o povo finge que nem vê a gente mesmo (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Esse trecho de informações, relacionado aos demais, possibilita compreender que, para as mulheres na cooperativa, sua ação como catadora estava vinculada à produção de sentidos subjetivos relacionados ao sentimento de **acolhimento e proteção social associados à permanência na cooperativa**. Essa produção subjetiva social relacionava-se ao processo de subjetivação configurado pelo sistema de relações sociais daquele espaço, associado a relações de **afeto e reconhecimento das dificuldades e lutas vinculadas às histórias de vida das catadoras**, diferentemente do vivido por essas mulheres em outros contextos sociais.

É interessante mencionar o conhecimento de Lúcia sobre a situação e a história de vida das mulheres que ali trabalhavam. Em muitos momentos, agia como conselheira ou c uma espécie de escutadeira (ouvinte) das inúmeras experiências vividas por elas. Lúcia também se identificava com muitas das histórias e dificuldades enfrentadas por suas companheiras. Essas situações geravam admiração e vínculo, assim como conflitos que se expressavam na ação de uma mulher e, por vezes, do grupo. Ao longo do tempo, foi possível identificar que aquele era um lugar especial para aquelas mulheres, por ser único em sua dinâmica e pelo tipo de ação que desenvolviam juntas.

O reconhecimento social que as mulheres sentiam por sua atuação na cooperativa, relacionado às experiências vividas em suas diferentes histórias de vida, associava-se, também, à constituição diversificada do grupo da cooperativa.

Muita gente entra aqui na cooperativa porque não tem oportunidade lá fora, *né* [sic]? *Aí* [sic] as cooperativas sempre estão pegando, *né* [sic]? As pessoas vêm procurar emprego, e a gente sempre *tá* [sic] precisando, então as cooperativas *vai* [sic] pegando. A pessoa que *tá* [sic] sem emprego e só *vim* [sic] aqui, mesmo que *tava* [sic] preso ou alguma outra coisa, mas não é bagunçado não, é *pra* [sic] trabalhar mesmo (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Nesse trecho, uma participante fala a respeito do ingresso das pessoas na cooperativa. Em continuidade a esse tema, a conversa abordou os critérios de seleção para a atuação na cooperativa e o processo de qualificação profissional. O espaço da cooperativa estava aberto a receber pessoas consideradas em situação de vulnerabilidade e dispostas a trabalhar na catação. Cabe destacar que essas novas integrantes da cooperativa, na maioria das vezes, nunca haviam trabalhado na catação, tampouco conheciam a história das catadoras e nem a da instituição. A dinâmica na esteira de triagem para as novatas, após a contratação, era aprendida no cotidiano da ação sob a orientação das catadoras, de modo geral, e, em especial, das fiscais. Essas eram pessoas responsáveis por orientar, ensinar e organizar a dinâmica do trabalho diário, antes e após sua execução

Nessa dinâmica, os vínculos estabelecidos, principalmente entre as mulheres que estavam há mais tempo na cooperativa, eram de grande valor para o grupo. As mulheres, no curso de sua ação, subjetivavam acerca da **importância da relação e união entre elas como um espaço de expressão próprio, o que favorecia a criação de vínculos e o envolvimento nas tarefas e demandas da cooperativa**. A ação na cooperativa caracteriza-se pelo cumprimento de tarefas individuais, como a separação de tipos específicos de materiais na esteira, mas que dependem do resultado das ações do grupo. Para as mulheres, cada ação individual representava uma parte do trabalho da cooperativa, uma vez que toda a produção gerada estava diretamente relacionada ao montante do recurso adquirido e ao rateio realizado mensalmente.

As contradições presentes manifestavam-se nas relações estabelecidas entre as mulheres da cooperativa, que, por vezes, orientavam mudanças, mesmo que superficiais, na dinâmica de suas relações e atividades cotidianas. Essas mudanças configuravam-se, em menor ou maior amplitude, devido à natureza dos conflitos, que surgiam de divergências de opiniões, posicionamentos e brigas resultantes de ofensas pessoais. Em momentos durante a pesquisa, ouviram-se reivindicações por maior união e pela organização de momentos coletivos mais prazerosos entre elas durante os intervalos e momentos informais da rotina. Quando essas reclamações eram feitas no coletivo, as mulheres percebiam que tais exigências eram, ao mesmo tempo, uma responsabilidade própria e uma demanda de iniciativa individual.

As desavenças e situações conflituosas, em certa medida, pareciam perder a relevância quando tratavam de demandas consideradas de valor social comum, relacionadas à catação. Para elas, sua ação na cooperativa estava vinculada à produção de sentidos subjetivos ligados ao **envolvimento nas tarefas e demandas cotidianas, orientada para o engajamento no bom funcionamento da dinâmica de trabalho na cooperativa e no bem-estar do grupo**. Segundo elas, as aproximações e distanciamentos entre as cooperadas faziam parte do cotidiano de trabalho:

Participante 1: Não é só cada um por si não, tem que fazer junto, senão não adianta nada aqui (se referindo ao trabalho cotidiano de organização, manutenção, triagem na esteira, bags...).

Participante 2: A gente precisava *se* [sic] mais unida, tem vezes aqui que é muita briga que nem precisa, diz que onde tem *amo* [sic] é assim com briga, então... (ri) mas pode saber, na luta fica tudo juntinha (dinâmica conversacional em grupo - outubro/2022).

A manifestação delas sobre as diferentes formas de relações estabelecidas situava-se conforme os tempos e momentos vividos pelo grupo. No que se refere a um momento de aproximação e união na cooperativa, ressalta-se seu envolvimento no caso da morte de uma catadora.

Participante 1: Não dava *pra* [sic] deixar as coisas daquele jeito, ser enterrada como indigente, é muito triste. A mãe e a família não tinha dinheiro nem *pra* [sic] passagem. A cooperativa arcou com tudo, ainda bem que a gente tem esse fundo que deu pra pagar e dar dignidade pelo menos na hora da morte (dinâmica conversacional individual - janeiro/2023).

Participante 2: A gente *tá* [sic] triste, é tão ruim ver a pessoa morrer assim, agora que ela tava conseguindo suas coisas e ajeitar a vida (conversa informal - novembro/2022).

Participante 3: Lembro de quando ela entrou aqui e veio porque já *tava* [sic] um tempão sem *consegui* [sic] emprego (conversa informal - novembro/2022).

Participante 4: Ela pegou covid e ficou um tempo sem trabalhar e depois ficou mais um tempo doente, era o coração já com problema (conversa informal - novembro/2022).

Em alguns trechos registrados acima, faz-se referência a uma mulher catadora, participante da pesquisa, que faleceu em outubro de 2022, e que em conversas durante a pesquisa, relatou iniciar o trabalho na cooperativa após indicação de uma vizinha. Segundo contou, o fato de ser uma mulher trans restringia suas oportunidades e, na cooperativa, ela afirmava ter conseguido um espaço onde pudesse trabalhar. No complemento de frases, ela expressou:

Ser catadora minha profissão.

O trabalho gosto do meu trabalho daqui e sinto que vou ficar até arrumar um de carteira assinada.

Eu trabalho numa cooperativa perto de casa.

Meu grupo de trabalho (complemento de frases - fevereiro/2022).

Em conversa posterior ao complemento de frases, compreendeu-se que, assim como outras mulheres, sentia-se acolhida em seu local de trabalho. Segundo ela, naquele espaço não havia queixas ou denúncias de situações de discriminação, ou práticas preconceituosas por parte de pessoas que trabalhavam em sua cooperativa e nas demais com quem tinha contato. Na cooperativa, utilizava o banheiro feminino (que considerava uma conquista) e, após um tempo, foi remanejada de função devido a problemas de saúde. No galpão, atuava nos serviços de limpeza e manutenção dos espaços, função similar à que desempenhava anteriormente em um contrato temporário para serviços gerais em uma instituição escolar.

O problema de saúde da catadora foi descoberto após a recente pandemia, quando testou positivo para COVID-19. Desde então, precisou se afastar do trabalho por algumas vezes por causa de tonturas, fadiga e inchaços nos membros inferiores. Seu quadro de saúde melhorou após a introdução da medicação de uso contínuo para doença cardíaca, meses antes de seu falecimento. Contudo, em uma manhã de outubro de 2022, ela foi encontrada desacordada em sua casa.

No dia seguinte, não havia informações sobre os encaminhamentos e procedimentos de liberação do corpo. Segundo as mulheres catadoras, a família teria que aguardar alguns dias pelo processo de tramitação para acessar o benefício de enterro social ou auxílio. De acordo com o relato de Lúcia, foi a primeira situação de morte vivida pelo grupo na cooperativa. Diante da situação, a cooperativa cobriu todos os custos para os ritos de velório e sepultamento, além do transporte para os amigos e familiares até o cemitério da cidade. O laudo cadavérico especificou inúmeros fatores, inclusive sequelas da COVID-19, como causas da morte.

O caso dessa mulher catadora permite discutir inúmeras questões comuns a outras mulheres, como sua condição de saúde associada ao modo de vida de cada catadora. Além disso, possibilita compreender a atuação da cooperativa como instituição em situações de necessidade e de direito a uma assistência específica. No curso da pesquisa, foi possível acompanhar, além desse caso, o processo de aposentadoria de uma cooperada. Os cuidados e a atenção empreendidos pela cooperativa em situações como essas contribuem para a compreensão de que, na subjetividade social da cooperativa, a configuração subjetiva do trabalho é marcada por uma fonte da produção de sentidos subjetivos relacionada à sensação de **amparo e justiça social, em contraste com o descaso associado à subjetividade social hegemônica de outros contextos sociais experienciados pelas catadoras.**

Na cooperativa, as mulheres reconheciam os benefícios, assim como alguns dos limites e lacunas de seu contrato de trabalho. O vínculo empregatício não lhes garantia de direitos como décimo terceiro salário, férias remuneradas, auxílio saúde, alimentação e transporte. Essas eram algumas das reivindicações levantadas no âmbito coletivo e assumiam papel importante nas pautas do movimento de catadores, que era um dos espaços sociais de relevante articulação da dinâmica da cooperativa. Havia uma dinâmica própria constituída pela subjetividade social da cooperativa que permitia compreender o lugar de cada mulher e de todas juntas na ação empreendida.

Para elas, o trabalho na cooperativa estava relacionado ao seu modo de vida como catadora e associava-se ao **orgulho e à gratidão pela importância que seu lugar na catação e na cooperativa representava em suas vidas**. Nos momentos de reflexão sobre seu modo de vida, a rotina de trabalho se constituía quase como uma oração, no sentido de crença, fé e sentimento de gratidão pelo ofício que lhes permitia garantir o mínimo necessário ou quase suficiente para (sobre)viver e satisfazer suas necessidades básicas e as de sua família. Essa compreensão vinculava-se historicamente à produção subjetiva social de envolvimento dessas mulheres em sua ação como possibilidade de segurança e reconhecimento social. Essa produção subjetiva social, naquele momento, tornava-se uma fonte de produção de novos sentidos subjetivos que favoreciam e orientavam novas perspectivas para o futuro da cooperativa e das catadoras.

Um aspecto relevante que se constitui na base da ação desenvolvida pelas mulheres na cooperativa refere-se à diversidade do grupo em relação às mazelas sociais vividas. Essas são compreendidas em suas relações interseccionais, nas quais questões de gênero, raça e classe não puderam ser analisadas separadamente. Assim como mencionado por uma mulher catadora em trecho registrado anteriormente, a cooperativa procurava promover a inclusão de um novo espaço social de atuação. Essa abertura acabava por orientar um trabalho realizado cotidianamente quase como uma tentativa de enfrentar as opressões e violências vividas por cada uma das mulheres em suas vidas repletas de dificuldades.

Os processos de subjetivação relacionados a essas relações interseccionais se expressavam, por exemplo, nas nuances e limites do próprio corpo, na moradia e no trabalho como catadoras, indo muito além do discurso declarativo. A seguir, destacam-se alguns trechos que subsidiaram esse processo de construção interpretativa.

Participante 1: Eu não consigo comprar as coisas em loja assim em shopping e mercado grande, é muito difícil quando eu falo que trabalho como catadora, eles negam logo o cartão. Já passei muito isso, hoje acabo comprando quando tenho lá perto de casa (Dinâmica conversacional individual/construção do livro).

Participante 2: Desculpe (começa a chorar compulsivamente). É uma dor que dói tanto que eu não consigo falar o que é. Depois, teve um dia na farmácia que eu saí com minha filha e a mulher perguntou *seu* [sic] trabalhava, eu respondi e ela começou a *fala* [sic] alto e gritar e me olhar com raiva, aí eu senti tanta vergonha, era como se sei lá, a pessoa acha que a gente trabalha com lixo e é lixo também. Eu quando tô com as meninas (se referindo as colegas de trabalho) acontece e a gente encara, mas tem hora que não (Dinâmica conversacional individual/construção do livro).

Participante 3: Eu tinha voltado *pra* [sic] estudar e a gente *ia* [sic] junto todo dia, *aí* [sic] o pessoal foi desistindo e ficou só eu. A volta, eu vinha a pé porque eu não tinha dinheiro *pra* [sic] pagar ônibus direto. *Aí* [sic] um dia, sabe, eu vi que tinha um homem me seguindo e ele foi chegando perto. Eu corri e ele veio atrás de mim, eu chorando e correndo (Dinâmica conversacional individual/construção do livro).

Participante 4: Ele bebia e tudo, era muito e saía e em casa e ele abusava, acho que aproveitava e... (pausa) *aí* [sic] vinha *pra* [sic] me bater. Um dia, eu tomei coragem e fugi *pro* [sic] meu primo e esconder lá, ele me achou e falou que *ia* [sic] me matar e depois pegou meus filhos (Dinâmica conversacional individual/construção do livro).

Participante 5: Ele nasceu com problema (se referindo ao filho com diagnóstico de paralisia cerebral) e *tô* [sic] tentando ver se agora eu consigo aposentar ele. Ele nasceu quase na rua, naquela rua ali, *tá* [sic] vendo. Eu *tava* [sic] com muita dor e a ambulância chegou e acho quando ele começou a *vim* [sic] eu *tava* [sic] lá dentro. *Aí* [sic] eles mandaram parar e abriram as portas e eu *tive ele* [sic] no meio da rua mesmo (Dinâmica conversacional individual/construção do livro).

Participante 6: Minha filha falou que na escola dela deu problema isso *aí* [sic] (se referindo ao racismo), até mora lá perto a menina, xingaram ela mesmo. Quando eu era pequena, tinha isso que o povo falava safada de cabelo ruim. Eu fui morar com uma tia e ajudava na casa *aí* [sic] uma vez eu perdi foi todo cabelo com um produto lá que era de alisar *pro* [sic] cabelo (Dinâmica conversacional individual/construção do livro).

Participante 7: Ele começou a confusão e querer *vim* [sic] *pra* [sic] cima da gente, *aí* [sic] chegou todo mundo na hora. A Lúcia (se referindo a presidente da cooperativa) pegou e não deixou por menos, foi na delegacia e deu queixa dele. *Aí* [sic] que confusão foi esse dia, ele *tava* era achando que aqui *ia* [sic] *mexer* [sic] com mulher e aqui *ia* [sic] ficar tudo calada (Dinâmica conversacional individual/construção do livro).

Participante 8: Ela foi assassinada, eu perdi ela muito nova e ficaram meus filhos comigo. Só Deus mesmo... (pausa). Minha filha levou um tiro aqui na Estrutural mesmo, me dói até hoje lembrar (Dinâmica conversacional individual/construção do livro).

Nos diversos registros acima, identificou-se a constituição de uma relação de intimidade com as participantes durante o processo de construção do livro. À medida que as dinâmicas conversacionais se prolongavam, surgiam vínculos mais profundos e, por vezes, diálogos se expandiam ao longo da pesquisa. Após dois anos de estudo, o livro tornou-se um dos momentos mais significativos para a produção de informações atinentes ao objetivo da pesquisa, devido à implicação emocional das participantes. Os destaques mencionados não têm a pretensão de

somente explicitar as inúmeras situações de vulnerabilidades, negligências, violências e opressões vividas, mas sobretudo de evidenciar e produzir informações sobre o caráter gerador do grupo de mulheres que, no coletivo de sua ação como catadoras, criavam espaços próprios de posicionamento e atuação. Desse modo, analisa-se que outras relações de poder, não hegemônicas, puderam emergir a partir dos processos de subjetivação, que incluem, mas não se limitam a concepções feministas, da luta de classes, antirracistas, dentre outros sistemas de poder considerados (Collins & Bilge, 2016/2021).

Em sua ação como catadoras, as mulheres subjetivavam essas relações interseccionais vinculadas ao sentimento de **dor e desalento decorrentes das experiências socialmente vividas, que se relacionavam com a produção de sentidos subjetivos associados ao medo da solidão e ao desamparo na criação de novas relações sociais.** É importante destacar que as relações interseccionais vividas por essas mulheres na cooperativa se configuram através de expressões de representações sociais e práticas hegemônicas de processos da subjetividade social de outros espaços sociais, nem sempre reconhecidos na subjetividade social da cooperativa. Essa perspectiva possibilita uma compreensão plurideterminada e complexa da configuração da subjetividade social da cooperativa.

Desse modo, a subjetividade social da cooperativa poderia gerar contradições para as mulheres devido à similaridade com formas de poder existentes nas relações estabelecidas, e às limitações de expressões e práticas em relação aos direitos e benefícios destinados às catadoras. Portanto, a configuração subjetiva social do trabalho inclui a produção subjetiva do vivido pelas mulheres nas relações de poder interseccionais. Considera-se que, nesse caso, os processos subjetivos gerados pelas mulheres podem ser considerados uma via de enfrentamento às dificuldades e limitações vividas na dimensão objetiva da realidade social. Analisou-se que, para as mulheres do grupo, constituía-se uma via de abertura criativa para posicionamentos próprios no espaço da cooperativa, e imaginativa em relação a suas perspectivas de futuro.

Participante 1: Meu menino já *tá* [sic] na faculdade e de dia trabalha *num* [sic] escritório da contabilidade. Eu quero *vê* [sic] se aposento daqui uns 2 anos com esse problema que eu tenho na coluna, mas agora eu tenho que ajudar nas despesas. Eu *tô* [sic] aqui e depois das 4 (se referindo ao horário de 16h) eu começo lá na Associação e vou até a noite (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Participante 2: Comecei a fazer violão lá no centro de atividades, é 2 vezes na semana. Eu comecei a tocar umas coisas, nem sabia, vi que eu não sou tão burra assim... (pausa). Minha vontade é tocar na apresentação do final do ano, o professor disse que eu vou poder sim (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Participante 3: Meu sonho é abrir uma coisa minha, um restaurante, loja, não sei ainda não. Mas é voltar *pro* [sic] meu Goiás e trabalhar em algo meu mesmo (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Participante 4: No final de semana, meus filhos e todo o resto a gente se junta. Minha filha agora *tá* [sic] fazendo curso pra ver se consegue trabalhar de novo depois do bebê (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Participante 5: Ele fala *pra* [sic] mim que não quer estudar mais e quer ser catador igual eu, que sente orgulho de mim. Eu falo de que? Já falei *pra* [sic] ele que a vida não foi fácil e não é pra catador. Ele não me ouve e quer porque *quê* [sic] (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Participante 6: Ah, eu gosto de costurar demais mesmo, mas não tem muito tempo... (pausa). Foi minha irmã, foi que aprendi lá em casa, desde pequena. Eu ganhei uma máquina de uma mulher depois da pandemia, *ai* [sic] eu mexo nas folgas. Uma roupinha nossa e coisa que *dá* [sic] (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Participante 7: Meu filho me levou pra viajar e oh que coisa boa, a gente ficou 3 dias, mas foi gostoso mesmo a gente junto. Acho que *tomei* [sic] gosto (risos) (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Participante 8: Eu gosto de ir lá *pra* [sic] minha cidade nas férias e fico lá na família. Aquele lugar tranquilo, o vento batendo e a gente jogando conversa. Nem levo os meninos não, muito caro a passagem; aí eu vou de ônibus só, mas os meninos ficam aqui mesmo (Dinâmica conversacional em grupo - fevereiro/2024).

Para a maioria das mulheres da cooperativa, que eram as únicas responsáveis pelo sustento financeiro e pelos cuidados de suas famílias, todas as decisões e ações em suas vidas dependiam exclusivamente delas. Suas preocupações se estendiam às perspectivas de futuro de seus familiares, especialmente filhas(os) e netas(os), com o objetivo de proporcionar-lhes uma vida melhor do que a delas, fruto dos sacrifícios feitos na catação. No caso desse grupo de mulheres, sua ação na cooperativa representava uma forma de resistência coletiva e busca por alternativas dignas. Analisou-se o valor que atribuíam ao reconhecimento como catadoras e a forma como a catação se integrava aos seus modos de viver, de forma que, para cada mulher, sua ação era uma das fontes centrais das produções subjetivas individuais.

A partir dessa compreensão e do processo construtivo-interpretativo, pode-se inferir que a configuração subjetiva da ação como catadora (configuração subjetiva do trabalho) se constituía como uma configuração motivacional, tanto no nível da subjetividade individual quanto na subjetividade social, para essas mulheres. O caráter ativo dos posicionamentos das mulheres, expresso em sua ação, também estava associado aos processos de constituição da subjetividade social da cooperativa. Esse espaço social configurava-se por meio de um sistema de relações apoiadas na sensação de segurança e confiança, que orienta o processo de inclusão social das

mulheres no acesso a informações, conhecimentos, serviços e direitos particulares, de acordo com cada caso e, também coletivos, quando se referiam a pautas comuns.

Quadro 5 - Sistematização de hipóteses e indicadores/configuração subjetiva do trabalho: produção de sentidos subjetivos constituintes da subjetividade social do espaço da cooperativa

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Configuração subjetiva do trabalho</p> <p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Sentidos subjetivos associados à subjetividade social do espaço da cooperativa</p>	<p>Rejeição às imposições limitadoras do processo de institucionalização orientada à abertura de uma via própria de subjetivação na criação de um cooperativismo de sócio-produção catadora</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Segurança associada ao local de trabalho e contentamento vinculado às melhores condições infraestruturais do espaço em que cooperativa estava localizada; ▪ Pertencimento ao galpão e orgulho de fazer parte do movimento social de catadoras atuantes no processo de negociação e construção do próprio local de trabalho; ▪ Frustração e decepção relacionadas às experiências de outras áreas da vida das catadoras; ▪ Incertezas relacionadas ao novo modo de trabalho e à organização da instituição; ▪ Autodeterminação em situações de discussões e conflitos de interesses próprios e do grupo, relacionados ao desenvolvimento de uma interdependência nos modos de organização e realização de sua ação; ▪ Admiração e confiança na relação com colegas catadoras favoreciam, em alguma medida, a abertura a novos conhecimentos sobre a instituição e a novas formas de atuar e se posicionar na cooperativa; ▪ Orgulho e reconhecimento social da pessoa catadora; ▪ Respeito e valorização da historicidade do movimento e da luta das catadoras, orientando, de alguma forma, a produção de novas ideias críticas e práticas sobre si mesmas e sobre a rede de relações ao seu redor.
	<p>Desamparo e temor relacionados às injustiças sociais vividas por relações interseccionais de gênero, raça e classe, associadas à implicação e ao pertencimento na catação</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Acolhimento e proteção social relacionados à permanência na cooperativa; ▪ Afeto e reconhecimento das dificuldades e lutas relacionadas às histórias de vida das catadoras; ▪ Importância da relação e união entre elas como um espaço de expressão própria, o que favorecia a criação de vínculos e o envolvimento nas tarefas e demandas da cooperativa;

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Envolvimento nas tarefas e demandas cotidianas orientado ao engajamento pelo bom funcionamento da dinâmica de trabalho na cooperativa e pelo bem-estar do grupo; ▪ Amparo e justiça social em detrimento ao descaso vinculado à subjetividade social hegemônica de outros contextos sociais experienciados pelas catadoras; ▪ Orgulho e gratidão pela importância que seu lugar na catação e na cooperativa representava em sua vida; ▪ Dor e desalento perante as experiências socialmente vividas, que se relacionavam à produção de sentidos subjetivos associados ao medo da solidão e desamparo na criação de novas relações sociais estabelecidas.
--	---

4.2.1 Considerações parciais sobre a configuração subjetiva social do trabalho para o objetivo da pesquisa

- Ao analisar a configuração subjetiva social do trabalho, constituída na subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa, por meio do processo construtivo-interpretativo, foi possível compreender como o trabalho da catação se configurava para aquele grupo de mulheres por meio da produção de sentidos subjetivos diversos e contraditórios produzidos em sua ação. Nessa ação, situada no espaço social da cooperativa, expressavam-se contradições relacionadas ao modo como a experiência vivida no local de trabalho se configura subjetivamente para cada mulher e, simultaneamente, como uma experiência social na cooperativa. Essas expressões contraditórias evidenciam o caráter dinâmico e não estático da subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa no curso da pesquisa;
- A configuração subjetiva social do trabalho se conformava pela produção de sentidos subjetivos associados à historicidade da catação, tanto na trajetória de vida das mulheres quanto no percurso da instituição. Essa dinâmica possibilitou a compreensão do fluxo da produção de sentidos subjetivos relacionados à historicidade, articulada ao período em que realizavam sua ação no lixão. Desse modo, essa produção subjetiva social em relação à ação na cooperativa desenvolveu-se a partir da multiplicidade de experiências e conflitos vividos pelas mulheres, presentes no cotidiano da ação bem como em produções historicamente situadas, como no caso do lixão;

- A respeito do método de construção interpretativa pertinente à relação entre os dois níveis de subjetividade – de cada mulher e do grupo de mulheres – que se expressava na cooperativa, considera-se relevante destacar “que essa integração indissociável entre o individual e o social em processos que ocorrem simultaneamente em ambos os níveis, mas formando parte de qualidades distintas nas configurações subjetivas sociais e individuais exigem formas semelhantes de construção-interpretativa” (González Rey & Mitjás Martínez, 2017a, p. 78). Esse viés metodológico, via análise das subjetividades individuais de cada mulher, expressa um dos caminhos escolhidos para a compreensão da subjetividade social da cooperativa, assim como via de investigação do grupo de mulheres, de modo a compreender os fluxos da produção de sentidos subjetivos considerados de maior estabilidade e convergentes, que conformavam, naquele momento, a configuração subjetiva social do trabalho;
- No processo de constituição da subjetividade social da cooperativa, analisou-se como se constituíam as relações e de que modo essas práticas de outros espaços influenciavam as produções subjetivas das mulheres em relação à configuração subjetiva social do trabalho. A esse respeito, compreendeu-se que o sistema relacional configurado era permeado pelas produções subjetivas vinculadas às relações das mulheres com catadoras de outras cooperativas, as quais se articulavam com as relações estabelecidas entre a presidência da cooperativa e o conselho gestor da rede de cooperativas do DF (Centcoop);
- Desse modo, compreendeu-se que, na subjetividade social da cooperativa, a configuração subjetiva do trabalho constituía-se como uma fonte de produção de sentidos subjetivos relacionados à sensação de amparo e justiça social, em contraste com o descaso associado à subjetividade social hegemônica de outros contextos sociais experienciados pelas catadoras;
- A configuração subjetiva social do trabalho também era marcada pela produção subjetiva social relacionada à rejeição às imposições limitadoras do processo de institucionalização, orientada para a abertura de uma via própria de subjetivação na criação de um cooperativismo de sócio-produção catadora. O cooperativismo, como novo modo de inserção socioprodutiva, se constituía a partir das necessidades e reivindicações das catadoras, possibilitando novos posicionamentos individuais e do grupo;

- Para as mulheres na cooperativa, sua ação como catadora estava vinculada à produção de sentidos subjetivos relacionados ao sentimento de acolhimento e proteção social associado à permanência na cooperativa. Essa produção subjetiva social relacionava-se ao processo de subjetivação configurado pelo sistema de relações sociais daquele espaço, associado a relações de afeto e reconhecimento das dificuldades e lutas vinculadas às histórias de vida das catadoras, diferentemente do vivido por essas mulheres em outros contextos sociais;
- A configuração subjetiva social do trabalho constituía-se pela produção subjetiva social vinculada ao desamparo e temor relacionados às injustiças sociais vividas por relações interseccionais de gênero, raça e classe, associadas à implicação e ao pertencimento na catação. Desse modo, integravam a configuração subjetiva social do trabalho a produção subjetiva do vivido pelas mulheres nas relações de poder interseccionais. Considera-se que, nesse caso, os processos subjetivos gerados pelas mulheres podem ser considerados uma forma de enfrentamento das dificuldades e limitações vividas na dimensão objetiva da realidade social. Analisou-se, ainda, que para as mulheres daquele grupo, isso constituía-se uma via de abertura criativa para posicionamentos próprios no espaço da cooperativa e imaginativa em relação a suas perspectivas de futuro;
- Dessa compreensão e do processo construtivo-interpretativo, pode-se inferir que, para aquelas mulheres, a configuração subjetiva do trabalho constituía-se como uma configuração subjetiva motivacional, tanto no nível da subjetividade individual quanto da subjetividade social. A catação foi compreendida como uma ação intrinsecamente vinculada à vida de cada mulher e do grupo, especialmente em relação à sua implicação e engajamento no trabalho, visto como enfrentamento das situações de desigualdade e injustiça social vividas por meio de relações interseccionais de poder;
- A emergência do grupo de mulheres como agente expressou-se como um importante processo relacionado à sua participação na subjetividade social da cooperativa e na constituição da subjetividade social desse espaço. Destacam-se: a) os posicionamentos do grupo em situações de conflitos e confrontos coletivos, diante de pautas comuns; b) suas expressões de iniciativa e produção de novas ideias, no âmbito da dinâmica de práticas cotidianas, no desenvolvimento do trabalho e do sistema de relações estabelecidas entre elas; c) suas ideias perante o reconhecimento social como catadoras, na cooperativa e em outros espaços sociais.

4.3 Contribuições da pesquisa ao modelo teórico

O estudo da configuração subjetiva da ação do trabalho e da configuração subjetiva social do trabalho da catação, como modelo teórico central da pesquisa, permitiu compreender como a ação de mulheres catadoras se configura subjetivamente, tanto em nível individual quanto social, em uma cooperativa. Nessa direção, a fim de evidenciar as novas inteligibilidades produzidas por meio desse estudo, o processo construtivo-interpretativo avançará em novos níveis qualitativos de produção. Para isso, nesta seção, apresentam-se as construções interpretativas que conformaram o modelo teórico e, logo após, a tese elaborada como expressão do modelo construído.

No que diz respeito ao processo de construção interpretativa utilizado para evidenciar a relação entre as duas formas de subjetividade – individual e social –, considera-se relevante destacar “que essa integração indissociável entre o individual e o social em processos que ocorrem simultaneamente em ambos os níveis, mas formando parte de qualidades distintas nas configurações subjetivas sociais e individuais exigem formas semelhantes de construção-interpretativa” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p. 78). Esse viés metodológico, por meio da análise das subjetividades individuais de cada mulher, expressa um dos caminhos escolhidos para compreender a constituição da subjetividade social do grupo. A investigação do grupo de mulheres foi conduzida de modo a compreender os fluxos da produção de sentidos subjetivos considerados de maior estabilidade e convergentes, que conformavam, naquele momento, a configuração subjetiva social do trabalho.

O estudo da configuração subjetiva da ação do trabalho, como modelo teórico da pesquisa, resultou nas seguintes construções interpretativas:

- Ao analisar a configuração subjetiva da ação do trabalho de Lúcia, por meio do processo construtivo-interpretativo, foi possível compreender como a catação se configura para ela mediante a configuração de sentidos subjetivos diversos e contraditórios, que emergiram em suas ações. Sua **ação como catadora, situada no espaço social da cooperativa, caracteriza-se como dinâmica e inédita em seu curso, configurada pela produção de sentidos subjetivos relacionados à sua história de vida, pela produção de sentidos subjetivos no contexto da catação, e por outros associados ao processo de constituição da subjetividade social da cooperativa;**

- A configuração subjetiva da ação de Lúcia conformava-se pela produção de sentidos subjetivos associados à pobreza, tanto pela **produção de sentidos subjetivos relacionados à sua história de vida quanto por aqueles ligados ao processo de constituição da subjetividade social da cooperativa e de outros espaços sociais mais amplos dos quais participava**, como catadora e presidente da cooperativa;
- A **produção de sentidos subjetivos vinculados à sua história de vida favorecia o entendimento de sua profissão** como catadora e presidente da cooperativa como um lugar social de privilégio ocupado por ela, em vista das questões enfrentadas pelo grupo de catadoras que trabalhavam na cooperativa e em demais contextos dos quais tinha conhecimento e vivência;
- A **configuração subjetiva da ação do trabalho de Lúcia representava relevante centralidade em seu modo de vida**. A catação foi compreendida como uma ação intrinsecamente vinculada à vida de Lúcia, especialmente em relação à implicação e motivação no desenvolvimento de suas ações como antítese do processo de alienação vivido no contexto da catação (de desigualdades sociais) e dos cuidados atuais com sua saúde (insônia, problemas de pressão alta e sobrepeso);
- A **configuração subjetiva da ação do trabalho de Lúcia constituía-se em uma configuração subjetiva motivacional**, orientada à sua condição de vida atual e ao desenvolvimento de novas perspectivas. Para Lúcia, a catação configurava-se como uma via de subjetivação que a abria a novos conhecimentos, possibilitando (re)inventar e imaginar novas ações voltadas para o futuro;
- O **cooperativismo, como novo modo de inserção socioprodutiva, favoreceu a produção e o desenvolvimento de novos recursos subjetivos ao longo de sua ação**. A reflexão tornou-se um importante recurso subjetivo, orientado à criticidade a respeito do funcionamento do cooperativismo e da participação de agentes ou instituições externas às questões pertinentes à cooperativa;
- A esse respeito, **diferentes sentidos subjetivos se expressaram de modo significativo em novas compreensões relacionadas à sua ação**, por meio das experiências de vida de Lúcia. Esses sentidos foram produzidos não apenas na catação, mas também em sua trajetória como trabalhadora doméstica, como participante ativa de movimentos sociais

durante a ocupação da cidade Estrutural, nas relações com a família e na constituição de outros vínculos estabelecidos;

- A **emergência de Lúcia como sujeito** destacou-se **como um importante processo, relacionado à sua participação na constituição da subjetividade social** da cooperativa. Sua perspectiva única sobre as ações da catação, em contraposição a posicionamentos hegemônicos no contexto da cooperativa e do CIR/DF, qualificava seu engajamento. A autenticidade na produção de suas ideias expressou-se como uma via personalizada, orientada a abrir um espaço próprio de subjetivação na criação e realização de suas ações.

O estudo da configuração subjetiva social do trabalho da catação, como modelo teórico da pesquisa, resultou nas seguintes construções interpretativas:

- No processo de constituição da subjetividade social da cooperativa, analisou-se **como se formavam as relações e de que modo práticas de outros espaços influenciavam as produções subjetivas das mulheres, relacionadas à configuração subjetiva social do trabalho**. Nesse sentido, compreendeu-se que o sistema relacional configurado era permeado pelas produções subjetivas vinculadas às relações das mulheres com catadoras de outras cooperativas, que se articulavam às relações estabelecidas entre a presidência da cooperativa e o conselho gestor da rede de cooperativas do DF (Centcoop);
- Desse modo, entendeu-se que, na subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa, **a configuração subjetiva do trabalho era uma fonte de produção de sentidos subjetivos relacionados à sensação de amparo e justiça social, em contraste com o descaso presente na subjetividade social hegemônica de outros contextos sociais experienciados pelas catadoras**;
- Ao analisar a **configuração subjetiva social do trabalho na constituição da subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa**, foi possível compreender como o trabalho da catação se configurava para aquele grupo de mulheres por intermédio da produção de sentidos subjetivos diversos e contraditórios produzidos em sua ação. Nessa ação, situada no espaço social da cooperativa, expressavam-se **contradições relacionadas ao modo como a experiência vivida em seu local de trabalho se configura subjetivamente para cada mulher e, simultaneamente, se configurava como uma experiência social na cooperativa**. Essas expressões contraditórias possibilitavam

evidenciar o **caráter dinâmico** e não estático da constituição da subjetividade social da cooperativa, no curso da pesquisa;

- A **configuração subjetiva social do trabalho era conformada pela produção de sentidos subjetivos associados à historicidade da catação, tanto na trajetória de vida das mulheres quanto no percurso da instituição.** Essa dinâmica possibilitou uma compreensão do fluxo de produção de sentidos subjetivos relacionados à historicidade, articulados ao período em que realizavam sua ação no lixão. Dessa maneira, essa produção subjetiva social foi construída em relação à ação na cooperativa, desenvolvida a partir da multiplicidade de experiências e conflitos vividos pelas mulheres, presentes no cotidiano da ação bem como em produções historicamente situadas, como no caso do lixão;
- A **configuração subjetiva social do trabalho constituía-se pela produção subjetiva social relacionada à rejeição às imposições limitadoras do processo de institucionalização, orientada para a abertura de uma via própria de subjetivação na criação de um cooperativismo de sócio-produção catadora.** O cooperativismo, como novo modo de inserção socioprodutiva, constituía-se a partir das necessidades e reivindicações das mulheres catadoras, de modo a possibilitar novos posicionamentos individuais e do grupo;
- Para as mulheres, na cooperativa, sua ação como catadora estava vinculada à produção de sentidos subjetivos relacionados ao sentimento de acolhimento e proteção social, associados à permanência na cooperativa. Essa **produção subjetiva social estava ligada ao processo de subjetivação, configurado** pelo sistema de relações sociais daquele espaço, permeado por relações de afeto e reconhecimento das dificuldades e lutas vinculadas às histórias de vida das mulheres catadoras, **diferentemente do vivido por elas em outros contextos sociais;**
- A configuração subjetiva social do trabalho constituía-se pela produção subjetiva social vinculada ao desamparo e temor relacionados às injustiças sociais vividas por relações interseccionais de gênero, raça e classe, associadas à implicação e ao pertencimento na catação. Desse modo, **integravam a configuração subjetiva social do trabalho a produção subjetiva do vivido pelas mulheres nas relações de poder interseccionais.** Considera-se que, nesse caso, os **processos subjetivos gerados pelas mulheres podem ser considerados uma forma de enfrentamento das dificuldades e limitações vividas**

na dimensão objetiva da realidade social. Analisou-se, ainda, que para as mulheres daquele grupo, essa configuração constituía-se como uma via de abertura criativa para posicionamentos próprios no espaço da cooperativa e imaginativa em relação às suas perspectivas de futuro;

- Dessa compreensão e do processo construtivo-interpretativo, pode-se inferir que, para aquelas mulheres, **a configuração subjetiva social do trabalho se constituía como uma configuração subjetiva motivacional**, tanto no nível da subjetividade individual quanto da subjetividade social. Considera-se a motivação como configurações subjetivas que se organizam no curso histórico e atual do espaço social dessa instituição. A catação foi compreendida como uma ação intrinsecamente vinculada à vida de cada mulher e ao grupo, especialmente em relação à sua implicação e engajamento no enfrentamento de desigualdades e injustiças sociais vividas por relações interseccionais de poder;
- A compreensão de que a configuração subjetiva social do trabalho se constituía como uma configuração subjetiva motivacional no âmbito da subjetividade social, fundamenta-se pelo modo como: a) sua conformação relacionava-se a produção de sentidos subjetivos associados à **historicidade**, articulados ao período do lixão; b) essa produção subjetiva social foi construída em relação à ação na cooperativa, desenvolvida a partir da **multiplicidade de experiências e conflitos vividos pelo grupo de mulheres, presentes no cotidiano da ação** bem como em produções historicamente situadas, como no caso do lixão; c) essa produção subjetiva social estava ligada ao processo de subjetivação, configurado pelo **sistema de relações sociais** daquele espaço, permeado por relações de afeto e reconhecimento das dificuldades e lutas vinculadas às histórias de vida das mulheres catadoras, diferentemente do vivido por elas em outros contextos sociais; d) nesse caso, os processos subjetivos gerados pelas mulheres podem ser considerados uma **forma de enfrentamento** das dificuldades e limitações vividas na dimensão objetiva da realidade social; e) essa configuração constituía-se como uma **via de abertura criativa** para posicionamentos próprios no espaço da cooperativa e **imaginativa** em relação às suas perspectivas de futuro.
- A **emergência do grupo de mulheres como agente expressou-se como um importante processo relacionado à sua participação na constituição da subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa e na constituição da subjetividade social desse**

espaço. Destacam-se: a) os posicionamentos do grupo em situações de conflitos e confrontos coletivos em relação as pautas comuns; b) suas expressões de iniciativa e produção de novas ideias no âmbito da dinâmica de práticas cotidianas, no desenvolvimento do trabalho e no sistema de relações estabelecidas entre elas; c) suas ideias acerca do reconhecimento social como catadoras, na cooperativa e em outros espaços sociais.

Diante da construção do modelo teórico apresentado anteriormente, elaborou-se a seguinte tese: **A configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras se constitui subjetivamente, em nível individual e social, pelo modo como a configuração subjetiva da ação e uma configuração subjetiva social da instituição constituem-se como configuração motivacional tanto para a pessoa quanto para o grupo, possibilitando evidenciar a emergência do sujeito e do agente em contextos e processos de desigualdades sociais.** A catação, ação que se configura concomitantemente no âmbito da subjetividade individual e da subjetividade social, revela o caráter gerador e subversivo da mulher catadora e de seu grupo em seu modo de vida, marcado por contradições em relação às desigualdades sociais vividas historicamente em outros contextos, favorecendo processos reflexivos e imaginativos que contribuem para a compreensão da dimensão subjetiva dessa realidade.

O modelo teórico construído, expresso na tese apresentada, aproxima-se de concepções de um conjunto de autoras e autores que desenvolveram seus estudos a partir do movimento da Psicologia Social Crítica Latino-Americana, que denunciou e criou vias compreensivas ao estudo da psicologia social, contrastando com o paradigma dominante na psicologia da época, em que predominavam o método hipotético-dedutivo, uma atemporalidade científica e um modelo metodológico experimentalista (Montero, 1994). Destacam-se três das principais contribuições do referido movimento que se aproximam das construções apresentadas pelo modelo teórico desta tese: a) a realidade social como orientadora para os estudos psicológicos, de modo a considerar o conceito de realidade social como uma construção cotidiana, em sua perspectiva dialética e de caráter simbólico, o que pode permitir uma construção subjetiva da realidade; b) a necessidade de um novo caminho metodológico para as investigações; c) o caráter ativo da pessoa e a consideração das concepções e vida cotidiana de maiorias populares nos estudos (Lane, 1994; Montero, 1994; Jacó-Vilela et al., 2003; Montero, 2003; 2006; Jiménez-Domínguez, 2008; Martín-Baró, 2017).

Desse modo, os resultados corroboram aos aportes de uma das vertentes de estudos da psicologia social crítica em relação ao valor da historicidade e como categoria fundamental para a crítica (Gonçalves, 2022). O resgate da história vivida por um grupo majoritariamente não considerado na compreensão de determinada realidade social, objetiva recuperar a cultura do povo latino-americano e incluir as experiências de maiorias populares como participantes do processo de construção de conhecimento. Esse processo pode permitir uma nova condição de saber dos territórios vulneráveis (Costa, 2020; Silva & Hüning, 2020).

Destacam-se, também, as aproximações das discussões apresentadas nesta tese com as produções recentes a respeito dos desafios que envolvem os estudos da população catadora em nosso país (Lima, 2020; Severo & Guimarães, 2020; Silva & Marcomin, 2020; Sauka & Pinto, 2021; Marchi & Santana, 2022; Borges, Carbonera & Trindade, 2023; César, Alves & Reis, 2023; Lima, 2023), especialmente, relacionadas às condições de trabalho e às perspectivas de catadoras e catadores em relação à catação no Brasil. Analisa-se que esta tese pode ampliar a compreensão da ação catadora, sob um novo referencial, a partir do estudo da subjetividade, de modo a abrir novas inteligibilidades sobre produções das catadoras e de seu grupo no curso de sua ação, em contraste com o descaso vinculado à subjetividade social hegemônica de outros contextos sociais experienciados pelas mulheres.

Por meio da construção do modelo teórico, evidenciam-se aspectos relevantes na compreensão da origem social do subjetivo, tais como: a) a capacidade subversiva, como constitutiva da capacidade geradora (da condição subjetiva) da pessoa, especificando o caráter epistemológico da investigação na relevância do estudo da subjetividade social e de suas configurações subjetivas (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a); b) a dinâmica e o desenvolvimento de processos sociais se constituem por meio do valor que a emergência e a ação de agentes e sujeitos representam na subjetividade social de um determinado espaço (González Rey, 2004); c) a possibilidade de criar e imaginar, orientada a produzir rupturas, pode ser concebida como uma forma de funcionamento subjetivo e não apenas como um produto em nível individual e social. Essa compreensão permite caracterizar o conceito de subjetividade social como uma forma de representação conceitual subversiva pelas diferentes formas sociais de expressões singulares (González Rey, 2019b; 2020).

Desse modo, explicita-se o valor do estudo da dimensão subjetiva da realidade, visto que a subjetividade social, tal como é produzida, como um sistema configuracional, difere de outras

dimensões do social, em que as produções subjetivas se expressam no curso da ação e das experiências cotidianas sobre produções simbólicas de caráter social, em uma perspectiva interseccional de gênero, raça e classe social. No curso das ações em contextos sociais situados historicamente, enfatiza-se o caráter singular das produções subjetivas, geradas na tessitura de uma biografia única das pessoas e da organização dos espaços sociais (González Rey, 2004).

No que se refere à produção acadêmica sobre a subjetividade social (Sasaki, 2009; Campolina, 2012; Martins, 2015; Carvalho, G. M. G., 2018; Leal, 2018; Oliveira, 2018; Lopes, 2024; Santos, M. O., 2020), analisa-se que o modelo teórico apresentado permite avançar em lacunas teóricas relacionadas a um novo campo de estudos, aos desafios metodológicos e ao estudo de uma configuração subjetiva social, que sugerem novos níveis interpretativos no processo construtivo-interpretativo, tanto na construção das hipóteses quanto na elaboração do modelo teórico.

Esta tese desenvolve um modelo teórico que evidencia o estudo de uma configuração subjetiva como via de compreensão da dimensão subjetiva social de uma instituição, demarcando a necessidade de se compreender a subjetividade social como um sistema configurado subjetivamente. Desse modo, a subjetividade social foi analisada com ênfase e aprofundamento na compreensão de uma das configurações subjetivas, considerada central na subjetividade social do espaço da cooperativa: a configuração subjetiva do trabalho. Apesar da obra de González Rey não explicitar tal definição, em virtude desta pesquisa e de seu processo construtivo-interpretativo, anuncia-se a possibilidade do reconhecimento do caráter motivacional de uma configuração subjetiva da subjetividade social, pelo modo como o motivacional emerge na forma de produções subjetivas gerada pelo grupo de mulheres. Desse modo, considera-se relevante o desenvolvimento de pesquisas futuras que possam avançar na compreensão do caráter motivacional que podem ter algumas das configurações subjetivas sociais.

Destaca-se que a configuração subjetiva da ação foi um recurso teórico que favoreceu a compreensão das inter-relações entre a subjetividade individual e a subjetividade social, devido à possibilidade de representar a subjetividade em processo (González Rey, 2018). Considera-se, ainda, que esta pesquisa corrobora os estudos anteriores que explicitam o valor heurístico da categoria configuração subjetiva da ação (González Rey, Goulart & Bezerra, 2016; Muniz & Almeida, 2017). Em especial, como subsídio para a construção desta tese, pautou-se em uma

pesquisa de doutorado que apresenta de modo aprofundado, por meio de seu estudo empírico, o processo de construção teórica sobre a referida categoria (Egler, 2022).

Considerações Finais

A pesquisa teve como objetivo compreender como a inter-relação entre o social e o individual constitui a configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras. Como ressaltado ao longo da tese, a investigação constituiu um desafio teórico e metodológico por considerar as especificidades de um novo campo de estudos a partir da perspectiva da Teoria da Subjetividade. Além disso, a pesquisa visou compreender uma ação configurada subjetivamente por meio do estudo empírico da subjetividade individual e da subjetividade social.

Nessa direção, assumiu-se o desafio de analisar a ação de mulheres catadoras a partir de uma nova base teórica-epistemológica-metodológica, contemplando suas possibilidades de abertura para a construção de vias de inteligibilidades sobre a ação, em especial, por meio das categorias de sentidos subjetivos e configurações subjetivas. Desse modo, buscou-se entender como uma ação, em condições históricas e culturalmente distintas, se configura subjetivamente, em nível individual e social; e, como a catação, ação desenvolvida por mulheres em uma cooperativa, se configura na subjetividade social dessa instituição e na subjetividade individual das catadoras.

Na apresentação e discussão dos casos estudados, das mulheres e de seu grupo na cooperativa, bem como na construção do modelo teórico e na tese elaborada, foi possível explicitar que a configuração subjetiva da ação de mulheres catadoras se constitui subjetivamente, em níveis individual e social, pelo modo como a configuração subjetiva da ação e da configuração subjetiva social da cooperativa se constituem como configuração motivacional para a pessoa e para o grupo. Nessa perspectiva, a ação, como configuração motivacional, em níveis individual e social, possibilitou evidenciar a emergência do sujeito e do agente em contextos e processos de desigualdades sociais.

Portanto, considera-se que a pesquisa oferece duas principais contribuições teóricas: a) a compreensão sobre como a inter-relação entre subjetividade social e subjetividade individual constitui uma ação, demonstrando como essa ação se configura subjetivamente para a pessoa e para o grupo como configuração subjetiva motivacional e central na constituição de seu modo de vida; b) o entendimento sobre como se conforma a dimensão subjetiva de uma realidade social, por meio do estudo da subjetividade social do grupo de mulheres no processo de constituição da subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa, e como se relacionam as contradições perante as desigualdades sociais vividas historicamente em outros contextos.

A respeito da Metodologia construtivo-interpretativa, como expressão da Epistemologia Qualitativa, destaca-se a importância do processo construtivo-interpretativo, em especial na compreensão da subjetividade social do grupo de mulheres e na constituição da subjetividade social da cooperativa. A construção de indicadores, hipóteses e sua sistematização (processo de escrita) da categoria configuração subjetiva social inaugura um exercício teórico elaborado nesta tese, que pode evidenciar possibilidades e lacunas interessantes de inspiração a elaborações e pesquisas futuras. Ressalta-se, ainda, no processo construtivo-interpretativo desta tese a necessidade de melhorar, em pesquisas futuras, o aprofundamento da sistematização de expressões da configuração subjetiva social na configuração subjetiva da ação.

Nessa perspectiva, sobre o método de construção da relação entre a subjetividade individual e a subjetividade social, de cada mulher e do grupo de mulheres, que se expressava na cooperativa, considera-se relevante destacar “que essa integração indissociável entre o individual e o social em processos que ocorrem simultaneamente em ambos os níveis, mas formando parte de qualidades distintas nas configurações subjetivas sociais e individuais exigem formas semelhantes de construção-interpretativa” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017a, p. 78). Esse viés metodológico, por meio da análise das subjetividades individuais de cada mulher, expressa um dos caminhos escolhidos para a compreensão da subjetividade social do grupo de mulheres da cooperativa. Da mesma forma, a do grupo de mulheres visou compreender os fluxos da produção de sentidos subjetivos considerados de maior estabilidade e convergência, que conformavam, naquele momento, a configuração subjetiva social.

É importante ressaltar o tempo, o processo de imersão da pesquisadora e seu posicionamento em um novo campo de estudos na realização de uma pesquisa em subjetividade. Uma das principais dificuldades esteve relacionada à proximidade, confiança e criação de vínculo com as participantes da pesquisa. Essa questão esteve relacionada, especialmente, à ocupação de lugares sociais distintos entre a pesquisadora e as mulheres catadoras; e, à necessidade de desvinculação de uma relação que pudesse ser estabelecida e caracterizada por assistencialismo social. Essa situação mudou a partir do planejamento e da criação de uma prática de base subjetiva (González Rey & Mitjans Martínez, 2020) e do compromisso social estabelecido com as mulheres participantes da pesquisa, o que culminou na construção de um livro.

O livro tornou-se o principal recurso para a mobilização da expressão das participantes, e foi capaz de nutrir o processo construtivo-interpretativo, fortalecer o engajamento das participantes

e garantir a permanência da pesquisadora em campo. Desse modo, foi possível aprofundar muitos dos questionamentos levantados durante a pesquisa. No entanto, consideram-se os limites em relação a tantas questões instigantes e novas problemáticas de pesquisa que não puderam ser aprofundadas e, talvez, abordadas na tese. Assim sendo, entende-se que se abrem perspectivas para estudos futuros, entre os quais se destacam: a) o estudo da subjetividade em novos campos de estudos, com a participação de outros grupos que constituem as maiorias populares em nosso país; b) a relação entre a configuração subjetiva da ação como motivacional e o processo de mudanças subjetivas de pessoas e grupos; c) a relação entre as categorias modo de vida e desenvolvimento subjetivo; d) o estudo de configurações subjetivas sociais na conformação da subjetividade social de um grupo ou instituição; e) o caráter motivacional de configurações subjetivas como parte da subjetividade social; f) os processos de emergência do agente e do sujeito por grupos situados em contextos institucionais e não institucionais.

Referências

- Albuquerque, A. P. (2005). *A subjetividade social de uma escola inclusiva: Um estudo de caso* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Brasília.
- Almeida, L. P. de, Ferreira, M. S., & Lima, R. S. (Orgs.). (2020). *Diálogos sobre o social e a psicologia*. Ed. Multifoco.
- Almeida, P. de. (2022). A trajetória da categoria teórica de sujeito no pensamento de González Rey. Em A. Mitjans Martínez, M. C. R. V. Tacca, & R. Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: Desenvolvimento, implicações e desafios atuais* (pp. 101–118). Editora Alínea.
- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2017). *Psicologia social: Perspectivas psicológicas e sociológicas* (M. C. Fernandes, Trad.). Editora McGraw-Hill. (Trabalho original publicado em 2003).
- Ashforth, B. E., & Glen, K. (1999). “How can you go it?": Dirty work and the challenge of constructing a positive identity. *Academy of Management Review*, 24(3), 413–434.
<https://doi.org/10.2307/259134>
- Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE). (2021). *Panorama dos resíduos sólidos no Brasil*. <http://abrelpe.org.br/panorama>
- Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente (ABREMA). (2023). *Panorama dos resíduos sólidos no Brasil*. <https://www.abrema.org.br/panorama>
- Aquino, I. F. de., Castilho Jr., A. B. de. & Pires, T. S. de. L. (2009). A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa de pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor. *Revista Gestão e Produção*, 16, 15-24. <https://doi.org/10.1590/S0104-530X2009000100003>

- Baldavira, B., Barbosa, H., Almeida, L., & Alves, M. (2022, 25 de abril). *Descarte de lixo de países ricos na América Latina ameaça o meio ambiente e a saúde de populações marginalizadas, diz ambientalista*. Olhares do Mundo.
<https://olharesdomundo.wordpress.com/2022/04/25/descarte-de-lixo-de-paises-ricos-na-america-latina-ameaca-o-meio-ambiente-e-a-saude-de-populacoes-marginalizadas-diz-ambientalista/>
- Batista, A. S., & Codo, W. (2017). Trabalho sujo e estigma: Cuidadores de morte nos cemitérios. *Revista de Estudios Sociales*, 63, 72–83. <https://doi.org/10.7440/res63.2018.06>
- Bernardes, V. (2023). *Corpo, educação e subjetividade: Processos de subjetivação de um corpo simbólico* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/47103>
- Bock, A. M. B., & Gonçalves, M. da G. M. (Orgs.). (2009). *A dimensão subjetiva da realidade: Uma leitura sócio-histórica*. Editora Cortez.
- Bock, A. M. B., Gonçalves, M. da G. M., & Furtado, O. (Orgs.). (2011). *Psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia* (5ª ed.). Editora Cortez.
- Boehm, C. (2018, 20 de outubro). *Um terço do lixo tem destinação inadequada na América Latina e Caribe*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/um-terco-do-lixo-tem-destinacao-inadequada-na-america-latina-e-caribe>
- Borges, R., V., Carbonera, M., & Trindade, L. de., L. (2023). Catadores de materiais recicláveis: uma Revisão Integrativa da Literatura. *Revista desenvolvimento em questão*, 59, 1-23.
<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.14271>
- Borghi, P. (2022). Dulcinéia Catadora: Uma entrevista com Lúcia Rosa. *Revista Estado da Arte*, 3(1), 89–103. <https://doi.org/10.14393/EdA-v3-n1-2022-61714>

- Brasil. (2010). Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112305.htm
- Buarque, C. (2021). *Anos de chumbo e outros contos*. Editora Companhia das Letras.
- Bueno, W. (2019). *Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro* [Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos]. Repositório Digital da Biblioteca Unisinos. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8966>
- Burton, M. (2013). Liberation psychology: A constructive critical praxis. *Estudos de Psicologia*, 30(2), 249–259. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000200011>
- Campolina, L. de O. (2012). *Inovação educativa e subjetividade: A configuração da dimensão histórico-subjetiva implicada em um projeto inovador*. [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <https://icts.unb.br/jspui/handle/10482/10760>
- Campolina, L. de O., & Santos, G. C. S. (2023). A dimensão subjetiva implicada nas disputas pertinentes à educação especial inclusiva. *Revista Educação Especial*, 36(1), 1-28. <https://doi.org/10.5902/1984686X84814>
- Caniato, A. M. P., & Tomanik, E. A. (Orgs.). (2001). *Compromisso social da psicologia*. Editora Abrapso Sul.
- Carneiro, S. (2019). *Escritos de uma vida*. Editora Pólen Livros.

- Carvalho, B. P., & Souza, T. M. dos S. (2010). A “escola de São Paulo” de psicologia social: Apontamentos históricos. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 713–721.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000400007>
- Carvalho, G. M. G. de. (2018). *A direção escolar na constituição da subjetividade social favorecedora da inovação* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/32612>
- Carvalho, P. da S. M. (2022). *Subjetividade social na Biblioteca Infantil-Escolinha de Criatividade 104/304 sul: Arte, cultura e educação* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
<http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/46643>
- Castilhos Junior, A. B., Ramos, N. F., Alves, C. M., Forcellini, F. A., & Graciolli, O. D. (2013). Catadores de materiais recicláveis: Análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(11), 3115–3124. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001100002>
- Castro-Solano, A., & Lupano-Perugini, M. L. (2013). The Latin-American view of positive psychology. *Jornal of Behavior: Health & Social Issues*, 5(2), 15–31.
<https://doi.org/10.22201/fesi.20070780.2013.5.2.42250>
- Cavalcanti, A. U. A., & Boccolini, C. S. (2022). Desigualdades sociais e alimentação complementar na América Latina e Caribe. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(2), 619–630.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.31862020>
- César, W. M. T., Alves, E. R. F., & Reis, G. G. (2023). Feminismo, interseccionalidade e decolonialidade no diálogo entre quarto de despejo e cartas a uma negra. *Anuário de Literatura*, 28, 1–20. <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2023.e93896>

- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade* (R. Souza, Trad.). Editora Boitempo. (Trabalho original publicado em 2016).
- Correia, S. B., & Viana, L. M. M. (2023). Identidade indígena: Olhares a partir da psicologia social. *Fractal: Revista De Psicologia*, 35, Artigo e5956. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2023/v35/5956>
- Costa, B. A., Zoltowski, A. P. C., Koller, S. H., & Teixeira, M. A. P. (2015). Construção de uma escala para avaliar a qualidade metodológica de revisões sistemáticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(8), 2441–2452. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.10762014>
- Costa, P. H. A. da. (2020). A questão social na psicologia social: Uma revisão da literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, Artigo e209277. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003209277>
- Costa, P. H. A. da., Mendes, K. T., & Pinto, M. de A. (2023). Psicologia e compromisso social: Junção importante, problematização necessária e atual. *Psicologia USP*, 34, Artigo e190117. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190117>
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 8 (1), p. 538–554. http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8?utm_source=chicagounbound.uchicago.edu%2Fuclf%2Fvol1989%2Fiss1%2F8&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages
- Cruvinel, V. R. N., Machado, G. do C., Marques, C. P., Araújo, W. N. de., Trindade, J. A. da., Jorge, F. A. M., & Dourado, A. P. F. K. (2020). *O fim do maior lixão da América Latina: Inclusão socioproductiva e cuidado com a saúde dos catadores de materiais recicláveis*.

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) das Nações Unidas.

<https://archivo.cepal.org/pdfs/bigpushambiental/Caso79->

[OFimdoMaiorLixaodaAmericaLatina.pdf](#)

- Cunha, E. P., & Rezende, T. D. H. de. (2018). Participação e miséria brasileira: o participacionismo nas condições de possibilidade do capitalismo no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 52, 345-362. <https://doi.org/10.1590/0034-7612171569>
- Dessen, M. A., & Junior, A. L. C. (2005). *A Ciência do Desenvolvimento Humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Artmed.
- Dessen, M. A., & Maciel, D. A. (2014). *A Ciência do Desenvolvimento Humano-Desafios para a psicologia e a educação*. Juruá.
- Dias, M. S. de L. (2020). O legado de Martín Baró: A questão da consciência latino-americana. *Revista Psicologia para América Latina*, 33, 11–22. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psilat/n33/a03n33.pdf>
- Diniz, D. (2015). *Cadeia: Relatos sobre mulheres* (6ª ed.). Editora Civilização Brasileira.
- Diniz, D. (2016). *Zika: Do sertão nordestino à ameaça global*. Editora Civilização Brasileira.
- Farr, R. M. (2001). *As raízes da psicologia social moderna* (4ª ed.). Editora Vozes.
- Ferraz, L., & Gomes, M. H. de A. (2012). Uma existência precarizada: O cuidado da prole no trabalho de catação de material reciclável. *Revista Sociedade e Estado*, 27(3), 652–662. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922012000300011>
- Ferreira, J. F., & Santos, M. F. N. (2021). A disposição final ambientalmente adequada: O desafio da extinção dos lixões no Brasil. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 7(7), 135–151. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/lixoes-no-brasil>

Ferreira, M. C. (2010). A psicologia social contemporânea: Principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(n. spe.), 51–64.

<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500005>

Figueira, E. A. (2023). *Processos da subjetividade social brasileira relacionados ao consumo e ao endividamento: Um olhar contemporâneo sob a experiência de uma profissional autônoma* [Dissertação de mestrado não publicada]. Centro Universitário de Brasília.

Fleer, M., González Rey, F., & Jones, P. E. (2020). Advancing dialogues between critical psychology and cultural-historical theory. Em M. Fleer, F. González Rey, & P. E. Jones (Orgs.), *Cultural-historical and critical psychology* (pp. 1–8). Springer Singapore.

Furtado, O., & González Rey, F. (Orgs.). (2002). *Por uma epistemologia da subjetividade: Um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. Editora Casa do Psicólogo.

Goldmann, L. (1979). *Dialética e cultura* (2ª ed.). Editora Paz e Terra.

Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos*. Editora Zahar.

González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (2020). Looking toward a productive dialogue between cultural-historical and critical psychologies. Em M. Fleer, F. González Rey, & P. E. Jones (Orgs.), *Cultural-historical and critical psychology* (pp. 43–62). Springer Singapore.

González Rey, F. (1993). Personalidad, sujeto y psicología social. Em M. Montero (Org.), *Construcción y crítica de la psicología social* (pp. 149–176). Anthropos.

González Rey, F. (1995). Acerca de lo social y lo subjetivo en el socialismo. *Revista Temas*, 3, 93–102. <https://temas.cult.cu/revista/articulo/248>

- González Rey, F. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. Editora Educ.
- González Rey, F. (1998). La cuestión de la subjetividad en un marco histórico-cultural. *Revista Paulista de Psicologia e Educação*, 2(3), 87–118. <https://doi.org/10.1590/S1413-85571998000300003>
- González Rey, F. (2001). Os desafios teóricos da psicologia social e suas implicações para suas ações e o compromisso social. Em A. P. Caniato & E. A. Tomanik (Orgs.), *Compromisso social da psicologia* (pp. 7–26). Editora Abrapso Sul.
- González Rey, F. (2002). La subjetividad: Su significación para la ciencia psicológica. Em O. Furtado & F. González Rey (Orgs.), *Por uma epistemologia da subjetividade: Um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais* (pp. 17–42). Editora Casa do Psicólogo.
- González Rey, F. (2003). *Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural*. Editora Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. (2004a). *O social na psicologia e a psicologia social: A emergência do sujeito*. Editora Vozes.
- González Rey, F. (2004b). *Personalidade, saúde e modo de vida*. Editora Thomson Learning.
- González Rey, F. (2005). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. Editora Thomson Learning.
- González Rey, F. (2007a). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: Uma aproximação histórico-cultural*. Editora Thomson Learning.
- González Rey, F. (2007b). Encontro da psicologia social brasileira com a psicologia soviética. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe2), 57–61. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500019>

- González Rey, F. (2008a). Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. *Diversitas (Bogotá)*, 4(2), 17–35. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/diver/v4n2/v4n2a02.pdf>
- González Rey, F. (2008b). Subjetividad y psicología crítica: Implicaciones epistemológicas y metodológicas. Em B. Jiménez-Domínguez (Org.), *Subjetividad, participación e intervención comunitária: Uma visão crítica desde América Latina* (pp. 31–54). Editora Paidós.
- González Rey, F. (2009). La psicología en América Latina: Algunos momentos críticos en su desarrollo. *Psicología para América Latina*, 17, 4–25. <https://psicolatina.org/17/america-latina.html>
- González Rey, F. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. Editora Cengage Learning.
- González Rey, F. (2011a). *Subjetividade e saúde: Superando a clínica da patologia*. Editora Cortez.
- González Rey, F. (2011b). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. Editora Cengage Learning.
- González Rey, F. (2011c). *El pensamiento de Vigotsky: Contradicciones, desdoblamientos y desarrollo*. Editora Trillas.
- González Rey, F. (2011d). Lenguaje, sentido y subjetividad: Yendo más allá del lenguaje y del comportamiento. Fundación Infancia y Aprendizaje. *Estudios de Psicología*, 52(3), 345–357. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3761463>
- González Rey, F. (2012). O social como produção subjetiva: Superando a dicotomia individuo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 167–185. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1023>

- González Rey, F. (2013). O que oculta o silêncio epistemológico da psicologia. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 8, 20–34. https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/Volume8_n1/PPP_Art_2.pdf
- González Rey, F. (2014). Ideias e modelos teóricos na pesquisa construtivo-interpretativa. Em A. Mitjans Martínez, M. Neubern, & V. D. Mori (Orgs.), *Subjetividade contemporânea: Discussões epistemológicas e metodológicas* (pp. 13–34). Editora Alínea.
- González Rey, F. (2015a). A new path for the discussion of social representations: Advancing the topic of subjectivity from a cultural-historical standpoint. *Theory & Psychology*, 25(4), 494–512. <https://doi.org/10.1177/0959354315587783>
- González Rey, F. (2015b). Marxism, subjectivity, and cultural-historical psychology: Moving forward on an unfinished legacy. *Annual Review of Critical Psychology*, 12, 27–35. <https://discourseunit.com/wp-content/uploads/2016/05/04glzrey.pdf>
- González Rey, F. (2016). Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 36(3), 175–189. <https://doi.org/10.1037/teo0000045>
- González Rey, F. (2017). Los desafíos de la psicología frente al capitalismo subdesarrollado de América Latina: Los deficits para generar una práctica profesional diferente. Em D. Pavón-Cuellar (Org.), *Psicología crítica en Latinoamérica: Del sometimiento neocolonial a la emancipación de subjetividades emergentes* (pp. 11–294). Kanankil.
- González Rey, F. (2018a). Silvia Lane: Caminhos de uma pioneira. Em B. B. Sawaia & G. T. Purin (Org.), *Silvia Lane: Uma obra em movimento* (pp. 73–93). Editora EDUC.

- González Rey, F. (2018b). Subjectivity and discourse: Complementary topics for a critical psychology. *Culture & Psychology*, 25(2), 178–194.
<https://doi.org/10.1177/1354067X18754338>
- González Rey, F. (2019a). The rescue of subjectivity from a cultural-historical standpoint. Em R. Beshara (Org.), *A critical introduction to psychology* (pp. 9–25). Nova Science Publishers.
- González Rey, F. (2019b). Subjectivity in debate: Some reconstructed philosophical premises to advance its discussion in psychology. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 49(2), 212–234. <https://doi.org/10.1111/jtsb.12200>
- González Rey, F. (2019c). La subjetividad y su significación para el estudio de los procesos políticos: Sujeto, sociedad y política. Em C. Piedrahita, A. Díaz, & P. Vommaro (Orgs.), *Subjetividades políticas: Desafíos y debates latinoamericanos* (pp. 11–29). Editora Clacso.
- González Rey, F. (2020). O social como produção subjetiva: Superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural histórica da subjetividade. Em M. S. Ferreira, R. S. Lima, & L. P. de Almeida (Orgs.), *Diálogos sobre o social e a psicologia* (pp. 41–70). Editora Grupo Multifoco.
- González Rey, F. (2021). The topic of subjectivity in psychology: Contradictions, paths, and new alternatives. Em D. Goulart, A. Mitjans Martínez, & M. Adams (Eds.), *Theory of subjectivity from a cultural-historical standpoint: González Rey's legacy* (pp. 37–58). Springer Singapore.

González Rey, F. (2022). La subjetividad en psicología: Su importancia para una psicología crítica. Em J. M. F. Osorio & O. Bravo (Orgs.), *Caminando por las veredas de la psicología* (pp. 29–46). Editorial Universidad Icesi.

González Rey, F., & Díaz Gómez, A. (2005). Subjetividad: Una perspectiva histórico cultural. Conversación con el psicólogo cubano Fernando González Rey. *Universitas Psychologica*, 4(3), 373–383.

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672005000300011

González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (1989). *La personalidad: Su educación y desarrollo*. Pueblo y Educación.

González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (2013). Three critical approaches to psychology in Latin America: Their rise and fall. *Annual Review of Critical Psychology*, 10, 642–662. <https://discourseunit.com/wp-content/uploads/2016/05/latin-america-i-642-662.pdf>

González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (2017a). *Subjetivade: Teoria, epistemologia e método*. Editora Alínea.

González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (2017b). El desarrollo de la subjetividad: Una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. *Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano*, 13(2), 3–20.

González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (2017c). Epistemological and methodological issues related to the new challenges of a cultural-historical based psychology. Em M. Fleer, F. González Rey, & N. Veresov (Orgs.), *Cultural-historical perspectives on emotions: Advancing the concepts of perezhivanie and subjectivity* (pp. 264–296). Springer Singapore.

- González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (2020). Looking Toward a Productive Dialogue Between Cultural-Historical and Critical Psychologies. In: FLEER, M.; GONZÁLEZ REY, F.; JONES, P. E. *Cultural-Historical and Critical Psychology*. Springer Singapore, 43-62.
- González Rey, F., & Moncayo Quevedo, J. E. (2017). *Subjetividad, cultura e investigaci3ns cualitativa: Los antecedentes desde la personalidad y el m3todo cl3nico*. Edici3ns William Ezequiel Castelblanco Caro. Editorial Aula de Humanidades.
- Goulart, D. (2017). *Educa33o, sa3de mental e desenvolvimento subjetivo: Da patologiza33o da vida 3 3tica do sujeito* [Tese de doutorado, Universidade de Bras3lia]. Reposit3rio Institucional da UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/24008>
- Goulart, D. M. (2019). *Sa3de mental, desenvolvimento e subjetividade: Da patologiza33o 3 3tica do sujeito*. Editora Cortez.
- Goulart, D. M. (2022). Teoria da subjetividade como referencial cr3tico-propositivo: Caminhos, inova33es e desdobramentos. Em A. Mitjans-Mart3nez, M. C. R. V. Tacca, & R. Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade como perspectiva cr3tica: Desenvolvimento, implica33es e desafios atuais* (pp. 65–86). Al3nea.
- Goulart, D. M. (2023). Gonz3lez Rey, Fernando Luis. Em A. M. Jac3-Vilela, H. Klappenbach, & R. Ardila (Orgs.), *The Palgrave biographical encyclopedia of psychology in Latin America* (pp. 542–546). Palgrave Macmillan.
- Goulart, D. M., & Gonz3lez Rey, F. L. (2023). *Subjetividade, sujeito e vida: Di3logos com Fernando Gonz3lez Rey*. Editora Al3nea.
- Goulart, D. M., & Mitjans Mart3nez, A. M. (2023). Do desenvolvimento da personalidade ao desenvolvimento subjetivo: Hist3rico, momento atual e desafios. Em L. de O. Campolina

- & G. C. S. Santos (Orgs.), *Desenvolvimento e aprendizagem: Contribuições atuais da teoria cultural-histórica da subjetividade* (pp. 35–58). Editora CRV.
- Guedes, M. do C. (2007). A viagem histórica pela América Latina. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe2), 39–45. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500017>
- Guzzo, R. S. L., & Lacerda Jr., F. (Orgs.). (2011). *Psicologia social para América Latina: O resgate da psicologia da libertação*. Editora Alínea.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Editora 34.
- Hughes, E. (1962). Good people and dirty work. *Social Problems*, 10(1), 3–11. <https://doi.org/10.2307/799402>
- Jacó-Vilela, A. M., Klappenbach, H., & Ardila, R. (Orgs.). (2022). *The Palgrave biographical encyclopedia of psychology in Latin America*. Palgrave Mcmillan.
- Jacó-Vilela, A. M., Rocha, M. L. da., & Mancebo, D. (2003). *Psicologia social: Relatos na América Latina*. Editora Casa do Psicólogo.
- Jesus, C. M. de. (2019). *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (10ª ed.). Editora Ática.
- Jiménez-Domínguez, B. (Org.). (2008). *Subjetividad, participación e intervención comunitária: Una visión crítica desde América Latina*. Editora Paidós.
- Lago, A. de C. P. (2023). *A subjetividade social de um órgão da administração pública federal a partir da narrativa de seus servidores* [Dissertação de mestrado não publicada]. Centro Universitário de Brasília.
- Lane, S. T. M. (2014). *O que é psicologia social* (22ª ed.). Editora Brasiliense.
- Lane, S. T. M., & Araújo, Y. (1999). *Arqueologia das emoções*. Editora Vozes.

- Lauxmann, C. T., Trevignani, M. F., & Fernández, V. R. (2021). As cadeias globais de produção industrial na América Latina sob uma perspectiva estruturalista. *Cenes Notes*, 40(71), 75–101. <https://doi.org/10.19053/01203053.v40.n71.2021.11556>
- Leal, C. E. G. (2018). *A subjetividade social e sua vivência na prática educativa com alunos público-alvo da educação especial* [Tese de doutorado não publicada]. Universidade Federal do Piauí.
- Leal, S. A. G. (2019). Concepções de justiça acerca de um dispositivo de inclusão social: (In)capacidades e registros normativos segundo beneficiários do Programa Bolsa Família. Em R. Cantu, S. Leal, D. Silva, & L. Chartain (Orgs.), *Sociologia, crítica e pragmatismo: Diálogos entre França e Brasil* (pp. 225–264). Editora Pontes.
- Lemes, L. da S. O., Madeira-Coelho, C., Farias, R. N. P., Velho, C. M., & Marroquim, M. V. A. (2022). Equity, systemic inequality and learning in early childhood education: Teacher training in focus. *Brazilian Journal of Science Teaching and Technology, Special Edition*, 55–78. https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/14796/pdf_1
- Lima, M. R. P. (2018). Paradoxos da formalização: A inclusão social dos catadores de recicláveis a partir do caso do encerramento do aterro de Jardim Gramacho (RJ). *Horizontes Antropológicos*, 24(50), 145–180. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000100006>
- Lima, M. R. P. (2020). City of steel: Steelmaking infrastructure and social contestation in a case of contamination by industrial waste. *Revista Antropológicas*, 31, 86–121. <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2020.247373>
- Lima, M. R. P. (2023). Infraestruturas urbanas. *Estudos Avançados*, 37(107), 63–82. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37107.005>

- Lima, M. E. A., & Trindade, I. B. O sentido do trabalho no contexto da atividade do catador de material reciclável: um estudo de caso. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 21, 33-43. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i1p33-43>
- Lopes, T. (2024). *Mudanças das produções da subjetividade social da escola em inter-relação com as ações e relações pedagógicas em tempos de pandemia* [Tese de doutorado não publicada]. Universidade de Brasília.
- Madeira-Coelho, C. (2022). O conceito de diálogo na teoria da subjetividade e epistemologia qualitativa: Sobre o que estamos falando? Em A. Mitjáns Martínez, M. C. R. V. Tacca, & R. Puentes (Orgs), *Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: Desenvolvimento, implicações e desafios atuais* (pp. 153–172). Editora Alínea.
- Marchi, C. M. D. F., & Santana, J. S. (2022). Catadores de materiais recicláveis: Análise do perfil socioeconômico na cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *Interações (Campo Grande)*, 23(2), 413–422. <https://doi.org/10.20435/inter.v23i2.3058>
- Martín-Baró, I. (2013). Psicologia política latino-americana (F. Lacerda Jr., Trad.). *Revista Psicologia Política*, 13(28), 559–573. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n28/v13n28a10.pdf> (Trabalho original publicado em 1988)
- Martín-Baró, I. (2017). *Crítica e libertação na psicologia: Estudos psicossociais* (F. Lacerda Jr., Trad.). Editora Vozes.
- Martins, L. R. R. (2015). *Implicações da subjetividade social da escola na institucionalização de Políticas Públicas no Ensino Fundamental* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/18274>

- Mitjás Martínez, A. (2019). A epistemologia qualitativa: Dificuldades, equívocos e contribuições para outras formas de pesquisa qualitativa. Em A. Mitjás Martínez, F. González Rey, & R. V. Puentes (Orgs.), *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: Discussões sobre educação e saúde* (pp. 47–70). Editora EDUFU.
- Mitjás Martínez, A. (2020). Subjetividade social: Desafios de um conceito. Em A. Mitjás Martínez, M. C. V. R. Tacca, & R. V. Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade: Discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional* (pp. 47–66). Editora Alínea.
- Mitjás Martínez, A. (2021). Fernando González Rey's work: Genesis and development. Em D. Goulart, A. Mitjás Martínez, & M. Adams (Orgs.), *Theory of subjectivity from a cultural-historical standpoint: González Rey's legacy* (pp. 19–36). Springer Singapore.
- Mitjás Martínez; Tacca & Puentes, 2022. *Teoria da Subjetividade como uma perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais*. Editora Alínea.
- Mitjás Martínez, A., & González Rey, F. (2019). A preparação para o exercício da profissão docente: Contribuições da teoria da subjetividade. Em M. Rossato & V. L. A. Peres (Orgs.), *Formação de educadores e psicólogos: Contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica* (pp. 13–46). Editora Appris.
- Mitjás Martínez, A., Goulart, D., Tacca, M. V. R., & Mori, V. D. (2020). Teoria da subjetividade: Contribuições em diferentes campos e contextos. Em A. Mitjás Martínez, M. C. V. R. Tacca, & R. V. Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade: Discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional* (pp. 15–44). Editora Alínea.

- Medeiros, L. F. R. de, & Macêdo, K. B. (2006). Catador de material reciclável: Uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 62–71.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000200009>
- Meneguzzo, I. S., Chaicouski, A., & Meneguzzo, P. M. (2009). Desenvolvimento sustentável: Desafios à sua implantação e a possibilidade de minimização dos problemas socioambientais. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 22, 509–520.
<https://doi.org/10.14295/remea.v22i0.2836>
- Mohrer, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & The PRISMA Group. (2015). Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: A recomendação PRISMA (T. F. Galvão & T. de S. A. Pansani). *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335–342.
<https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017> (Trabalho original publicado em 2009)
- Moncayo Quevedo, J. E. (2017). *Educación, diversidad sexual y subjetividad: Una aproximación cultural-histórica a la educación sexual escolar en Cali – Colombia* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
<http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/23565>
- Montero, M. (1994). Vidas paralelas: Psicologia comunitária na América Latina e nos Estados Unidos. Em M. Montero (Coord.), *Psicologia social comunitária: Teoria, método e experiência* (pp. 19–45). Editorial da Universidade de Guadalajara.
- Montero, M. (2003). *Teoria e prática da psicologia comunitária: A tensão entre comunidade e sociedade*. Editora Paidós.

- Montero, M. (2004). Relaciones entre psicología social comunitaria, psicología crítica y psicología de la liberación: Una respuesta latinoamericana. *Psyche*, 13(2), 17–28. <https://doi.org/10.4067/S0718-22282004000200002>
- Montero, M. (2006). La investigación-acción participativa: Aspectos metodológicos. Em M. Montero (Ed.), *Hacer para transformar: El método en la psicología comunitaria* (pp. 159–202). Paidós.
- Mori, V. D. (2009). *Estudio de las configuraciones subjetivas en pacientes con câncer e hipertensão: una aproximación a la salud en una perspectiva histórico-cultural*. [Tese de doutorado não publicada]. Universidad de San Carlos de Guatemala.
- Muniz, L. S., & Almeida, P. de. (2017). O valor heurístico da categoria configuração subjetiva da ação. Em L. O. Campolina & V. D. Mori (Orgs.), *Diálogos com a teoria da subjetividade: Reflexões e pesquisas* (pp. 61–82). Editora CRV.
- Oliveira, C. T. (2018). *Subjetividade social da sala de aula e criatividade na aprendizagem* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/33860>
- Oliveira, L. da S. (2016). *Constituição subjetiva de professores: Caminhos alternativos para formação continuada*. Editora CRV.
- Oliveira, L. da S., & Tacca, M. V. R. (2016a). O professor, sua formação e a expressão da condição de sujeito no trabalho pedagógico. *Revista Linguagens, Educação e Sociedade*, 35, 260–283. <https://doi.org/10.26694/les.v1i35>
- Oliveira, L. da S., & Tacca, M. V. R. (2016b). Subjetividade, docência e ação formativa: O valor heurístico de uma nova base teórica. Em M. V. R. Tacca (Org.), *Ação formativa docente e práticas pedagógicas na escola* (pp. 15-40). Editora Alínea.

- Oliveira Lemes, L. da S., Lopes, T. S. S., Carvalho, P. S. M., & Rossato, M. (2023). Nós por nós mesmas: Maternidade, subjetividade e pandemia. *Revista Feminismos*, 11(1), Artigo e11123031. <https://doi.org/10.9771/rf.v11i1.47338>
- Olmedo, A. M. (2008). Más allá de la intervención. Em B. Jiménez-Domínguez (Org.), *Subjetividad, participación e intervención comunitária: Uma visión crítica desde América Latina* (pp. 85–106). Editora Paidós.
- Ortega, J. J. V. (2012). *Perspectiva psicosocial: Aproximaciones históricas y epistemológicas e intervención*. Editora Ítaca.
- Patiño, J. F. T. (2022). O diálogo a três vozes na obra de González Rey: Ontologia, epistemologia e método. Em A. Mitjans Martínez, M. C. R. V. Tacca, & R. Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: Desenvolvimento, implicações e desafios atuais* (pp. 173–194). Editora Alínea.
- Pavón-Cuéllar, D. (2017). Subjetividade e psicologia no capitalismo neoliberal. *Revista Psicología Política*, 17(40), 589–607. <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2017000300011>
- Pereira, M. E., & Álvaro, J. L. (2013). Social psychology: Research methods and techniques. *Estudos de Psicologia*, 18(1), 37–45. <https://www.scielo.br/j/epsic/a/Pkkp8xbJWhynfsTnZJwGP5z/>
- Pinto, A. L., Paredes, A., & Sousa Netto, M. C. (2020). Presença de uma corrente psicológica latino-americana no contexto acadêmico anglo-saxônico: A psicologia da libertação na Scopus (2002-2015). *AWARI*, 1(1), 1–12. <https://doi.org/10.47909/awari.60>

- Puentes, R. V. (2017). A psicologia histórico-cultural soviética (1917-1991): Problemas de paternidade associados a obras e autores importantes. *Revista Educativa - Revista de Educação*, 19(2), 449–473. <https://doi.org/10.18224/educ.v19i2.5401>
- Ribeiro, J. R. (2023). Subalternidade e opressão socio racial: Questões para a historiografia da educação latinoamericana. *Revista Brasileira de História Da Educação*, 23, Artigo e283. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v23.2023.e283>
- Rodríguez-Arocho, W. (2022). La teoría de la subjetividad de Fernando L. González Rey en el contexto de tendencias críticas actuales en el enfoque histórico-cultural. Em A. Mitjans Martínez, M. C. R. V. Tacca, & R. Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: Desenvolvimento, implicações e desafios atuais* (pp. 47–64). Editora Alínea.
- Rosa, L. A., & Klandermans, B. (2022). Psicologia social do protesto: Um panorama teórico a partir da realidade brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, Artigo e233201. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003233201>
- Rossato, M., & Mitjans Martínez, A. (2017). A metodologia construtiva-interpretativa como expressão da epistemologia qualitativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade. *Investigação Qualitativa em Educação*, 40, 64–95. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.04>
- Rossato, M., & Mitjans Martínez, A. (2023). Subjetividade social da escola e os desafios à inclusão. *Revista Educação Especial Santa Maria*, 36(1), 1–22. <https://doi.org/10.5902/1984686X84710>
- Rossato, M. (2019). Contribuições da epistemologia qualitativa na mobilização de processos de desenvolvimento humano. Em A. Mitjans Martínez, F. González Rey, & R. V. Puentes

- (Orgs.), *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: Discussões sobre educação e saúde* (pp. 71–94). Editora EDUFU.
- Rossato, M. (2020). A complexidade da subjetividade como um sistema configuracional em desenvolvimento. Em A. Mitjás Martínez, M. C. V. R. Tacca, & R. V. Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade: Discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional* (pp. 119–136). Editora Alínea.
- Rossato, M. (2022). A emergência do sujeito em diferentes contextos de pesquisa e práticas sociais. Em A. Mitjás Martínez, M. C. V. R. Tacca, & R. Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: Desenvolvimento, implicações e desafios atuais* (pp. 119–138). Editora Alínea.
- Rossato, M., Martins, L. R. R., & Mitjás Martínez, A. (2014). A construção do cenário social da pesquisa no contexto da epistemologia qualitativa. Em A. Mitjás Martínez, M. Neubern, & V. D. Mori (Orgs.), *Subjetividade contemporânea: Discussões epistemológicas e metodológicas* (pp. 35–60). Editora Alínea.
- Rossato, M., Lemes, L. da S. O., Bonfim, F., Silva, G. de J., Lopes, T. S. S., & Teles, S. M. (2022). A expressão dos princípios da epistemologia qualitativa em pesquisas sobre o desenvolvimento subjetivo. Em L. de O. Campolina, & G. C. S. Santos (Orgs.), *Desenvolvimento e aprendizagem: Contribuições atuais da teoria cultural-histórica da subjetividade* (pp. 59–82). Editora CRV.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), 5–16. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Sá, A. L. de F. (2014). *Tenho um aluno com transtorno de aprendizagem: A subjetividade social de professoras em uma escola do Distrito Federal* [Dissertação de mestrado,

Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.

<http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/17755>

Sampaio, L. T. dos S. (2020). *Estudantes com deficiência e EJA-interventiva: A subjetividade social em foco* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório

Institucional da UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/40553>

Santos, B. de S. (2013) *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade* (14^a ed.). Editora Cortez.

Santos, B. de S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Editora Almedina.

Santos, M. O. dos. (2020). *Subjetividade social e aprendizagem na educação empresarial* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.

<http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/39060>

Santos, S. R. de S. (2023). *A subjetividade social que constitui a atuação do pedagogo na escola* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.

<http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/47072>

Sasaki, K. M. M. (2009). *Identidade de lugar de moradores de Porto de Sauípe-Ba em face da intervenção turística na subjetividade social* [Dissertação de mestrado, Universidade de Salvador]. Repositório Centro Cultural Professor Ademar Cardoso Linhares.

<https://tede.unifacs.br/handle/tede/154>

Sauka, J., & Pinto, L., R. (2021). O papel da educação profissional em novas configurações de trabalho para catadoras e catadores de materiais recicláveis. *Revista Sítio Novo*, 5 (2),

156-174. <http://dx.doi.org/10.47236/2594-7036.2021.v5.i2.156-174p>

- Sawaia, B. B. (2007). Teoria laneana: A univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social histórico-humana. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe2), 81–89. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500023>
- Severo, A. L. F., & Guimarães, P. B. V. (2020). A Política Nacional de Resíduos Sólidos e as cooperativas ou associações de catadores de recicláveis: Caminhos para o agente socioeconômico ambiental. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, 11(1), 272–307. <https://doi.org/10.7213/rev.dir.econ.soc.v11i1.24503>
- Silva, C. V. P. da. (2013). Psicologia latino-americana: Desafios e possibilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(spe), 32–41. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Tm46SRtz6SVcpM7TnYBwydp/>
- Silva, G. de., A. M. da. (2019). A crise da psicologia social brasileira: Apontamentos históricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(3), 48–63. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i3p.48-63>
- Silva, R. C., & Marcomin, F. E. (2020). Desvelamento da percepção dos catadores de material reciclável: Possibilidades à resistência. *Ensino, Saúde e Ambiente*, n.spe., 310–330. <https://doi.org/10.22409/resa2020.v0i0.a40189>
- Silva, S. P. (2017). *A organização coletiva de catadores de material reciclável no Brasil: Dilemas e potencialidades sob a ótica da economia solidária*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. https://www.econstor.eu/bitstream/10419/177484/1/td_2268.pdf
- Silva, V. (2014). *A supervalorização do diagnóstico de autismo na escola: Um estudo sobre subjetividade social* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/17792>

- Silva, W. V. N. da., & Hüning, S. M. (2020). Da vulnerabilidade social como condição de saber nas pesquisas em psicologia social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, Artigo e213073. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003213073>
- Souza, E. C. (2013). *Tonalidades emocionais emergentes nas produções de sentidos subjetivos configuradoras da aprendizagem musical* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/jspui/handle/10482/19113>
- Souza, J. (2009). *A ralé brasileira: Quem é e como vive*. Editora Contracorrente.
- Souza, J. (2019). *A elite do atraso: Da escravidão a Bolsonaro*. Editora Estação Brasil.
- Szigethy, L., & Antenor, S. (2020, 9 de julho). *Resíduos sólidos urbanos no Brasil: Desafios tecnológicos, políticos e econômicos*. IPEA – Centro de pesquisa em ciência, tecnologia. <https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/217-residuos-solidos-urbanos-no-brasil>
- Teixeira, M. M. (2010). *Realidade revelada: Os catadores informais de materiais recicláveis no contexto da Universidade de Brasília* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/7136>
- Telles, V. da S. (2001). *Pobreza e cidadania*. Editora 34.
- Tosoni, G. A., & Garcia, C. G. (2020). Índice de desigualdad y crecimiento económico en América Latina. *Investigación Económica*, 79(314), 106–134. <https://doi.org/10.22201/FE.01851667P.2020.314.76350>
- Vieira, A. dos S. G. (2019). *Representações sociais configuradas na subjetividade social e suas expressões no trabalho pedagógico* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/37401>

Vigotski, L. S. (1983). *Obras escogidas*. Tomo III. Editora Visor.

Vigotski, L. S. (2012). *Pensamiento y habla*. Editora Colihue.

Vilhena, A. (2018). *Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado* (4ª ed.) Editora Cempre.

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.

Temáticas, 22(44), 203–220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (4ª ed.). Editora Bookman.

APÊNDICE A

Observação participante do cotidiano no Complexo Integrado de Reciclagem do Distrito Federal – CIR/DF: galpões de separação, reciclagem e comercialização

Roteiro

1) Rotina e dinâmica de trabalho

- Horários e atividades desenvolvidas no cotidiano - rotina e a dinâmica de trabalho diária e semanal das catadoras.
- Regras e normas estabelecidas: O que se define? Como se cumpre? O que acarreta o descumprimento? Válido para todas? Existem exceções? Punição? Sistema de bonificação?
- Como se organiza a rotina e a dinâmica de trabalho no âmbito coletivo e individual?

2) Espaços e recursos materiais

- Recursos materiais disponibilizados e utilizados, individualmente e em grupo.
- Organização dos espaços do galpão: maquinário, mobiliários, acessibilidade e conservação.
- Condições físicas e materiais dos recursos disponíveis: Como é adquirido? Como a catadora acessa? Como aprende a utilizar? O que é para todas? Existem diferenças em trabalhos específicos?
- Divisão e organização dos espaços - responsabilidades e papéis

3) Ações, atuação e relações estabelecidas

- Ações e relações profissionais e pessoais nos diversos espaços - rotina do trabalho, refeitório, reuniões, assembleias etc.
- Como se caracterizam as relações?
- Que vias de comunicação são utilizadas? Como se constituem?
- Como são as dinâmicas sociais constitutivas do contexto e quais são?

APÊNDICE B

Análise de documentos produzidos no processo de implementação do CIR/DF, da regulação e funcionamento da Centcoop e Cooperativa

Roteiro

- Estrutura e organização do documento.
- Níveis de participação das catadoras de materiais recicláveis na discussão e elaboração do documento.
- Articulação do documento com a ação do trabalho dos profissionais da Cooperativa e Centcoop: relação entre aproximações e distanciamentos.
- Registro histórico do processo de implementação e movimento social das catadoras.
- Restrições e definições com implicação na ação das catadoras.

APÊNDICE C

Dinâmicas conversacionais (individuais e em grupos)

Roteiro e Eixos (individual)

- Trajetória de vida e relações familiares
- Situação atual de vida - vínculos, família, moradia, alimentação, saúde...
- Questões relacionadas às desigualdades de classe, pobreza, gênero e raça
- Relação com a escola e nível de escolaridade
- História profissional, interesses e aspirações profissionais
- Interesses e história inicial de sua relação com a catação - aprendizagens iniciais exigidas e desenvolvidas
- Ingresso na profissão como catadora: início, diferentes momentos da ação e suas principais experiências.
- Ingresso na Cooperativa atual: trajetória, tempo de atuação e experiências significativas.
- Relações no espaço de trabalho com as catadoras, fiscais, presidente e pares em geral.
- Concepções em relação ao trabalho e da Cooperativa: aspectos relevantes nos diferentes momentos da pesquisa.
- Frustrações e satisfações com o trabalho desenvolvido na cooperativa.
- Avaliação de sua ação como catadora antes e depois de fazer parte da Cooperativa – avanços, retrocessos e sugestões
- Avaliação de seu trabalho como catadora antes e depois do fechamento do lixão da Estrutural

- Relação entre sua vida e sua ação - perspectivas da nova situação de trabalho e nova dinâmica de ação sob regime de trabalho da cooperativa
- Como se sente em relação a sua profissão e ao seu trabalho como catadora (em diferentes momentos da pesquisa)

Roteiro e Eixos (em grupo)

TEMA I: Eu me reconheço como catadora: identidade catadora e sua ação.

TEMA II: Profissão catadora e suas relações com a vida pessoal

TEMA III: Vínculos com a Cooperativa: implicação das catadoras e relações estabelecidas

TEMA IV: Como me vejo no futuro: prospecção, anseios e projetos (sonhos e imaginação)

APÊNDICE D

Complemento de frases³⁷

- | | |
|--|---|
| 1. Eu gosto | 38. Vou tentar alcançar |
| 2. O tempo mais feliz | 39. Costumo refletir sobre |
| 3. Queria saber | 40. Diariamente me proponho |
| 4. Lamento | 41. Me dedico na maior parte do tempo a |
| 5. Meu maior medo | 42. Sempre que posso |
| 6. Na escola | 43. Luto |
| 7. Não posso | 44. Frequentemente sinto |
| 8. Sofro | 45. O passado |
| 9. Fracassei | 46. Me esforço |
| 10. A leitura | 47. As contradições |
| 11. Meu futuro | 48. Minha opinião |
| 12. Ser catadora | 49. Penso que os outros |
| 13. Estou melhor | 50. Casa |
| 14. Algumas vezes | 51. Me irritam |
| 15. Este lugar | 52. Quando eu vou para cama |
| 16. Minha principal preocupação | 53. As mulheres |
| 17. Desejo | 54. As pessoas |
| 18. Eu secretamente | 55. Uma mãe |
| 19. Eu | 56. Sinto |
| 20. Meu maior problema | 57. Os filhos |
| 21. O trabalho | 58. Quando era criança |
| 22. Amo | 59. Quando tenho dúvidas |
| 23. Minha principal ambição | 60. No futuro |
| 24. Eu prefiro | 61. Necessito |
| 25. Meu problema principal | 62. Meu maior prazer |
| 26. Queria ser | 63. Odeio |
| 27. Creio que minhas melhores atitudes são | 64. Quando estou sozinho |
| 28. A felicidade | 65. Meu maior medo |
| 29. Considero que posso | 66. Eu trabalho |
| 30. Me esforço diariamente por | 67. Fico triste quando |
| 31. Me custa no trabalho | 68. O estudo |
| 32. Meu maior desejo | 69. Meus amigos |
| 33. Queria sempre | 70. Meu grupo |
| 34. Eu gosto muito | |
| 35. Meus desejos são | |
| 36. Meus estudos | |
| 37. Minha vida futura | |

³⁷ Instrumento adaptado do original de González Rey e Mitjáns Martínez (1989).